

Artífices coleção



Nita Fleury Curado

VIDA

Nita Fleury Curado



VIDA

CAPA DA NOVA EDIÇÃO

*Ilustração a partir de trabalhos em xilogravura
produzidos por estudantes do curso Técnico em
Modelagem do Vestuário – Educação de Jovens e
Adultos, parte do acervo da Galeria de Artes e Ofícios
(Galo) do Câmpus Aparecida de Goiânia do IFG.*

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Criação de Rubens Fleury.

Artífices^{coleção}



Nita Fleury Curado

VIDA

ISBN 978-85-67022-56-7

© 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

C975	Curado, Nita Fleury, 1897-1986. Vida / Nita Fleury Curado. - Goiânia: Editora IFG; São Paulo: Ed. IFSP, 2021. - (Coleção Artífices). 256 p. ISBN 978-85-67022-56-7 ISBN (e-book): 978-85-67022-48-2 I. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Título. II. Coleção. CDD 869.3
------	--

Catálogo na publicação:

Maria Aparecida Rodrigues de Souza - Bibliotecária – CRB 1/1497

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Editora IFG

Avenida C-198, Qd. 500, Jardim América

Goiânia/GO | CEP. 74270-040

(62) 3237-1816

editora@ifg.edu.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	7
PREFÁCIO	
VIDA	17
DEDICATÓRIA	21
VIDA	23
AMOR MATERNO	27
DITA	31
OLHO DE DEFUNTO	37
O EXPEDICIONÁRIO QUE FICOU EM PISTOIA	45
NOÉ	49
O ÚLTIMO SÃO JOÃO	53
NATAL DISTANTE	57
FRUSTAÇÃO	61
JUSTIÇA DE ANTANHO	67
LIBERTAÇÃO	71
VERDE... TÃO VERDE...	77
CAIXÃO DE SÃO VICENTE	81
ZÉ CLAUDINO	85
CHÁCARA BAUMANN	95
FONTE DA CARIOCA	99

RETORNO DO PRACINHA	103
VAIDADE	107
BEIRA DO RIO TURVO	109
DESTINO TRUNCADO	111
O BROCHE DE BRILHANTES DA MULHER DO DR. CUNHA	169

POSFÁCIO

VIDA: A LITERATURA DE VILA BOA DE GOYAZ DE NITA FLEURY CURADO	245
--	------------

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

*Folheio o livro, pensativo e triste,
sorvendo os seus poemas, devagar...
Sondando, desnudando, ao meu olhar,
a alma que nestas páginas existe...*

A.G. Ramos Jubé, em "Semelhança".

Os senões, as imperfeições que lhes deslustram presentemente as obras, com o tempo, com a experiência e o aperfeiçoamento irão ficando para trás, motivo pelo qual não vacilamos, com os olhos no futuro, em dizer ao prezado leitor: folheie o nosso livreto.”¹ Esse excerto foi retirado de uma publicação de 1947. Naquele ano, em um dos pavilhões em *art déco* do prédio localizado no Setor Central da capital recém-fundada, funcionava a Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Goiânia (ETG) com as oficinas de tipografia e encadernação. Com o apoio do diretor da Escola, foram impressos os três poemas vencedores do Primeiro Concurso de Poesias do Movimento Unificador dos Estudantes Goianos, depois de serem avaliados por nada menos que Bernardo Élis, Leo Lynce e Eli Brasiliense, três destacados nomes da literatura produzida em Goiás. Trata-se da publicação mais antiga de uma gráfica de cuja história partimos para compor esta apresentação.

¹ MUEG (Movimento Unificador dos Estudantes Goianos). *Primeiro concurso de poesias*. Goiânia: ETG, 1947. Não paginado.

A partir da inauguração e do batismo cultural de Goiânia em 1942, cinco anos depois de oficializada a transferência da capital do estado, alguns fatos mostraram-se decisivos para a conformação de um cenário literário na cidade. Um dos mais importantes consistiu na instalação da ETG, que representou a continuidade institucional da Escola de Aprendizes Artífices, a qual, desde 1910, estava em funcionamento em Vila Boa, a antiga capital. A contribuição para a produção local de literatura vinculou-se, sobretudo, às atividades do curso de Artes Gráficas. Como atesta o escritor Aidenor Aires, “na gráfica da Escola, onde o ofício de gráfico ainda era aprendido com caixilhos de tipos móveis e uma fumegante linotipo a chumbo, confeccionavam-se vários livros de autores goianos”.² Em depoimento à Editora IFG, o promotor de Justiça Wagner Jerson Garcia, ex-aluno do referido curso e filho de Odir Garcia, mestre linotipista da Escola, afirmou que a gráfica, a maior da Região Centro-Oeste até os anos 1960, cumpriu um importante papel social à época, uma vez que, por contar com o ofício dos aprendizes, conseguia oferecer serviços gráficos a baixo custo, o que facultava o caminho da publicação a quem dispunha de poucos recursos.³ Nesse contexto, a ETG foi a responsável por imprimir livros de prosadores e poetas em início de carreira, como Aires exemplifica em seu depoimento:

2 AIRES, Aidenor. *Estrela nascente do anjo Gabriel*. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://blogdoelius.blogspot.com/2010/11/estrela-nascente-do-anjo-gabriel.html> Acesso em: 20 mar. 2020. Não paginado.

3 COLEÇÃO Artífices. Goiânia: Editora IFG, 2019. Produção de Renata Rosa Franco, Bruno Fiorese, Vinícius Soares e Olliver Mariano Rosa. 1 vídeo (3min49s). Publicado pelo canal Editora IFG. Disponível em: <https://youtu.be/scRyR2hBEIM> Acesso em: 20 maio 2020.

Ali consegui o *Pássaro de pedra* de Gilberto Mendonça Teles. Pelos corredores passava a figura fina quase diáfana, flutuando com a Vênus de Botticelli, a poetisa Yêda Schmaltz, que editava *Caminhos de mim*. Também Edir Guerra Malagoni, com seu *Tardes do nada, Primeira chuva*, de Bernardo Élis, e outros. Teatro, poesia, música, oratória.⁴

Essa prestigiada atividade gráfica não começou apenas com produção literária. Em 1948, o relato policial de J. C. Canedo, *História de um crime ou o crime de aldeia*, recebeu uma segunda edição em razão de seu sucesso, o que, nas palavras do autor, devia-se, em alguma medida, “ao trabalho gráfico executado pelos artífices da Escola Técnica de Goiás, onde a arte e o gosto não se fizeram faltar”.⁵ Ainda na década de 1940, no mesmo ano em que colocava no prelo os poemas do professor José Lopes Rodrigues com o título *Vibrações* (1949), publicava uma obra de referência documental do historiador e geógrafo Zoroastro Artiaga, a *Monografia corográfica e histórica da nova capital de Goiás*.

Dois anos depois, em 1951, eram impressas as *Lendas de minha terra*, obra de Mário Rizério Leite contemplada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, política de fomento à literatura goiana criada pela Prefeitura de Goiânia em 1943. Em 1955, Bernardo Élis apresentava seu único livro de poesia, *Primeira chuva*, com a inscrição “Tip. e Enc. da ETG”. Nesse mesmo ano, Gilberto Mendonça Teles estreava sua longa trajetória na escrita poética com *Alvorada*, também forjada pelas mãos dos escolares linotipistas. No início da década seguinte, Teles continuou sua parceria com a gráfica dos artífices: publicou, em 1962, *Pássaro de*

4 AIRES, 2010.

5 CANEDO, J. C. *História de um crime ou o crime de aldeia*. 2. ed. Goiânia: ETG, 1948.

pedra, que recebeu o Prêmio Álvares de Azevedo, concedido pela Academia Paulista de Letras, e editou, em 1964, seu discurso de posse na Academia Goiana de Letras com o título “A poesia de Leo Lynce e o sentido simbolista da obra poética de Erico Curado”.

Os anos 1960 foram marcados por uma produção profícua, que traduzia o contexto de movimentação artístico-cultural de uma juventude criadora. Em 1963, Ciro Palmerton Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmaltz e Edir Guerra Malagoni participaram da criação do Grupo de Escritores Novos (GEN), que, até 1967, agremiou vozes que desejavam trazer mudanças à literatura goiana, sintonizadas com o movimento literário nacional e internacional. A gráfica da ETG tomou parte nesse processo quando levou do chumbo às páginas os livros desses quatro poetas, respectivamente: *Tempo maior* (1962), *Poemas de ascensão* (1963), *Caminhos de mim* (1964) e *Tardes do nada* (1965). No final da década, já com a marca da nova institucionalidade de uma autarquia da União, Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), vinham ainda a lume pelas mesmas tintas a coletânea de poemas da musicista Silvia Nascimento, *Madrugada* (1968), e a seleta de crônicas, contos e novelas de Nita Fleury Curado, *Vida* (1969). No início da década seguinte, a ETFG apresentava ao público a criação poética de Emir Omá (pseudônimo do poeta Euler de Amorim) por meio da segunda edição de *Aquarelas goianas* (1970) e do lançamento de *Flor de abril* (1971), as últimas obras que teriam sido impressas à época nas linotipos da Escola.

De todas essas obras foram selecionadas dez para representar a produção e compor a Coleção Artífices, que resgata não só a história do IFG e sua incursão no mercado editorial, mas também as marcas deixadas no estado quando da transferência da capital e os sentimentos vividos naquelas décadas, literalizados nas páginas de diversos autores, muitos deles em suas primeiras

obras. Apesar de a personalidade editorial não ser prioritariamente literária, uma vez que se publicava todo tipo de material impresso, sendo a gráfica acessível àqueles que pretendiam divulgar seus escritos, a literatura se destaca nesse período, principalmente em razão da publicação das primeiras obras daqueles que iriam se tornar grandes nomes da literatura regional e nacional. Da materialização dessas obras nascem a circulação e a divulgação delas feitas pelos jornais, pelos suplementos literários e pelos próprios autores, em saraus e encontros na capital goiana. Na livraria Bazar Oió, conhecido espaço cultural da capital goiana à época, os autores circulavam em diversos momentos e eventos. A importância de materializar uma obra literária naquele momento é perceptível ante a promoção dos escritores publicados pela ETG em jornais e revistas não só do estado de Goiás, mas de São Paulo e de cidades como Brasília e, especialmente, Rio de Janeiro – centro urbano que naquele momento ainda era considerado uma forte referência no circuito cultural.

Naquele contexto, esse movimento dependia muito das relações sociais, políticas e literárias de cada autor. A republicação atual ganha um novo aspecto e novos suportes, o que permite uma ampla circulação e divulgação por meio das plataformas digitais. Nesse aspecto, cabe a perspectiva de Le Goff, ao afirmar que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.⁶ Republicar significa memorar e marcar a presença cultural de uma instituição centenária e a sua importância para a produção literária, ao mesmo tempo que representa a afirmação da literatura goiana no cenário da literatura brasileira, o que é favorecido pela capilaridade da

6 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1999, p. 471.

Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, mesmo que a obra dos autores de Goiás ainda careça de reconhecimento em âmbito nacional.

Antonio Candido, no prefácio de 1957 à primeira edição do seu livro *Formação da literatura brasileira*, inscreve o seu apreço à nossa literatura na base do estudo apresentado. Embora à época tenha visto a literatura brasileira como “galho secundário” da portuguesa, esta, por sua vez, menor no “Jardim das Musas”, Candido diz: “Se não for amada (a literatura), não revelará a sua mensagem; e, se não a amarmos, ninguém o fará por nós”.⁷ O que nos interessa da afirmação de Candido não é a visão sobre o lugar ocupado pela literatura brasileira no conjunto da literatura ocidental, mesmo porque, passados mais de sessenta anos da publicação, e já àquela época, temos obras que fazem frente à mais qualificada produção literária da Europa e das Américas. O que chama a atenção é a disposição afetiva colocada no gesto do crítico e a responsabilidade ética que ele demanda do leitor e do estudioso de se debruçar sobre a nossa literatura.

A lembrança dessa passagem do livro de Candido vem a propósito do que temos a dizer sobre a literatura goiana, que teve na gráfica da ETG sua primeira casa editorial efetivamente de Goiás. Essa literatura surge com *O ditirambo às ninfas goianas*, que é tido como um canto de encômio feito pelo professor de latim e poeta Antonio Cordovil ao governador da província Tristão da Cunha Menezes. Nos registros consta a publicação de Cordovil entre 1792 e 1800. A considerar esse marco, temos, então, uma literatura com cerca de 220 anos, que nasce sob a égide da implantação da educação em Goiás, tendo em vista que Cordovil veio para cá com a função de ministrar aula de latim em

7 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos: volume 1: 1750-1836*. 8. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, p. 10.

Meia-Ponte, hoje Pirenópolis/GO. Uma literatura relativamente jovem que só vai constituir-se como tal no final do século XIX e no início do XX, quando podemos perceber uma produção modestamente acolhida por um público leitor, especialmente na capital da província e, depois da República, capital do estado, onde havia uma vida cultural intensa.

É esse contexto literário que, passado um pouco mais do seu centenário, produziu *Tropas e boiadas* (1917), de Hugo de Carvalho Ramos, uma das mais originais coletâneas de contos, já à época reveladores dos contrastes entre o urbano e o rural, entre o progresso e uma cultura sertaneja forte, presentes até hoje na identidade do povo brasileiro. Carvalho Ramos ganhou a cena nacional, mas contemporâneos seus ficaram à meia-luz como os poetas Félix de Bulhões, Luiz do Couto, Gastão de Deus, Augusto Rios e a poetisa Leodegária de Jesus. Sem citarmos Cora Coralina, que já mostrava seus primeiros escritos nos jornais e nos saraus.

Só mais tarde, com a mudança da capital e a construção de um contexto cultural embalado pela ideia de modernização, com agentes fomentadores e meios de produção criados, como a gráfica da ETG, é que a literatura goiana incorporou-se e desenhou com mais força seu percurso até os dias de hoje. É essa literatura, em cuja linha histórica percebemos as lacunas, o esquecimento e tantos silêncios, que a posição amorosa de Antonio Candido, citado anteriormente, serve para nos ensinar a valorizar e demonstrar nosso apreço a partir de sua leitura, de seu estudo e de sua partilha. O que a Coleção Artífices aqui apresentada propõe é trazer, às leitoras e aos leitores contemporâneos, poetas e escritores que impulsionaram a literatura goiana para ser o que ela é hoje: digna de ser lida e de ser examinada pelos leitores e bons críticos do estado de Goiás. A gráfica da ETG, ao publicar esses autores

no passado, assumiu protagonismo na história da literatura goiana, contribuindo para a sua afirmação e difusão. E o Instituto Federal de Goiás (IFG), agora, ao reeditá-los, abre o espaço que lhes pertence por direito no tempo presente e nos convoca para a leitura que exige o dever de “passar a limpo os autos do passado”.

Em 1947, aquele que apresentava o pequeno livreto de poesia ressaltou a qualidade dos poemas apresentados na ocasião. Dos três jovens poetas, apenas A.G. Ramos Jubé, que galgou o segundo lugar do concurso estudantil com o poema “Semelhança”, notabilizou-se nas letras goianas. Élis, Lynce e Brasiliense apontam-lhe os acertos. Não saberíamos dessa relação entre gerações de escritores goianos se não fosse as artes das oficinas de tipografia e encadernação da Escola. Como os estreates na poesia, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artesanania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio. Com essa homenagem, conectamos dois tempos e dois mundos, o que se materializa, inclusive, no projeto gráfico dos dez livros: suas capas originais, cuja imagem está reproduzida no interior das reedições, dividem espaço com as novas capas, resultantes da recriação de desenhos produzidos em xilografura por alunos do IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia como parte das atividades da Galeria Artes e Ofícios, a qual, em seu nome e em sua prática, rememora a artesanania de outrora.

A transposição espaço-temporal acontece também na composição das novas edições: reunimos à poesia ou à prosa dos escritores goianos prefácios de vozes célebres da cultura goiana, prefácios críticos de estudiosos da literatura do IFG, da UFG, da UEG e de outras instituições parceiras e, por fim, a reprodução de matérias jornalísticas veiculadas sobre os livros à época de sua primeira publicação, a maioria delas gentilmente cedidas pelo jornal *O Popular*. A todos os que colaboraram para tornar possível essa rica composição, registramos nosso agradecimento, sobretudo aos autores e familiares que cederam os direitos de publicação à Editora IFG.

Numa ou noutra das obras desta coleção que ora apresentamos, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Com vistas a essa dinâmica, a Editora estabeleceu sua estratégia de distribuição: toda a tiragem segue das gráficas para as estantes de bibliotecas públicas. Parafraseando os excertos que abrem esta apresentação, nós, os coordenadores da Coleção Artífices, não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a folhearem, com os olhos no futuro, cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.

OLLIVER MARIANO ROSA

MARCELA FERREIRA MATOS

GOIANDIRA ORTIZ DE CAMARGO

COORDENADORES DA COLEÇÃO ARTÍFICES

PREFÁCIO VIDA

S em pretensão de crítica ou qualquer forma de estudo literário, ousou apresentar este livro “VIDA” de Mariana Augusta Fleury Curado (Nita).

Tia Nita era irmã de meu pai, o caçula entre sete irmãos.

Seus dezoito contos primam pela narrativa envolvente, a maioria com fundo trágico. Em alguns, momentos de romantismo, narrados com descrição ágil e bastante interessante, permeada de diálogos bem construídos. A capacidade imaginativa é maravilhosa, nos prende do começo ao fim. Profunda conhecedora da alma humana, tia Nita disseca o mundo psicológico dos personagens com maestria.

A emoção pulsa nas entrelinhas e nas tramas bem trançadas. Tia Nita vai fundo na VIDA dos personagens e mostra a realidade da “vida”, os bons momentos, os tristes, os alegres, os dramáticos e os insolúveis – enfim, a realidade do viver, do ser humano em sua pobre condição de existir.

É um clássico que veio de uma época em que as mulheres viviam o dia a dia como donas de casa e mães, talvez realizando trabalhos com agulha, bordados, lendo romances, fazendo pinturas, atividades muito frequentes entre pelas jovens e senhoritas contemporâneas de Nita.

Lembro-me, quando ainda menina, de tia Nita: pele morena; olhos grandes, expressivos; cabelos pretos; andar rápido; muito espirituosa e alegre; às vezes

irônica, brincava conosco ainda crianças, sempre sorridente e amiga. Minha avó Dolinha (mãe de minha mãe) contava que Nita, quando jovem, foi linda moça.

Tocava piano e o marido, o tio Agnelo, violino, ao seu lado. Tio Agnelo Arlington Fleury Curado e tia Nita eram primos, ambos gentis, finos, educados e cristãos convictos. Ficaram muito abalados quando seu filho, delegado em Marília, São Paulo, Dr. Everton (tinha apelido de Eton), caiu em uma emboscada de ladrões perigosos e foi morto pelas costas com muitos tiros, uma “tocaia” bem armada.

Outro episódio triste foi a ida do filho do casal Sebastião, apelidado de Asti, para a guerra na Itália. Nesse tempo, eu ainda não havia nascido, mas me lembro de tia Nita contar como sofrera sem notícias e com a longa ausência. Ele voltou são e salvo. Asti era loiro, de olhos claros, como o tio Agnelo. Uma parte dos filhos do casal tinha pele morena; outra, clara, como a dos “vikings”, de olhos verdes ou azuis e cabelos loiros, como o Asti, que morreu relativamente novo, desgastado com a guerra.

Na casa de tia Nita, no centro de Goiânia (rua 6 esquina com a rua 2), pertinho da Avenida Araguaia, havia muitas parreiras cheias de uvas verdes e roxas, rodeando um alpendre que tinha a forma da letra L; só depois havia um quintal com laranjeiras, limoeiros – é o que me lembro. Na frente da casa, havia a Farmácia Santana, de tio Agnelo, que a trouxera da Cidade de Goiás na época da mudança da capital.

Ele foi um dos criadores da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Formou-se em Ouro Preto, Minas Gerais. Se não me engano, foi a primeira farmácia de Goiânia. Tia Nita também foi pioneira da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG).

Há estudos realizados por pesquisadores da área de Letras da UFG sobre as mulheres da família Fleury. Neles há registro da presença de muitas escritoras na família. Somente para citar algumas: Rosarita Fleury (prima de Nita), premiada pela Academia Brasileira de Letras (ABL) com o prêmio Julia Lopes quando lançou *Elos da mesma corrente*, e Maria Paula Fleury de Godoy (irmã de Nita), que escreveu o primeiro livro de conto infantil *A viagem de Nancy*. Além das mulheres que se dedicaram à escrita, temos também o escritor Bernardo Elis (primo de Nita), o único goiano, até o presente, que pertenceu à ABL. Tia Nita tem uma neta, filha de Agnelito, filho de Nita já falecido, que escreveu alguns romances e nunca publicou. É uma pena! Em nosso país e em nosso estado, escritores e artistas em geral e também professores não têm muita sorte em questão de valoração e de ganhos monetários. É só conferir, olhar ao redor!

A mãe de Nita Fleury, Augusta de Faro Fleury Curado (de quem herdei o nome) foi a primeira mulher em Goiás a escrever um diário de viagem, *Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896*, organizado por sua filha escritora Maria Paula Fleury de Godoy, baseado no caderno-diário de viagem de Augusta de Faro, que, quando morou em São Paulo, publicou *Ramalhete (contos e poemas)* e “Devaneios” ainda no tempo do Império.

O pai de Nita, Sebastião Fleury Curado (primo de Augusta mãe), foi constituinte de 1891, abolicionista, deputado federal por Goiás, escrevia artigos para jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ele se formou na tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (Arcadas) em São Paulo. O pai de Augusta (avô de Nita), André Augusto de Padua Fleury, foi diretor dessa instituição de ensino e foi presidente de três províncias ainda no Brasil Império. Por coincidência,

meu pai e meu irmão também se formaram na faculdade do Largo de São Francisco.

O que mais admiro nas pessoas da família é a generosidade e a simplicidade com que tratam todos – isso que comento sobre Nita é algo familiar, não precisava nunca estar aqui, mas, como faço o prefácio desta edição do livro, detalhei as memórias que guardo da autora, de seus familiares, de seu tempo, de sua vida – aliás do que posso me lembrar.

Sei muito bem que os leitores vão apreciar o livro VIDA, os contos, os enredos, o estilo, registrando momentos românticos e dramáticos que tocam a nossa curiosidade.

AUGUSTA FARO FLEURY DE VULIO

Escritora pioneira da poesia infantil em Goiás, autora de livros para crianças, livros de poesia e contos.

DEDICATÓRIA

Agnelo:

Decorria serena e bem vivida a nossa existência a dois. A escala de sete notas — nossos filhos — era, para nós, harmoniosa sinfonia. Revivíamos neles.

Porém, naquele malfadado 9 de dezembro, foi esta escala alterada e a nota MI substituída pela DOR.

Juntos carregamos a cruz gotejante de lágrimas que a VIDA atirou sobre nós. Havia então um amparo mútuo. Agora... a outra cruz que mais temia — SUA AUSÊNCIA — é a que me aniquila.

Nita

VIDA

Fora uma praga terrível que surgira, sem que ninguém soubesse de onde e como – aranhas grandes, peludas, cor de barro.

Apareciam sempre às caladas da noite e, misteriosas, sorrateiras, penetravam nos ranchos alinhados em frente à mata. Nesses ranchos moravam operários que trabalhavam no leito da estrada de ferro. Homens rústicos e, por isto mesmo, bastante explorados pelos senhores da companhia construtora, uns italianos catíngudos, que mal falavam o português, com exceção dos xingatórios.

A aranha peluda, cautelosamente, aproximava-se do jirau onde dormia o operário um sono pesado e abrutalhado de gente que lida com a terra.

Deslizando sobre o jirau, a aranha procurava alcançar o rosto do paciente e aí se aninhava num olho, de preferência o esquerdo, e à medida que deitava um líquido anestésico, ia dilatando as quelíceras até conseguir envolver o globo ocular e lentamente extraí-lo. Após alguns minutos a vítima sentia dor e despertava assustada, levando rapidamente a mão à órbita vazia e ensanguentada. Aproveitando o pânico, a confu-

são dos primeiros instantes, a aranha, aos saltos, fugia.

Raras vezes foram vistas. Grandes, peludas, cor de barro.

Seria a floresta próxima seu *habitat*?

O caboclo Josino gostava, depois do trabalho extenuante do dia, de ficar sentado embaixo da frondosa mangueira, em frente ao rancho.

Sentava-se com a filha no colo. Aí permanecia o caboclo até aparecerem as primeiras estrelas no céu arqueado e longínquo. Ficava brincando com a menina, que já falava. Era bonita a filha do Josino. Clara, os olhos ora azuis, ora verdes, mistura do céu e da mata.

Passavam conhecidos e sempre a mesma conversa:

– Engraçado, a menina tem olho azul que nem conta...

– É... – respondia com voz arrastada o Josino, mostrando os dentes alvos, pontiagudos. – Puxô gente da Rosinha.

Certa noite a menina choraminga. Josino balança o jacá, que servia de berço. Passados instantes, vibra no rancho pobre, um grito aflitivo. Assustado, põe-se de pé o caboclo e, debruçando-se sobre o leito da filha, vê, horrorizado, na meia obscuridade, uma sombra no rostinho claro. A aranha! De um repelão pega-a e grita à mulher para trazer a candeia. Numa contração nervosa, vai esmagando a aranha na mão.

À luz fraca e vacilante da candeia de azeite, vê, com pavor, o rostinho ensanguentado, cuja órbita vazia dá-lhe um arrepio.

Aproximando-se da Rosinha que, trêmula, segura a candeia, Josino abre a mão calosa, onde, entre pernas

peludas e sangue, está o olho azul da filha.

Mas, como mudara a expressão do olho! E como nunca se apercebera da parecença!

Um clarão ilumina por dentro o Josino. Um clarão, depois um desmoronamento. E, atirando no rosto pasmado da Rosinha o olho azul, de envolta com sangue e gosmas:

– Fica, também, cachorra, com o olho do seu Aluísio.

Abrindo a porta do rancho, Josino desaparece na noite.

AMOR MATERNO

E só então a velha percebera a tremura das mãos. Aos seus ouvidos ainda ressoavam as palavras ásperas da nora, quando, num gesto estabonado, retirara a criança de seus braços.

— Coisa esquisita! É a senhora pegar na menina ela começa a chorar e não para tão cedo. E não é a primeira vez que isto acontece. Esquisito!

E, dirigindo-se a um canto do quarto onde, numa cantoneira, havia diversas imagens de santos, velas bentas e flores de papel, a nora implorou, em voz alta, que os santos lhe dessem paciência, que afastassem os maus olhados; e caminhava acelerada pelo quarto pequeno ninando a criança que ainda chorava.

A velha ficara parada junto à mesa. Num relance se lembrou das dificuldades que vencera para criar e educar os filhos. Como ajudara o marido! Conseguiram até certa independência financeira.

Depois de criados, os filhos foram aos poucos deixando a casa paterna. As filhas se casaram e partiram para outras cidades. De vez em quando vinham visitar a mãe. Esta não podia crer fossem elas as mesmas criaturas de antigamente. Mudaram tanto no modo de apreciar as coisas, no pensar, e até mesmo na religião. Cada vez que as filhas a visitavam, a velha mais distante se achava de suas filhas.

Dos filhos, o mais agarrado a ela era Teodoro, o caçula. Este se casara com aquela moça que, no tempo de noivado, era só “mãezinha para aqui, mãezinha para acolá”. Mas, após a morte do sogro, a nora começara a tratá-la friamente e sempre referindo-se a “grandes heranças”.

A velha fingia não compreender e continuava a frequentar a casa do filho. Assim que lá chegava, a nora saía da sala e ia buscar uma xícara de café requentado. Tinha até impressão de que naquela casa só se tomava café requentado. A nora fazia aquilo maquinalmente, como uma obrigação. Depois se envolvia com os filhos a fazer mingaus, a dar remédios.

Os netos não lhe tinham o menor respeito, não lhe tomavam benção e um dia, a uma observação do pai, o neto mais velho retorquiu:

– Eu não beijo mão de velha, mão feia, ruguenta.

A nora riu por muito tempo, um risinho antipático e fino, fingindo estar rindo do filho menor.

Um dia, Teodoro fora visitá-la e enquanto conversavam, um dos netos, já taludinho, passeava pela sala de um lado para outro. Parando em frente a um retrato grande de moldura dourada, retrato de um antepassado, interrompeu a conversa:

– Paê... paê... – E, como o pai não atendesse, repetiu bem alto: Paê... paê... Quem é aquele cabra? Parece do brucutu do Gibi.

Tudo isto lhe veio à mente num momento, enquanto acompanhava o vaivém da nora com a criança nos braços.

E ainda trêmula se dirigiu à porta, a qual abriu e fechou com cuidado. Seu vulto esguiu lentamente desapareceu na escuridão da rua.

Desde então, fez de sua vida um caso raro. Viveu só e feliz. Viveu daí em diante com suas lembranças, com suas saudades. Alimentava-as. Não deixava que se enfraquecessem. Cercou-se de retratos dos filhos quando meninos, adolescentes, moços; quando eram somente dela. Sentia-se bem, recordando as travessuras dos filhos. Fechava os olhos para melhor se recordar deles e revê-los. Talvez, pressentindo aquele seu fim de vida (quem sabe?), quando os filhos eram pequenos gostava de os ver rindo e assim os observava bem, para gravar na mente a expressão alegre daqueles rostos queridos.

E, ora vinha-lhe à mente o riso do primeiro filho, de boca grande, de lábios grossos e vermelhos, que ria também com os olhos; ora, o riso de outro filho, que tinha os olhos bem castanhos e tristonhos; mesmo rindo, o olhar permanecia triste. Depois o da menina, um riso estridente e prolongado, ria sacudindo os ombros. E o riso do caçula mostrando os dentinhos claros e separados. De um a um relembrava todos os filhos.

Viveu assim muito tempo, conseguindo o que poucas pessoas conseguem: amar a saudade, viver só e feliz.

Chamaram-na esquisita, maníaca. Pouco importava.

Só, na sua casa, isolada para os outros, porém cercada de lembranças dos entes queridos, esquecia o presente.

Assim, não ocupou lugar na vida dos filhos, embora tivesse todo o espaço do coração cheio de suas imagens queridas.

DITA

Todo mundo correu. Corri também. Era u'a mulher morta.

Bonita, morena. Olhos verdes abertos, bem abertos.

– Sempre tive medo das mulheres de olhos verdes.

São mais falsas que as outras.

– É a Dita – murmuraram.

– Coitada! Tão moça!

– Tão alegre!

– Ah! Mas tinha de acabar assim... Era má...

– Má mesmo. E para namorar...

– Namorar... Todo mundo namora.

– É, mas namorar dois ou três de uma vez...

– Era bonita demais! Todo mundo tem inveja da beleza, falou uma velha olhando para u'a moça de nariz arrebitado e cabelos tintos.

– Mas quem é?

– É a Dita, filha de Gerôncia.

– Ah!... – fiquei na mesma.

– Que Dita sem dita – diz um engraçado.

Desde pequena a Dita fora diferente das outras meninas; enquanto estas se entretinham a brincar com bonecas, costurando roupinhas debaixo da frondosa mangueira, a Dita, lá nas grimpas, ria alto, atirava folhas nas companheiras, assobiava às pessoas que passavam na rua.

A mãe chamava, ralhava, mas qual, ela não atendia. Outras vezes, dependurava-se num galho, sustida por um só braço e gritava às amigas que a aparassem, pois ia cair. Ria-se depois do susto das meninas.

Já mocinha fora a uma romaria. Só então ficou sabendo ser mesmo bonita. Tanta gente olhando... Tanto palpite na boca dos homens.

As mulheres, depois que ela passava, olhavam também e ela, só para rir, virava-se rapidamente, ainda em tempo de notar como os olhares femininos fugiam, desviavam-se, fingindo indiferentismo.

Havia automóveis na romaria. Um sucesso. E Dita, quando avistava um em marcha ligeira, gostava de ir andando ao seu encontro, até chegar bem perto, embora a buzina desse alarme.

– Sou a princesa que vai ser devorada pelo dragão de olhos de fogo, redondos como pires.

Depois afastava-se rindo. O chofer jogava uma praga, a mãe dizia assustada:

– Você está doida, menina. Olha! Quem ama o perigo, nele perece.

– Então nada há a recear, pois eu só amo a mim mesma.

Mais tarde conheceu um rapaz metido a poeta, pálido, magro, olheirento. Tornaram-se namorados. E era um nunca acabar de versos.

À tardinha, junto à janela onde a Dita se debruçava, retirava ele do bolso um papel cuidadosamente dobrado, cheirando a perfume barato, e lia com ênfase:

“À deusa morena dos meus sonhos”. Mas nunca chegava a terminar. Dita o interrompia com uma gargalhada estrondosa ou mandava que parasse com aquele enjoo, e fingia-se amuada.

Para judiar com o poetastro, ficava toda prosa quando chegava outro “fã”, o Léo, alto, espadaúdo, atleta.

Verdadeiro contraste. — Um — fraco, poeta, amoroso: outro — forte, jogador de futebol, sem ideias. Este era mais querido. As mulheres apreciam tanto um homem sem ideias.

E assim ia a vida: “embromando” o poeta e o futebolista.

Se brigava com o poeta, dizia que só se casaria com um atleta, tinha horror a homem fraco, magro. E revirava os olhos verdes de tal modo, que o poeta sentia-se logo inspirado. E era mais um soneto “à deusa morena”.

Mas, impressionado com as palavras de Dita, o poeta comprou “Meu Sistema”, de Müller, e todas as manhãs, bem cedo, esmurrava o ar em diversas direções, procurando tornar rijos os músculos para agradecer à namorada. Mas, no fim de três dias, desistiu.

— Ah! Como é difícil ser atleta. Antes fazer muitos sonetos.

Zangando-se com o futebolista, Dita dizia amuada, juntando os lábios carnudos num muxoxo:

— Qual! Eu aprecio os homens que cultivam as letras. Os escritores são homens superiores. Sabem falar sem errar. Todo mundo tem inveja deles. Têm os nomes nos jor-

nais. Quando publicam um livro, põem na primeira página: “À minha querida esposa, dona Fulana...” Lindo! Isto sim, é que é ser delicado.

O futebolista ficava abstrato, vermelho e não desviava os olhos daquela boca bonita, mas que só sabia dizer coisas maldosas.

Um dia deixou de ir ao treino. Comprou uma gramática. Leu-a todinha, e com voz grossa e arrastada repetia as interjeições: “Ai! Ui! Aqui-del-rei!” Leu tudo até o fim.

E assim ia a vida.

Chegou na terra o filho do Coronel. Formado. Não era bonito nem simpático, mas era filho do Coronel. E Dita, durante a reza toda não se fartou de corresponder aos olhares do rapaz.

O poeta suspirou tristemente; o futebolista mastigou uns nomes feios. Mas, o filho do Coronel ficou sendo o número três da roda junto à janela de Dita.

E ela dava esperança aos três. Ah! As mulheres de olhos verdes! Fugam delas! São mais falsas que Judas. Do que Judas? Não, do que as outras.

Mas tudo tem um fim.

O poeta perdeu a inspiração e meteu-se em mutismo.

O futebolista ameaçava. E Dita ria.

– Você há de deixar de rir um dia...

E Dita ria mais ainda, mas sentia vago temor do atleta. Não ligou atenção ao mutismo do poeta.

E foi o poeta, o lírico, que numa fúria incontida
cravou o punhal naquele coração leviano.

Hoje, o filho do Coronel é amigo inseparável do
jogador de futebol.

– E o poeta?

– Deixou de fazer versos. Casou-se com u'a moça
rica. É um graúdo na terra. Até engordou.

Esta vida...

—o o—
o

OLHO DE DEFUNTO

– Vá para lá, olho de defunto, disse-me minha avó, empurrando-me com força.

Todos riram.

Senti uma coisa ruim por dentro. “Olho de defunto”. Fui ao quarto de minha mãe olhei-me ao espelho. Meus olhos eram esquisitos, feios, sem expressão, sem cor definida, cinzento-esverdeados, faziam lembrar o limo dos pântanos. Demorei-me ao espelho, contemplando-me.

Minha mãe vendo isto çaçoou:

– Ih! ... Osório, chega de mirar-se. Você não é tão bonito assim. Só esses olhos... Olha que o espelho parte.

Atirei-me na cama soluçando alto. Minha mãe ficou brava.

– Que gênio! Que disparate! Chorar só por isto? Está mais vaidoso do que mulher.

Ela não ouvira minha avó me chamar “olho de defunto”. Chorei bastante. Depois, com o rosto úmido de lágrimas ainda enfiado no travesseiro, perguntei com voz trêmula:

– Que cor eram os olhos de meu pai?

– Eram pretos, bem pretos. Muito bonitos. Ele se parecia muito com sua avó. Como você vê, ela é bonita até hoje.

Era mesmo. Minha avó, já velha, era ainda bonita. Alta, de um moreno suave. Pele fina de poros fechados, pele

que nunca sofrera “maquilage”, olhos pretos, grandes, expressivos. Sabia rir com ironia. Enfim era bonita. Tinha verdadeira fascinação pela beleza física e fora feliz, pois os filhos, netos, noras, todos eram fortes e belos.

Quando um filho falava em se casar, ela não indagava se a família da moça era boa nem se a moça possuía qualidades. Fazia questão do físico. Bonita e sã. “Alma sã em corpo são”, repetia sempre. Talvez, por isso, não me tolerasse, a mim, feio, ruivo e com aqueles olhos... “Olho de defunto”, como me dissera.

Entre os primos fiquei sendo o “zóio de defunto”. Poucas pessoas gastavam comigo um Osório.

Minha mãe reagiu no começo, depois também se acomodou ao apelido. Eu é que não. Toda vez que o ouvia sentia uma punhalada no peito, mas nada podia fazer. Só odiar. Odiar minha avó, meus primos, todos e tudo.

Nas manhãs claras de céu magnífico, minha avó verdadeira amante da natureza, mandava armar uma rede debaixo da mangueira frondosa e aí, cercada de netos e crias, conversava enquanto ensinava às netas o crivo, o puçá que, embora velha, fazia com perfeição.

Sua prosa era boa, lia muito e estava a par do que ia pelo Brasil todo. Mas sua conversa preferida era sobre a eugenia, a ginástica, a higiene, enfim, a cultura física.

Citava sempre os gregos, os romanos. Todos os atletas e mulheres lindas da história eram suas conhecidas e sempre lembradas. Minhas primas, rosadas, belas, ouviam atentas a opinião de minha avó.

“Só a pessoa bonita é capaz de fazer o bem. O feio é marcado por Deus para o mal. Cultivando-se a saúde, tem-se a beleza. Não essa beleza de romances, palidez, olheiras, des-

maios, não. Isto nunca foi a beleza. Beleza é saúde, músculos, atividade robustez”.

“Você” – continuou, dirigindo-se à Márcia, “você a mais bela de minhas netas, deve escolher para marido um “sportman”, um rapaz hígido, para continuarem a boniteza de nossa gente. Se gostar de um feio, abafe o amor e case-se com um atleta. O físico acima de tudo.

Márcia olhou para mim e riu um riso fingido, depois riu acintosamente. Eu me desconcertei. Todos olharam para mim e riram.

– E o Osório com quem deve se casar? perguntou uma das primas.

– Ele... não deve se casar, disse minha avó.

Houve um silêncio. Senti o coração bater com força. Parecia que batia dentro da cabeça. Logo depois minha avó se levantou e dirigiu-se para casa. Observei então que ela estava um tanto curvada e, talvez por isso, trazia sempre um xale em torno do pescoço, caindo as pontas nas costas.

E eu, numa arremetida de mágoa, de raiva, de tudo, gritei:

– Cacunda, cacunda.

Foi um susto geral.

Minha avó era endeusada por todos. Ela virou-se com o espanto nas faces. Minha mãe, que estava na cozinha veio correndo e me segurou.

– Tá doido, menino, tá doido?

Foi um escarcéu. Vieram meus tios e falaram, falaram. Minha mãe chorava, segurando-me pela mão.

Nesse dia não mais vi minha avó. Meteu-se no quarto. A casa ficou silenciosa como se houvesse gente doente. Tive a impressão de que andavam nas pontas dos pés.

Quando nos chamaram para jantar, segui minha mãe e sentei-me ao seu lado. Em frente, Márcia com o rosto car-rancudo. Ninguém conversou e mesmo quase não comeram. Eu não, sentia-me bem. Já havia sofrido tanto com o “olho de defun-to” que só a lembrança do “cacunda” dava-me felicidade.

“Cacunda” era a salvação, a vingança. Vingança, que coisa boa! Pode não ser cristão, mas que traz um bem à alma, é um fato.

Minha mãe, já no nosso quarto, falou-me:

– Meu filho, por que você ofendeu sua avó? Des-de que seu pai morreu nós vivemos às expensas dela. Ela é boa, tem a mania de adorar a força física, o belo. Deixa! Cada um com sua mania.

– Mas, por que ela me chamou de “olho de defunto?”

– É, foi mal feito, mas você como neto, e neto pobre, devia ficar calado.

– Márcia riu, todos riram de mim – falei – fazen-do voz de choro. No íntimo estava alegre.

Depois deste fato, não mais fiz parte da roda em torno de minha avó. Não sei se falaram à minha mãe, mas só sei que ela me proibiu de reunir-me aos outros primos.

Vivi então, meio isolado. Comecei a sentir falta da companhia dos primos. Fugia, ia para o quintal, e olhava de longe minha avó, sentada na rede, com a roda alegre em torno.

Pelo Natal, minha mãe mandou-me até lá pedir-lhe a bênção. Custei, mas fui. Ao me aproximar, todos se ca-laram. Minha avó deu-me a bênção sem olhar para mim.

Não sei como foi, como souberam, mas na escola um dia me chamaram de “zóio de defunto”. Fiquei louco. Xin-

guei tudo que sabia, avancei no menino, mordi-lhe o braço até sangrar. Fui castigado. Voltei, nesse dia, triste para casa.

Continuou meu sofrimento. Quando saía da escola um grupo de colegas me acompanhava num ritmo exasperante:

– “Zóio de defunto... zóio de defunto...”.

Tanto chorei que minha mãe me tirou dessa escola, mas, na nova, logo souberam do maldito apelido.

Com o tempo, minha avó envelhecia discretamente. As netas, já algumas moçoilas, tratavam de arranjar noivo.

Eu ficaria bem alto. Havia melhorado com a mocidade.

Um dia, arranjava o laço da gravata ao espelho, quando ri, ouvindo um caso que Márcia contava na sala. Fiquei apavorado com os meus olhos, soturnos, inexpressivos, parados. “Olho de defunto”, veio-me à memória.

Minha avó já não dava reuniões debaixo das mangueiras. Mantinha, porém, aquele porte altivo e nobre. Era cercada de carinhos e de afetos. Um dia piorou repentinamente. Foi um rebuliço. Entrei em seu quarto, coisa que não fazia há anos.

A janela abria-se para o pátio, cheio de resedás e bogaris. Em frente à cama, um oratório aberto, com um São Sebastião muito gordo e calmo, apesar das flechas que lhe atravessavam o corpo. A seus pés, um raminho de flores secas creio que eram flores apanhadas no túmulo de meu avô. Do outro lado, um Menino Jesus, todo de ouro, cercado de anjos papudinhos e roliços.

Minha avó gemia baixinho. Mais tarde, todos saíram do quarto. Ficamos eu e Márcia. Na penumbra, pus-me

a reparar em Márcia. Era linda. Clara, olhos negros e profundos, rosto redondo, corada, cabelos castanhos e bastos. Estava distraída segurando a mão de minha avó.

O relógio grande batia os minutos num tique-taque sonoro.

Chegava até nós a conversa da sala.

– Quem está com ela?

– Márcia e “olho de defunto”.

Estremeci. “Olho de defunto...”. Fora ela quem me dera aquele nome não me largaria mais. “Olho de defunto”.

Saí do quarto rápido e gritei para meus tios:

– Olho de defunto, não! Tenho nome. Olho de defunto é o dela.

Márcia apareceu na porta do quarto:

– Vovó está acordada e ouvindo.

– Melhor, que ouça! Desde criança sofro horripelmente com esse apelido. Antes tivesse me matado. Seria mais humano, gritei alto, e, na quietude da noite meus gritos reboaram pelas ruas desertas. Minha mãe mexia os lábios mas não conseguia falar. Prossegui:

– Maldita seja ela pelo mal que me fez, maldita pela dor que tenho sofrido e que ainda hei de sofrer. Só com a morte perderei este nome: “olho de defunto... olho de defunto...”

Vi Márcia, junto a mim, procurando tapar minha boca com a mão branca e fria.

– Cale-se, amaldiçoado – gritou meu tio.

– Cale-se, pelo amor de Deus, Osório, falou Márcia.

Uma onda de revolta subiu-me à cabeça ao ouvir: Osório. Há quanto tempo não me chamavam assim.

– Maldita seja ela pelas lágrimas que chorei, pelas horas amargas de minha infância. Mais crueldade é criar uma

fonte de dor perene, que cravar um punhal no peito.

Já estava dentro do quarto, seguro por meus tios e primos.

Minha avó mirou-se serena e disse:

– Retire-se, filho de Geminiano Alves.

Houve um silêncio. Todos se voltaram para mim. Geminiano Alves fora vizinho nosso, durante anos, um velho feio, que usava óculos escuros para esconder os “olhos de lobisomem”, como diziam.

Minha mãe amontoou sobre o canapé. O vozear foi se distanciando. Ouvi Márcia:

– Coitado! É melhor levá-lo para fora.

Não me lembro como e porque me levaram para outra cidade.

Preciso esquecer... esquecer... mas não esquecerei.

Eis a história daquele homem alto, esquisito, que sempre se senta no mesmo lugar no bar. Não fala com ninguém. Chama a atenção pelo todo exótico, usando dois óculos que lhe ocultam os olhos.

—o_o—

O EXPEDICIONÁRIO QUE FICOU EM PISTOIA

– Que gritaria infernal é essa? – perguntou o Major Torres sentando-se na cadeira de balanço e arrotando alto.

– É dona Ramira que está meio louca com a notícia da morte do filho. Coitado!... Tão moço e morrer tão longe – respondeu dona Laura, esposa do Major.

– Ah! Lembro-me do rapaz, era baixo, atarracado, meio esquisito. Não foi ele que, no dia da declaração da guerra ficou parado no meio da gritaria dos rapazes? E não quis tomar parte nas depredações que os estudantes faziam, não deu vivas nem morras?

– É esse mesmo. Mas na hora de seguir para a guerra, seguiu... ao passo que o filho do Major Viana, que ficou rouco de tanto gritar, que arreventou rádios, relógios, naquela casa comercial alemã, se não fosse o “jeitinho” do pai, teria feito um feio... desertaria.

– Ah, isto não, Laura. Não era preciso. Quem tem pai major e amigo do General Flores, não deveria ter receios de seguir para o *front*. Logo não precisaria pensar em deserção.

– Tenho pena de dona Ramira. De filho crescido só tinha esse, tão amigo dela e dos irmãos pequenos. O pai, você sabe, é meio inutilizado. Acho mal feito chamarem para a guerra rapaz como esse, que era o tombo da casa.

– Ah! Mas todos nós temos dever, dever sagrado de lutar pela pátria, por uma pátria melhor... – falou doutrinário o Major.

– Mas por que o filho do Major Viana não foi? E o nosso Juquinha? Também foram chamados, também deviam lutar por uma pátria melhor.

– Você é esquisita, Laura. Parece que queria que o nosso filho estivesse agora sofrendo os horrores da guerra. Não a compreendo. Mas, que inferno, essa choradeira de dona Ramira.

– Coitada! O filho era valente, dessa valentia sem alarde. No dia da partida, arrumava calmamente a mala, separava os objetos, repartia os livros, baralhos, para os irmãos pequenos. Para estes foi uma festa. Admiravam o irmão metido na farda verde-oliva. Já dona Ramira limpava as lágrimas e repetia num pressentimento mau: Deus te proteja, meu filho, Deus te proteja.

– Mas, quando cessará essa choradeira? Já estou nervoso.

– Que será de dona Ramira sem o filho? Ele, por certo, não deixa soldo, pois não era militar. Um horror! – disse dona Laura com voz trêmula.

– Soldo? Ora, não é possível! Uma pensão, sim. Soldo bom terá você quando eu morrer, que Deus permita não seja breve. Você ficará bem, minha velha. Dinheiro é a mola do mundo, Laura. Para que o nosso Juquinha não seguisse para a Itália gastei um tanto, ficou-me caro a não ida do rapaz. Gastei em presentes, “bolas”, jantares, mas o menino não foi. Era o essencial.

Novo arrote.

– Aquele molho de maionese estava gordo. Mas o Juquinha tem sorte, nasceu empelicado... breve receberá novos

galões. Sabe? Vou sair. Não suporto mais esse histerismo de dona Ramira. O chofer já chegou?

– Ainda não. Foi levar o Juquinha ao Clube das Regatas.

– O menino fez bem em ter ido, foi até um gesto altruístico. Pois não é a festa em benefício das famílias dos que morreram na guerra? Foi humanitário o gesto dele. Você o viu com a farda nova? Formidável, hein? Que belo militar ficou o nosso filho! Bem, o carro já chegou, *au revoir* querida.

Na casa vizinha, os soluços de dona Ramira eram entrecortados de recordações da infância do filho lutando para estudar, invejando, sem nunca ter tido um terno de casimira dos companheiros, olhando, com olhos compridos, os brinquedos dos meninos ricos... brinquedos que nunca haveria de possuir.

O rádio do Café em frente tocava alto “Canção do Expedicionário”.

Dona Ramira, desatinada, grita:

– Chega! Basta!

Agora um oficial, de estômago dilatado, lê gaguejando um discurso em que endeusa os superiores e incentiva, de longe, os compatriotas que, atravessando mares, derramam seu sangue em paragens frias e estranhas.

Dona Ramira devaneia: Onde teria sido atingido o filho? Na cabeça, de cabelos negros e escorridos? Na testa curta? No peito musculoso e acaboclado? Onde?... Onde?... Sofrera muito? Fora rápido?

No Clube, o Major joga “snooker”.

– Sou craque, hein? diz glorioso por ter ganho
mais uma partida.

—o o—
o

NOÉ

Era um revoltado o Noé. Mas, quem nasce pobre e luta sem tréguas e sem melhorar de sorte, torna-se revoltado mesmo.

Não tivera infância, desde pequeno no trabalho, ajudando os pais. Sentia-se irado quando via a penca de irmãos – oito – uma récuca de negrinhos sujos e brigões.

A mãe vivia mal-humorada, sempre ralhando. Nas horas das refeições, então, fechava mais a cara e ia entregando o prato de fôlha aos filhos e nada de reclamar, seria pior. Às vezes parava com o prato no ar e passava o olhar pelos filhos calculando a quantidade que poderia dar a cada um.

Noé comia depressa e aproveitava um momento de distração da mãe para passar a língua vermelha e rápida pelo prato, lambendo tudo. Achava gostoso esse final.

Depois tinha de percorrer as ruas da cidade puxando cargueiro de lenha. Reparava então nos outros meninos que iam à escola, limpos, descuidados, alegres, enquanto ele teria de andar ruas e ruas para vender aqueles cargueiros todos.

Um dia, sol a pino e as lajes das calçadas queimando as solas dos pés, Noé gritava alto e repetido: le-en-ha...

le-en-ha... Seu grito agudo era um insulto aos que dormitavam àquela hora.

Já atravessara uma rua longa e tortuosa, as casas fechadas, silenciosas, somente às “fogo-pago” cantavam, num desafio, no fundo dos quintais.

A sombra de um largo beiral, Noé parou um pouco e, distraído, mirou-se no olho espelhento do Mimoso, o burrinho ruço de pernas tortas. Pôs língua, fez caretas e riu alto vendo sua carinha negra brilhando dentro do olho parado do Mimoso.

– Menino da lenha? Menino da lenha? – gritou uma dona bonita, de quimono de seda e de chinelas de veludo.

Noé atendeu depressa. Depois de alguma demora a dona escolheu um cargueiro:

– Olha, joga tudo no corredor... direitinho, ouviu?

Noé empilhou a lenha no corredor de lajes brancas e frias, depois pererecando por cima da lenha, chegou à porta do meio. Bateu. Enquanto esperava, reparou nos burros; já despojados da lenha ou ainda carregados tinham todos ar triste, vencido. Achou semelhança de sua vida com a dos burros. Trabalhar, trabalhar sempre.

À porta, aberta com estabanação, apareceu a dona bonita, mais bonita ainda com o roupão mal amarrado na cintura e empurrou na mão preta um punhado de moedas. Noé respirou fundo, cheirou as moedas, que cheiravam só de terem estado nas mãos da dona bonita.

Ao voltar para casa, no “Chupa-Osso”, fazendo Noé a conta dos cargueiros vendidos, percebeu que a dona de quimono de seda e chinelas de veludo o lograra em alguns toques. O pai não aceitou a explicação e deu-lhe boas correadas.

– Pra não ser trouxa, ouviu?

A revolta aumentou em seu peito. Por que a dona

de quimono de seda e chinelas de veludo lhe roubara alguns níqueis? Até então pensara que roubar era feio, coisa de negro.

Nas tarde mornas Noé corria com os moleques em gritaria infernal. Organizava quadrilha. O bando ia prender e escarrear os meninos de outro bairro. Era essa a sua hora feliz. Esquecia, então, pobreza, cargueiros de lenha, tudo. Era ele o melhor para correr; gostava de sentir o vento zunindo forte nos ouvidos e a distância desaparecendo sob seu impulso. Não rejeitava briga e quando distribuía pescções mandava uns mentalmente à dona do quimono de seda.

Passados anos, já rapaz, Noé foi preso em um “rolo”. Nada fizera. Fora azar seu; azar que a pobreza traz.

E assim ia a vida, sempre lutando, sempre sofrendo.

A chegada de um circo alterou a rotina da pequena cidade. Noé ficou alvoroçado. Não poderia deixar de ver o anão, a dançarina de saíote curto, a girafa, o elefante e outros animais cujos retratos estavam pregados nas paredes e nos muros. Contou os níqueis guardados em uma caixeta de marmelada envolvida num lenço chitado. Molhou o pixaim e seguiu para a porta do circo à espera da hora. Sentia-se feliz olhando os que entravam.

Afinal, quando se aproximou do guichê e depôs um punhado de níqueis, um casal bem trajado chegava. A mulher, num vestido vermelho muito justo, fortemente perfumada. O homem do guichê, perturbado, não acertava com o troco e não despregava os olhos da mulher.

Noé reclamou; o vendedor retrucou agressivo atirando o troco longe. As moedas rolaram pelo chão. A mulher de vermelho deu um gritinho e riu fingidamente. O vendedor estufou o peito, orgulhoso. Noé disse palavrão. O povo se aglomerou. Soldados impediram a entrada de Noé no circo. A revolta, meio adormecida em sua alma, foi violentamente despertada e uma onda de ódio, onda vermelha como o vestido da mulher perfumada subiu-lhe à cabeça. Voltou a casa, armou-se de um punhal, e retornou ao circo.

Lá chegando não deu atenção ao porteiro. Foi entrando. Correram de novo soldados.

Noé, alucinado, com o punhal na mão firme, abriu um claro em torno de sua pessoa. Um soldado caiu com a barriga aberta. Gritos. Rebuliço. Pânico.

Da confusão geral, Noé, demônio negro, saiu ileso e desapareceu num beco escuro. Patrulhas de soldados o procuraram encarniçadamente. Em vão.

Tarde, já bem tarde da noite, quando a lua avermelhada baixava no horizonte, num quarto crescente, Noé, julgando haver cessado a perseguição, tentou atravessar uma ponte e alcançar outro bairro.

Passos miúdos, respiração suspensa, nervos tensos, já atingia o centro da ponte quando avistou de um lado e de outro, brilhando sinistramente, os rifles dos soldados que aí se achavam.

Não vacilou; de um salto transpôs a grade atirando-se nas águas revoltas e escuras.

Uma descarga cerrada acompanhou a queda do corpo. Longe ecoavam as gargalhadas dos que se achavam no circo.

O ÚLTIMO SÃO JOÃO

– Me dá mais bombinhas, seu... seu... (e como não lhe acudisse o nome)... seu “coisa”.

“Seu coisa” foi o pingo d’água que fez transbordar a dor recalcada no coração do velho Lucas. Dor e indignação.

E, de olhos fitos na fogueira que ardia, reviu os São João do passado. Tudo tão diferente!

Fora sempre esta a sua festa predileta.

Desde pequeno e pela vida afora gostara de festejar este Santo. Lembrava-se vivamente do primeiro São João logo após seu casamento. Reunira parentes e amigos, arranjava uns balões coloridos, pintara ele mesmo o mastro, enquanto a Maroca, bonita e alegre, arranjava a bandeira e supersticiosa lhe dissera:

– Nunca mudaremos a armação da bandeira, será sempre a mesma até o fim da nossa vida!

E assim foi. Todos os anos trocavam o pano vermelho, as flores e até a estampa, mas a armação era sempre a mesma.

Depois vieram os filhos. Então, os São João eram esperados com ânsia enquanto preparo! Varriam-se bem o terreiro amplo que era todo enfeitado de bandeirolas de cor, preparava-se a grande fogueira, e, em torno, as crianças, verdadeiramente crianças, brincavam, riam. Depois era a reza, a ladainha respondida por todos, em seguida, a procissão, qua-

tro meninos, os menores, levavam a bandeira, enquanto os maiores iam cantando.

Tudo mudado! Hoje não havia mais balões, era proibido pela polícia, o mastro bem pequeno por causa dos fios de telefone, a procissão curta e desordenada, a ladainha suprimida.

– Tão pau, tão longa... – Diziam as moças assanhadas em dar o fora à reza para ir pular fogueira, cuja finalidade era mostrarem as pernas.

Com os filhos crescidos, continuou o Lucas a festejar o Santo de sua devoção. Reunia os netos, os amigos dos netos, distribuía a todos bombinhas, fósforos de cor, busca-pés, e sorria feliz vendo o alarido dos meninos, apesar de serem meninos modernos, cheios de caprichos, irritados e mandões.

Ao chegar o São João, o velho Lucas esquecia tudo e com cuidado preparava, ele mesmo, o pequeno mastro, catava gravetos para a fogueira e comprava fogos para dar aos meninos.

Mas, nesse ano, a falta de atenção dos presentes durante a curta reza, magoara o velho Lucas.

No pequeno altar São João sorria complacente, abraçado ao carneirinho branco.

Finda a reza, formara-se a procissão: a bandeira seria carregada pelo Paulinho. Ele, somente ele, a levaria. Não consentira que menino algum pusesse a mão na bandeira. Houve mesmo um bate-boca entre as crianças.

As mulheres conversavam, alheias ao que se passava, elogiando os filhos. Falavam mal das criadas (assunto inesgotável e predileto das mulheres). Os homens, largando baforadas de fumo, diziam asneiras.

A procissão desfilara vagarosa pelo quintal. O velho Lucas atrás cantarolando:

“Salve São João

Batista sagrado...”.

Tão logo terminou o levantamento do mastro, as moças retiraram-se, precisavam assistir ao filme “Núpcias de Escândalo”. Formidável! Da pontinha! E, em debandada, desapareceram, falando alto e rindo mais alto ainda.

Junto à fogueira, ficara o velho Lucas que ia distribuindo foguetes às crianças.

– Eu sou o bandido – Gritou o pequeno escorregando-se atrás de um arbusto, atirava bombinhas nos companheiros.

Armou-se um combate, à imitação dos “cowboys” dos filmes. Acabada a munição de um dos combatentes, este avançara para o Lucas:

– Me dá mais bombinhas, seu... seu... seu “coisa”.

São João não assistiria a mais isso. “Seu coisa” não é tratamento de cristão. E, enraivecido, o velho Lucas caminha para o mastro, e, num solavanco, retira-o da terra, arranca rapidamente a bandeira, e arremessa-a na fogueira.

Do meio das chamas, São João sorri complacente abraçado ao carneirinho branco.

Dos olhos do velho Lucas correm lágrimas vagarasas. Agora a armação é um quadrado incandescente.

—o o—

NATAL DISTANTE

Natal chuvoso o do ano começo do século. Calçadas de lajes molhadas, ruas desertas. Em algumas casas, via-se, pelas venezianas, o presépio iluminado a gás acetileno. Ao entardecer a chuva amainou; logo grupos de rapazes conversavam nas pontes e nas portas das farmácias, homens se reuniam.

O sino da velha Matriz repicou pela primeira vez e, como se fosse injeção de ânimo, a cidade despertou. A “missa do galo” seria rezada na Boa Morte, pois a Matriz estava em ruínas. As beatas velhas, de xale na cabeça, passavam fungando alto, queriam chegar bem cedo à Igreja para conseguir bom lugar junto à mesa da comunhão.

E o sino repica pela segunda vez. O céu continuava cinzento, inexpressivo. Custódio iria tear na casa do compadre Tônico que de há muito o convidara e mesmo engordara um cabrito para essa noite. Nas vésperas, chamara o Manoel dos Reis que era perito em matança de cabrito e sabia, como poucos, preparar um assado. Só de pensar no cabrito torrado, Custódio sentia a boca cheia d’água. Bem que ele apertara a viagem a cavalo para poder passar o Natal na cidade e mais ainda com a Anona.

O convite do compadre não deixara de atrapalhar um tanto, só poderia ir ver a amásia depois das três horas da manhã, como lhe prometera.

Sentia não levar o Duca, tão seu amigo e, como ele, “cometa” como chamavam os viajantes. O Duca era um número, alegre, expansivo, contador de anedotas. Sabia que se ele estivesse presente à ceia esta seria outra. Ao avistar o cabrito assado haveria de arranjar boas piadas e daria gargalhadas escandalosas, mostrando os dentes obturados a ouro e torcendo o farto bigode preto. Era o seu amigo predileto, com ele se abria e sempre encontrava prontidão para o servir, mesmo em questões de dinheiro o Duca nunca falhara. Juntos percorriam as cidades do interior e em cada cidade o Duca tratava primeiro dos negócios depois ia visitar a “noiva”, como dizia.

Quando da estadia na capital saíam sempre juntos, bem vestidos, atravessavam ruas cumprimentando conhecidos, parando nas janelas para prostrar com moças e passavam o resto da tarde em passeios pelos arredores ou escalavam a Santa Bárbara de onde retornavam muito tempo após o entardecer.

Na cabeceira da mesa sentou-se Custódio bem em frente ao cabrito tostado e cheiroso a valer.

– Esse pedacinho é para você, compadre. Veja que beleza de carne, mais macia que carne de moça... agora uma farofinha. E o molho de pimenta cumari?

Custódio comia com gosto.

– Compadre, olha esta empadinha. Foi feita por Sá Faustina.

– Então ponha duas de uma vez. É negra de mão de fada, a Sá Faustina.

– É mesmo.

Custódio repetiu diversas vezes o cabrito sempre acompanhado por um gole de pinga.

– Boa – disse mostrando o copo.

– Boa mesmo. É do Engenho.

Mais tarde veio o doce de leite, baba de moça, que gostosura! O manjar do céu parecia uma série de peitinhos espetando o ar. Custódio lembrou dos seios da Anona, duros, altos, morenos.

– Essa pinga é forte, hein, compadre?

Pelo corredor largo entrou um menino que entregou um papel dobrado ao Tônico: é para seu Custódio. O bilhete passou para a mão do cometa. “Vá depressa para a casa da Anona e veja quem está lá. Um amigo.”

Custódio ficou vermelho, dobrou o papel metendo-o no bolso.

– Tá entregue, disse virando-se para o lado do menino mas este já havia partido. A conversa continuou esmoecida. Veio o café, Custódio distraído quebrava na toalha alva palitos de fósforos. Sua mão cabeluda destacava-se na alvura da toalha. Levantando-se agradou o afilhado que dormia no colo da mãe, entregando a esta uma nota de cem mil réis.

– É para comprar um trem para o pequeno.

Ao sair na rua sentiu uma tontura. Seria a pinga? Comera muito e aquele bilhete o atordoara. Seus passos rápidos cortavam as ruas quase desertas. Quem seria? A Anona até andava cheia de xodó com ele nesses últimos tempos. Passou por um grupo de pessoas alegres, falando alto. Como era longe o larguinho onde morava a Anona! Pusera casa para ela, comprara mobília de palhinha, cadeira de balanço e lhe trouxera do Rio um relógio de parede. Ah! mas ela valia, quanto gozo lhe dera. Sempre se ausentava mas nunca ouvira a mais leve referência ao procedimento da amásia. Mas aquele bilhete...

Ela por certo estranharia a sua chegada antes da hora combinada. Queria era apurar a verdade. Seu peito arfava quando avistou a casa. Havia luz. Sentiu nova tontura, manchas vermelhas, azuladas corriam em sua frente. Nas pontas dos pés penetrou no corredor de chão batido. A porta do meio estava fechada somente com a tramela, esta fez ruído ao virar. Custódio ouviu passos apressados. Um vulto que procurava escapar pelo quintal. Alucinado correu e numa contração nervosa seus dedos se fecharam sobre o gatilho, nem com o cessar dos disparos eles se abriram. Aproximando-se do vulto caído viu, apavorado, o seu amigo Duca. O sangue corria do pescoço, os olhos abertos parecia que iam se abrindo cada vez mais.

Custódio sentiu uma tonteira mais forte e bolas vermelhas, roxas, amarelas, dançavam em sua frente.

– Não, não pode ser. O meu amigo Duca – gritando saiu pelas ruas. Ao aproximar-se da velha Matriz, não mais pôde andar, bolas agora prateadas o envolviam. Encostou-se à parede da Matriz e tombou gemendo alto.

Ao clarear do dia, uma preta que fora bem cedo apanhar água na Carioca, avistou o corpo do “cometa”. De brucos, mãos crispadas como se estivessem apertando alguma coisa.

Naquela tarde sombria daquele Natal distante, os dois amigos subiram pela última vez a rua da Abadia, rumo ao cemitério.

E a Anona?

– Ah! Casou-se com um desembargador do norte, hoje é viúva e tão religiosa! Ninguém é mais piedosa do que ela.

FRUSTAÇÃO

Desde que se conhecera por gente, morava naquele casebre à beira da estrada de ferro. Era sua distração predileta ver passar os trens.

Ao ouvir o apito agudo corria para a porta e aí ficava entretida contando os vagões. Isto no tempo de sua mãe.

Depois que apareceu a madrasta, fora obrigada a ir, com os outros meninos da vizinhança, postar-se junto aos trilhos e estender a mão pedindo, num ritmo só, “me dá um cobre”, “me dá um cobre”. Semelhavam-se a sapinhos de brejo em noite sem lua.

E quando alguém atirava níqueis, havia luta entre os meninos. Ângela sentia-se abatida e levava com maus modos os níqueis para a madastra.

Com o correr do tempo, já crescida, Ângela negou-se a mendigar. A madrasta xingava nomes feios. Ela sacudia os ombros e um dia disse resoluta, olhando para Marta, a filha da madrasta:

– Por que Marta não pede também? Só irei se ela for.

E, desde então, deixou de fazer parte do grupo de moleques que se postava à beira da estrada de ferro.

Ângela e Marta não se estimavam, embora vivessem juntas.

No quarto modesto havia as camas separadas por uma cômoda velha. Cada uma das meninas ocupava uma gaveta com sua roupa e objetos. A gaveta de Ângela, embora cheirasse a mofo, estava sempre em ordem, a roupa dobrada, os livros encapados e cheios de estampas e de flores espalmadas. Num envelope guardava o retrato da mãe.

Quando Ângela se ausentava, Marta revolvia-lhe a gaveta, abria os livros, olhava as estampas, e quando achava alguma coisa de seu gosto, passava para sua gaveta. Ângela reclamava ao chegar, mas a madrasta não ligava.

De uma feita, Marta, depois de olhar muito o retrato da mãe da Ângela, guardou-o na sua gaveta, tendo antes, para denunciar a posse, escrito com letra grossa um “Marta”, que atravessou todo o rosto da retratada.

Tão logo Ângela percebeu a falta do retrato, dirigiu-se à madrasta e reclamou; e por mais que expusesse o procedimento incorreto da filha, a madrasta não quis compreender. Ângela, então, enfurecida, abriu com violência a gaveta de Marta e retirou de lá o retrato de sua mãe. Desatinada ficou ao ler o nome de Marta escrito com letra grossa e tinta vermelha, atravessando toda a fotografia. Sentiu um peso no coração. Estraçalhou o retrato e o atirou no rosto lerdado de Marta. Esta começou a chorar alto, a mãe consolou-a:

– Deixa, filha. Que ia você fazer com um retrato feio desse?

Já crescida, Ângela teve um sonho esquisito: viu-se moça e casada. Era feliz. Marta, porém, apaixonou-se por seu marido e este também ficou enamorado dela. Ângela, de-

pois de muito sofrer, num gesto de desespero, de ciúme, cravou um punhal no peito do marido.

Acordou assustada, tremendo. Fora tão vivo o sonho! Olhou para a cama de Marta e viu que o seu cobertor lá estava. Levantou-se e com um arranco forte o retirou.

Marta acordou e se pôs a chorar. Vieram os pais. A madrastra quis tomar o cobertor, mas Ângela gritou enraivecida:

– Tudo que é meu Marta quer, não dou, prefiro rasgar, inutilizar.

A vida foi andando. Num dia de muito calor o trem demorou-se mais na estação. Todos correram para ver.

Os vagões estavam repletos; no último havia um defunto num caixão rico, de galões dourados.

Muita gente entrou para ver, nessa curiosidade louca que tem os vivos pelos mortos. Ângela entrou também. Descobriram o rosto do morto. Ângela estremeceu. Era o mesmo do sonho. Era o rosto de “seu marido”. Ficou parada com os olhos pregados naquele semblante.

– De que morreu? – indagou um curioso.

– Foi assassinado – soluçou uma senhora velha que acompanhava o corpo.

Ângela estremeceu de novo. Deslizando entre as pessoas, ficou atrás do caixão, ajoelhada. Logo depois o trem deu sinal de partida; desceram os curiosos. Ângela, porém, continuou ajoelhada e oculta para as pessoas que acompanhavam o morto.

Horas depois chegavam a uma cidadezinha. Grande número de pessoas aguardava a chegada do morto. Gritos,

soluções, abraços, lamentações. Ângela, despercebida, incorporou-se ao grupo, e só mais tarde sua presença foi notada.

Sempre, após grande sofrimento, há no coração humano uma vontade imensa de fazer o bem. A velha que acompanhava o morto era rica e solteirona. Adotou Ângela. E o amor e carinhos recalçados foram desabafados em Ângela. Para esta surgiu um tempo feliz. O passado foi sendo esquecido, somente o sonho e aparência do “seu marido” com o morto a alvoroçaram.

Já moça, Ângela veio a conhecer um primo de sua protetora. Da convivência nasceu um flerte.

Para Ângela, porém, foi um grande amor. Era de natureza exaltada, vibrante, violenta. Amou o rapaz com todo ardor de sua juventude. A velha via com bons olhos aquele amor, e sorria satisfeita. Tudo que possuía deixaria para os dois.

O rapaz era engenheiro. Viajava sempre. Numa ausência longa, deixou de escrever. Pelo Natal, apareceu. Distráido. Alheado. Sem prosa. Ângela ficou triste.

Passados mais alguns meses a velha recebeu uma carta do primo contando que havia conhecido u’a moça, tipo ideal que sempre sonhara. Depois pedia a Ângela que não julgasse mal, era o destino.

Ângela chorou muito. Por que era infeliz? Por que jamais conseguia o que queria? E o passado, as maldades da madrasta, de Marta, tudo lhe apareceu na memória vivamente. Por que surgiu sempre um empecilho à sua felicidade?

Um dia, entrou pela casa adentro o engenheiro, alegre, expansivo, só falando na noiva, linda, delicada, gente

humilde, mas que distinção! Era pobre; pobreza não é defeito. Pediu à prima que o casamento fosse em seu palacete.

A velha consentiu satisfeita:

– Estou ansiosa por conhecer Marta...

O coração de Ângela bateu descompassado ao ouvir o nome. Seria Marta? Sua alma encheu-se de ódio.

Alguns dias depois, bateram à porta. Era o engenheiro e a noiva.

– Que linda! – exclamou a velha.

A luz do candelabro de cristal, Marta, extasiada, contemplava a riqueza do ambiente, a mobília antiga, os quadros de molduras douradas, o tapete que abafava os passos, os “bibelots” caros.

A velha olhava enlevada a moça. Sentiu curiosidade pelo casamento, ela, que não conhecera o amor, estremeceu só de pensar em um par se amando debaixo do seu teto.

Ângela, a um canto, observava... Era Marta, não havia dúvida. Mas como ficara bonita! Tinha nos olhos a alegria que dá o amor compartilhado. E o sonho martelava o cérebro de Ângela. Vivo. Nítido. Insistente.

Saiu da sala. Ninguém notou sua ausência. A conversa estava animada, Ângela retornou mais pálida ainda. O tapete abafou seus passos, e chegando-se ao engenheiro, cravou-lhe um punhal no peito largo.

Transtornada, voltou-se para Marta:

– Prefiro, vê-lo morto a ser seu. Sempre você! Amaldiçoada! Maldita! Lembra-se do retrato?

JUSTIÇA DE ANTANHO

Havia dias que invernavam. Céu escuro, baixo. Na pequena vila do norte goiano, a vida tornava-se mais monótona ainda.

Na varanda da casa do Coronel Urbano Silva, chefe político de grande prestígio, algumas pessoas conversavam sentadas em torno da mesa tosca e puída. O Coronel andava de um lado para outro, agitado, falando alto:

– Não, não sairei daqui. Aqui é o meu lugar.

– Mas, Coronel, é preciso que o senhor se ausente, senão terá de responder ao processo.

– Não responderei a processo algum. Não é caso de processo um fato tão banal, tão comum em Goiás, sem importância mesmo. Espancar um camarada! Quem nesta terra não costuma bater em seus empregados?! Quem? Dizem que na capital, nas barbas da Polícia, o doutor Moisés vive espancando camarada! Falam até num cruzeiro que ele tem no quintal, onde crucifica os empregados. E não é o doutor Moisés um gráudo, parente do chefão? Por que então este barulho em torno de mim?

– Isto é dedo do major Sinfrônio, nosso inimigo – disse dona Flamina.

– Não passa dele – murmurou Vitorino aproveitando a ocasião para fazer uma intriga. Já ouvi qualquer coisa

nesse sentido. Ouvi dizer que vem força policial da capital para tratar do processo.

– Cruzes, compadre, não diga isto.

– Pois que venha – esbravejou o Coronel Urbano.

Com força ou sem ela não me farão responder ao processo, não darei esse gosto ao bandido do Sinfrônio.

– Quem sabe não será melhor você ir para fazenda do Antonico? Lá não irão... – lembrou dona Flamina.

– É mesmo, compadre. Vá para fazenda de seu filho. Ninguém irá mexer com o senhor lá.

Afinal o Coronel Urbano cedeu e foi para a fazenda do filho, levando o capanga João Viegas, homem de confiança e mal encarado.

Passaram-se mais alguns dias. O inverno continuava manhoso. Como todo sertanista o Coronel era madrugador, logo após o cantar do galo, levantava-se. Apreciava o nascer do sol. “O sol não me pega na cama”, dizia sempre.

Nesta manhã, porém, não veria o sol. Chuviscava, o céu mantinha-se cinzento.

Drebruçado no parapeito da varanda, o Coronel contemplava, embevecido, o horizonte. Terra bendita a sua! Quantas madeiras preciosas na mataria imensa. Que pujança! Que verde forte! Respirou a plenos pulmões. Cheirava a terra, cheirava a jaraguá. De repente se lembrou do processo. Havia dias que não tinha notícias. Iria à vila, veria como iam as coisas e ao lusco-fusco estaria de volta.

Chamou o João e, logo após, encilhados os animais, partiram em trote largo. Haviam caminhado um tanto, quando na estrada de terra branca surgiu um vulto, logo depois outro; era um pelotão de soldados. Rédeas relêsas, o Coronel virou rapidamente a besta e disparou a galope para a fazenda,

que há pouco deixara. Penetrou pela casa adentro chamando pelos camaradas e avisando aos filhos:

– Não me entrego, prefiro morrer.

– Foge, pai, foge pelo cafezal – alvitrou um dos filhos.

Tomando a patrona, onde guardava dinheiro e remédio, o Coronel atravessou a casa acompanhado pelo capanga João. Entraram pelo cafezal visando alcançar o córrego, a mata, a salvação. Porém, ao se aproximarem do córrego, avisaram soldados.

– Bandidos – rosnou o Coronel.

Há trocas de tiros. O eco responde longe. O Coronel, o capanga e um soldado caíram varados pelas balas, manchando o solo úmido.

Na velha casa da fazenda, o resto do pelotão lutava com os filhos e os camaradas do Coronel, que presos e acorrentados foram levados para a vila. Na frente, de mãos amarradas, iam os prisioneiros; mais atrás, nas redes de longas franjas pintalgadas de sangue, os corpos dos mortos.

Na fazenda deserta, portas escancaradas.

Um cão negro uiva doridamente no terreiro.

—o_o—

LIBERTAÇÃO

Rufina olha o filho e suspira; filho de escrava, marcado para a dor. Que importava ser ele filho do sinhô moço, se este agora só tinha olhos para a noiva! Rufina estremeceu ao ver o sinhô moço sentado junto da noiva, rindo, procurando se encostar, tocar as mãos de Bemzinha. Muito clara, mimosa, Bemzinha tinha olhar mau, herança dos seus ancestrais neuróticos.

E Rufina recorda: mal saída da puberdade, peitinhos duros espetando o cabeção da camisa de algodão cru, pés descalços, pernas roliças e trigueiras, desde esse tempo o sinhô moço a perseguia.

Rufina, arisca, sempre lhe fugia mas na realidade gostava do sinhô tão bonito, de olhar meloso. Recordava-se perfeitamente do dia em que o velho Frausino chamara a negra da para debaixo do sobrado da casa grande e contara que ouvira o doutor Oliveira ler para o sinhô velho e para as sinhás uma carta recebida da Corte dizendo que havia sido publicada a Lei do Ventre Livre por um tal de Paranhos ou Rio Branco, não sabia ao certo, só sabia que o tal homem era um graúdo na Corte.

– Vente live? Qui é isso? Indagara arregalando os olhos um negro mina.

– Qui é vente live?

– É treim, pra mode nós trabaiá mais, suspirara

Adão coçando a carapinha suja.

– Ispera, gente, ispera. Num é nada disso não. O tal Paranhos fez uma lei mandando qui todo fio de escravo qui nascê de agora em diante num é mais escravo.

– Ih gente, qui coisa boa!

– Boa nada e nós véio qui fais?

– Morre, treim, mais os minino já num nasce escravo.

Rufina escutara tudo com atenção. E, agora quando o sinhô moço viesse mexer com ela, ela não correria mais. Pois não é que gostava e muito do sinhô? Não queria era ter filho cativo.

– Ru-fi-na – um grito coara pela casa e saíra no espaço.

Rufina deixou os negros reunidos e de um salto alcançou a porta, subindo ligeira os dezenove degraus que levavam ao alpendre da casa grande. Arfando aproximou-se da sinhá velha.

Alta, magra, de olhar duro a sinhá há tempos implicava com Rufina.

– Onde estava tu, peste?

– Tava... tava...

– Onde?

– No porão.

– Fazendo o que, demônio?

– Tava escuitando a notícia da lei qui fais o fio de escravo nascê live.

– Que lei nem meia lei, vagabunda. Espera aí. Em vez de escutar besteira, vai levar umas chibatadas. Ô Raimundo

– gritou com força. Apareceu um negro forte, empunhando um chicote.

– Olha. Leva esta cabra e meta-lhe dez chibatadas bem puxadas. Ora, negra livre! Liberdade é só pra nós ouviu? Negro é negro toda vida, cativo. Não adianta vir com essa conversa de lei.

Raimundo, segurando com firmeza o pulso da negrinha, arrastou-a para fora do alpendre. De onde estava, a sinhá velha ouvia e contava as chicotadas entremeadas dos gritos finos da escrava. Já andava desconfiada com o jeito do filho encarar Rufina. E sempre os encontrava juntos, sabia que o filho era quem procurava a negra, mas, assim mesmo, mandava bater na pretinha.

Rufina, escapando das mãos do Raimundo, correu para o cafezal. Chorava alto. Aí encontrou Jeremias.

– Óia minina, num chora – falou compassado. Nosso cativo tá pra cabá. Já fiz reza braba. Óia, vai hoje bem de noitão lá pras bandas da pedreira grande, nós vamo rezá arreunido.

Quando desceu a noite, Rufina saiu andando, atravessou o pomar onde as laranjeiras florescidas perfumavam o ar. Silêncio. No alto as estrelas pisca-piscando. Rufina ia à reza do velho Jeremias pedir a Oxum que fizesse sinhô moço gostar dela de verdade.

– Psiu... psiu.

Rufina parou. Noutros tempos sairia correndo. Agora não. Parada, mal sustinha as batidas do coração. Sentiu os braços possantes do sinhô envolvê-la. Seu corpo, ainda dolorido das pancadas, estremeceu. E se lembrou da sinhá velha “negro é negro toda a vida”, cativo. Queria que ela agora a visse nos braços do sinhô.

– Rufina, minha flor – soluçou o moço.

E naquela noite, tendo por teto o céu estrelado, Rufina e sinhô moço se amaram. E ele lhe prometera um vestido de chita ramado, um colar de aljófar... e que o filho deles seria criado na casa grande, visto já existir lei do Ventre Livre.

Correra o tempo. O sinhô se esquecera de tudo. Agora era só olhos para a noiva. E Rufina torna a suspirar, seu filho é livre apenas no papel, pois na vida ele é cativo uma vez que a mãe ainda é escrava.

Frausino, que era escravo de confiança do sinhô velho e que vivia dentro da casa grande, contou para os outros escravos que ouvira uma conversa sobre um moço baiano muito bonito e muito mulherengo que gostava de escrever trovas contra a escravidão. Ele não queria mais cativos no Brasil. E falava bonito e muita gente ia na conversa dele. Contou também que muitos homens de letras não apreciavam a escravidão e faziam discursos nas ruas, atiçando o povo. Disse, mais, que, numa terra onde chove muito pouco, já não havia mais escravos. Rufina, de olhos brilhantes, pensava nas maldades da sinhá velha.

Um murmúrio passou entre os negros. Frausino, inflamado, continuou: havia um preto, muito sabido, chamado Patrocínio, trabalhando junto da princesa Isabel para acabar com o cativo. A princesa era boa e sofria em ver o sofrimento dos pretos.

Os escravos da fazenda “Samambaia” e os da fazenda “Campo Alegre” enchiam o pátio e gritavam vivas à prin-

cesa Isabel, à liberdade. Vivas a 13 de Maio. Um vozerio entremeadado de gargalhadas.

Alguns pretos exaltados propunham que se fizesse vingança.

– Agora nós mostra qui negro também sabe sê mau.

Frausino juntando suas roupas para fugir pra longe, Rufina segurando nos braços o filho que tinha os mesmos olhos melosos do pai.

– Óia, genti, nós num pode isquecê a maldade de sinhá velha. Lembra da Juaninha, a pobre teve de saltar no precipiço. A tanta pancada, ela prifiriu caí no abismo.

Um grupo composto de negros de Guiné, altos, mal encarados, subiu, correndo aos gritos, a escada que levava ao alpendre. As sinhás, velhas e moças, refugiaram-se na sala do oratório rezando e chorando. Os homens armados em outra sala que dava para o precipício.

Alguns escravos, amedrontados, não ousavam investir contra os amos. Enquanto os negros de Guiné subiam a escada da casa grande, os pretos de Angola corriam pelo pátio com fochos de capim incendiados e penetrando no porão, deitavam fogo à casa velha. O fogo começou lentamente, a fumaça expulsou os negros do porão. De repente, como se demônios assoprassem, labaredas avermelhadas saíam debaixo do assoalho, subiam rápidas, coladas às paredes, alcançando as janelas. O madeirame estalava. Da sala das sinhás partiam gritos alucinantes.

– Elis tá frito. Tirei toda chave e agora ou pula no precipiço qui nem Juaninha ou fica assado – falou rindo grosso o Frausino.

Avermelhados pelo clarão do fogo, os negros dançavam em torno da fogueira enorme que fôra a casa grande. E numa toada monótona cantavam:

O manei Xangô
Ago! Ago!
Eh! para clê
Ago! Ago!
Trusqueci.
Ago! Ago!

—o_o—

VERDE... TÃO VERDE...

Joaquim passava um tempão a cuidar das unhas. Ora as despontava com um canivete, ora as limpava com pauzinho. Tinha muito zelo para que não se quebrassem. E elas foram crescendo... crescendo...

Já estavam enormes, muito além dos dedos. Faziam lembrar garras, mormente as do polegar e do indicador.

– Pra que unha tão grande, Joaquim?

– Pra trabaiaá.

– Uai... Que trabaio vai fazê cum essa unha?

– Muita gente vai vê.

E viu mesmo.

Junto ao rancho do Joaquim e da Tereza morava o Anacleto, mulato alto, magro, de olhos muito grandes e verdes, à flor do rosto. Um dia, após a conversa mole de vizinhos, Tereza falou ao Joaquim:

– Inté qui o Anacleto pissui um olho bonito... verde... Joaquim ouviu calado o comentário da companheira. O ciúme doentio, que sempre o dominara, aumentou e, um ódio danado contra o Anacleto cresceu em seu peito.

Continuou, porém, a tratar o vizinho da mesma forma. Mas, desde então, deixou que as unhas crescessem.

Um domingo, Tereza saiu, foi à casa de uma comadre do outro lado do córrego. Joaquim ficou só. Chegou à porta do rancho e, estendendo a vista, viu, dominando a mata, um jatobazeiro verde... “tão verde...” Olhou então sinistramente para as unhas. Enormes, recurvas, feias, mas fortes.

Colocando as mãos em concha, gritou pelo Anacleto. Seu grito ecoou longe. Anacleto veio depressa, muito desengonçado, magro, alto, os olhos muito grandes, verdes, à flor do rosto.

Entraram juntos no rancho e encetaram prosa, de repente Joaquim saltou em cima do magrela e o derrubou. Anacleto tentou se desvencilhar mas o Joaquim, que havia se munido de uma corda, prendeu-lhe as mãos.

– Qui é isso, sô Joaquim? Tá brincano?

– Tou... Tu vai vê.

Anacleto ao ouvir “tu vai vê” percebeu não ser brincadeira a atitude do Joaquim, que logo lhe pisou com força o peito magro, sufocando-o. Seus olhos se esbugalharam ainda mais.

Foi tudo rápido. Joaquim curvou-se para o rosto do rapaz e enterrou, com força, as unhas recurvas, quais torqueses diabólicas, nos olhos do Anacleto. Este urrou de dor. Vizinhos acorreram, assustados. Ali chegando, encontraram o Joaquim que se levantava, tendo na palma da mão, treme-tremendo os olhos do Anacleto, que jazia no chão batido do rancho, gemendo baixinho, meio desacordado.

Joaquim estendeu a mão para os vizinhos estupefatos:

– Agora quero vê se Tereza ainda acha bonito os olhos do Anacleto – e, com voz macia, imitando a da mulher: Verde... tão verde que fais alembrá jatobazeiro novo, em tempo de chuva...

—o_o—

CAIXÃO DE SÃO VICENTE

– Vá logo, Minga. Vê se dona Maria pode me arranjar uns cobres.

E Minga, menina viva, magra, sujinha, atravessou de relance o quarto estreito, onde a mãe sempre ficava encolhida sobre o jirau de paus roliços.

Sentia-se mal a Martinha. Aquela tosse danada iria dar cabo de sua vida. E a dor no peito? Pior que a dor no peito, pior que a tosse era a miséria em que vivia.

E, enquanto esperava o retorno da filha, olhava distraída o sol que dançava na parede sem reboco do quarto, aí demorou o olhar num retrato antigo, sujo, empoeirado. Retrato dela e do marido. Ele fardado, ela de pastinha até a sobancelha.

Seria possível que aquela moça gorda, risonha, fosse ela? E lançou um olhar para seu corpo escorrido, seus braços descarnados. Parecia-lhe que fôra ontem que tirara aquele retrato... e já havia decorrido tanto tempo!

Morrendo o marido, Martinha ficara somente com aquela casinha junto ao cemitério e aquela doença danada.

Minga voltou com o dinheiro.

– Mãe, ela disse que não pode mandar mais. Só se eu for pajear menino prela.

E assim Minga tornou-se pajem de um menino de poucos meses. Serviço leve, mas para Minga, criada à solta, vagabunda, acostumada a passar os dias em correrias com os moleques, era uma prisão o tal serviço. E olhava a mãe com rancor: “Também não sara mais nunca”.

O maior gozo de Minga era assistir aos enterros. Quando passava um, ela corria e, encostando-se ao portão do cemitério, acompanhava com olhos brilhantes todo cortejo e só saía quando todas as pessoas se afastavam. Depois corria para casa e contava tudo à mãe.

Apreciava enterros de gente rica. Havia discursos, coroas bonitas. Uma vez tivera vontade de roubar uma fita roxa, cheia de ondulados, de uma coroa, para amarrar os seus cabelos. Tinha tanta vontade de possuir um laço para se enfeitar e tanta fita apodrecendo nos túmulos dos ricos! E como tinham sido bons os ricos, no falar dos discursadores!

Não gostava era dos enterros de gente pobre, mas acompanhava todos. Era uma coisa que a fazia seguir, esperar até ao fim. Sentia-se então mal quando via ser retirado o defunto do caixão de São Vicente, aquele caixão grande, largo, feio e que voltaria vazio para o depósito, a espera de outro defunto pobre.

Nesse dia ela ficava triste, chegando a casa aproximava-se mais da mãe:

– Quando eu morrer, quero caixão “meu” mesmo, viu mãe?

Martinha nada dizia, às vezes ficava com olhos cheios d’água.

Passado algum tempo, Martinha morreu. Minga ficou atenta ao enterramento. Pessoas amigas cuidaram da Martinha, que teve um caixão ordinário de pano ralo, transparente, mas “dela”.

Minga vendo isto se sentiu quase alegre. Tinha tanto horror de ver a mãe deitada naquele caixão de São Vicente, depois atirada na terra fria e úmida.

Sua vida mudou.

Foi para a casa de dona Maria e aí se fez moça e bonita.

Mulatinha clara, de olhos grandes, à flor do rosto e uns dentes são sempre à mostra. Não lhe faltaram admiradores, mas sua sina era dura.

Por que escolhera Nonato, um pardo de fala insinuante, mas que sempre cheirava a pinga?

— Precisa casar. Moça pobre não escolhe, é o primeiro que aparece, dizia de contínuo sua patroa.

E assim casou-se, teve sua casa.

Com o passar dos tempos, Nonato deu para beber mais. A princípio ela falhou-lhe brandamente, depois vieram as brigas. E ele cada vez mais amigo da venda.

Foram perdendo tudo que tinham. Os amigos fugiram. Nada faz desaparecer a amizade como a pobreza.

E numa tarde de agosto, subia a ladeira que leva ao cemitério, um enterro de gente pobre. Minga ao vê-lo sentiu-se mal e começou a chorar.

Mais tarde, Nonato chegou fedendo a pinga e nesse dia a discussão foi mais forte. No fogão, numa panelinha de bairro, havia arroz cozido nágua. Não havia dinheiro em casa nem crédito na rua.

Discutiram. Nonato voltou à venda e só retornou tarde da noite.

Ao clarear o dia os vizinhos acordaram com gritos dolorosos. Acudiram. Encontraram então Nonato ensanguentado na porta da salinha e Minga com os grandes olhos abertos, já vidrados, estirada no chão.

Na tarde daquele dia, o caixão de São Vicente, aquele caixão grande, largo, feio, subiu duas vezes a pequena ladeira que leva ao cemitério.

—o_o—

ZÉ CLAUDINO

– Com os diabos! Lá se foi a ponta do eixo... Temos encravado, resmungou Chico Chofer.

Eu cochilava. Despertei com a exclamação e com a bacada do carro.

Já era noite. Atrás vinham duas mulheres que, ao lusco-fusco, surgiram numa encruzilhada. Ambas magras, velhas, parecidíssimas. Pediram carona e tão logo se acomodaram no banco de trás, começaram a cochichar.

À parada súbita, alteraram a voz:

– Aqui é a fazenda do Zé Claudino!

Ao ouvir esse nome veio-me à mente a estória de ser aquele lugar mal-assombrado. E... logo na encruzilhada é que foram aparecer aquelas sombras!

Ficamos mais de hora à espera de algum carro que passasse para nos auxiliar. Mas qual! Nossos olhos, afeitos à escuridão, já distinguiam melhor as coisas. Chico Chofer, encostado ao carro, fumou os últimos cigarros da carteira, depois chutou-a longe.

Atrás, as duas mulheres continuavam a cochichar. Puxa, que tanto assunto tinham!

– Sabe? exclamou Chico. Já deve ser mais de meia-noite; de agora em diante não passa carro. Vou andar.

E saiu a esmo.

Acompanhei, com inveja, o vulto do Chico até o mesmo se confundir com a mata. Sempre fui indeciso. Por que não deixei o carro também? Ao menos para não ouvir aquele cochichar irritante.

Quem sabe se essas mulheres não seriam tão velhas como me pareceram à primeira vista?

Virei-me, encostei-me ao guidão. Fiz grandes esforços para distinguir os traços das tais. Mas, dentro do carro a escuridão era forte. E elas a cochicharem...

Pus atenção para ouvir o que falavam. Só pude perceber: Zé Claudino! Zé Claudino!

Mexi-me no assento. Tossi. "Mas que maçada!" murmurei, meio voltado para as duas sombras, querendo encetar conversa. Mas foi como se nada ouvissem. Continuaram a cochichar.

De um tranco, lancei-me fora do carro.

O ar puro da noite refrescou-me a cabeça. Fui andando à-toa, doido por me afastar. Tomei um trilho que cortava o campo. Caminhei rapidamente. Nem quis olhar para trás, para o auto que ficara encravado junto a um mata-burro.

O campo terminou de repente numa orla do mato. Ouvi o murmúrio de água. Fez-me bem, no silêncio enervante da noite, aquele rumor.

O córrego era estreito. Árvores ramudas debruçavam-se sobre a água. De um salto o transpus. Achei-me noutra descampado, alguns arbustos formavam manchas negras, isoladas.

Notei, curioso, que os arbustos, na sua maioria, estavam quebrados como se um vendaval houvesse passado por ali. Uns, porém, pendiam numa direção e outros noutra.

Toquei a andar. Parecia-me, a todo momento, avistar um vulto passando de um arbusto para outro. Devia ser alguma ave notívaga.

Com surpresa avistei uma casa. Seria possível?! Oh achado! Um pouso! Já estava cansado e um tanto apreensivo. Apressei os passos. Percebi, então, que a casa era quase uma tapera. A cerca do curral, em grande parte, arrancada. A porteira aberta. Na casa, escuridão horrível.

Receioso, dei alguns passos em sua direção. Estremeci quando ouvi o batido da porteira. Fechara. Olhei em torno. Ninguém. Junto a um mourão, um boi morto, amarrado, já em decomposição. Fora sangrado ali e ali ficara empestando o ar.

Quis retornar. Uma força invisível, porém, me impelia para frente.

As janelas abertas, agressivas. Cheguei-me ao para-peito. Não sei porque gritei: “Zé Claudino”. Assustou-me o som de minha voz. Houve rumor dentro da casa. Esperei. Assomou à porta um homem, um verdadeiro gigante, espadaúdo, pesado, andar gingado de orangotango. Rosnou qualquer coisa. Não me viu. Olhava o campo distante. Deu uns gritos e atravessando ligeiro o curral, avançou a cerca e, com dois ou três arrancos, retirou um mourão, saindo pelo campo a bater com ele nos arbustos.

Assombrei-me com a força daquele monstro. Tive vontade de sumir. De olhos arregalados, vi o gigante afastar-se, soltando sempre gritos roucos.

Não sei porque chamei novamente: Zé Claudino.

– Não fale esse nome. Faz mal.

Era uma voz lenta que vinha do escuro da sala. Avancei mais uns passos no avarandado. Um vulto de uma mulher surgiu à porta. Estremeci sem querer.

– É melhor o senhor ir embora antes dele voltar.

Olhei para o campo. O homem gigante havia desaparecido.

– Mas quem é ele?

– Ele é a maldição de mãe. O senhor já ouviu falar que maldição de mãe pega? Pois pega mesmo.

– É seu... parente?

– Não. Estou aqui presa por um juramento feito a uma pessoa na hora da morte. Oh! juramento que me tem feito sofrer!

– Não há luz.

– Não, ele não gosta de claridade. Fica furioso.

– Esta fazenda é do Zé Clau...

– Não, não fale esse nome, moço.

Novo rumor dentro da sala.

– Que é isso?

– Quando falam o nome do tal, das paredes caem torrões. Vou contar para o senhor: “Quando vim para cá, isto aqui era uma lindeza. Faz tanto tempo... A fazenda mais bonita destas bandas. Acolá havia uma fila de palmeiras. Iguaizinhas. Mas depois o raio catou uma por uma.

“Seu Fulgêncio era um homem bravo gritador, mas justiceiro. A mulher, uma água morna. A filha deles, a Belinha, regulava comigo. Crescemos juntas e amigas. Ela era filha única. Diz o povo que filha única é infeliz no amor e para Belinha deu certo a fala do povo.

“Má, toda vida, era a Gina, tia da Belinha. Ninguém gostava dela. Nesse tempo, a Gina já era moça erada. Era meio fraca da bola. Vivia a conversar sozinha. Eu e Belinha subíamos na laranjeira, em frente ao quarto dela e de lá ficávamos observando. Era um tal de falar sozinha... Chegava a arrepiar a gente. Conversava alto. Quem assuntasse pensaria que, no quarto, havia outra pessoa. Perguntava e respondia.

“‘Tá conversando com o cuca’ – dizia seu Fulgêncio. Nós ríamos e ela ficava furiosa. Eu nunca vi, mas dizem

que até hoje ela aparece por essas bandas, nas noites escuras como a de hoje. Dizem, mas eu nunca vi.

“Depois de moça, a Belinha acabou de ficar bonita de verdade. Clara, olhos azuis. Uma tetéia. Logo apareceu casamento. Uma moça da família dos Castros. Gente boa e arranjada. Todo domingo era certo; o moço aparecia aqui e ficava até a boquinha da noite. Seu Fulgêncio estava contente com este casamento. Gostava de seguir os ditados antigos e sempre repetia: ‘Casa tua filha com o filho do teu vizinho’. Gente estranha é que não queria. Assim é a vida. às vezes, parece estar tudo bem, de repente, tudo atrapalha. Tal foi o noivado de Belinha.

“Uma tarde ameaçava chuva. O céu escuro. Eu e Belinha estávamos aqui, no parapeito, olhando o gado que se acerca do curral, quando víamos surgir um cavaleiro. Pediu pousada. Seu Fulgêncio mandou que apeasse. Ele saltou ligeiro da mula e subiu esses degraus num átimo. Foi logo se apresentando:

– Chamo-me José Claudino.”

A mulher assustou-se e levou a mão à boca, parecendo querer segurar o nome que pronunciara. Novo rumor dentro da sala. Eram os torrões que caíam. Depois de uma breve pausa, a mulher continuou:

“Era um moço alto, moreno, de dentes alvos. Bonito toda vida. Tinha um jeito de demorar o olhar na gente que atrapalhava. Já dentro da sala, foi aos poucos ganhando a simpatia de todos. Veio o café e até tarde da noite o tal moço contava histórias e ria, mostrando os dentes claros.

“Belinha e eu custamos a dormir essa noite. Era só falar no moço bonito. Foi preciso que seu Fulgêncio, com um ‘psiu’ prolongado, impusesse silêncio, mesmo de longe – Belinha virava na cama, eu, alerta, quando ia fechando os olhos, via aquele riso claro e o olhar demorado.

“Amanheceu chovendo. Seu Fulgêncio não deu mais atenção ao hóspede. Mas o moço até parece que achou bom. Foi só contar casos para dona Santa e Belinha. O moço ficou aqui por três dias. Depois da partida dele, um véu de tristeza caiu sobre a fazenda.

“‘Que homem esquisito’ – comentou seu Fulgêncio. ‘Sem profissão, bem vestido. Contador de potocas. Parece até que tem parte com o diabo.’

“Passaram-se meses. Invernava havia muitos dias. Eu e Belinha aproveitávamos o resto de claridade do dia para fazer crochê, quando um trovão fez-se ouvir.

– Está parecendo a tarde em que ele chegou – falou baixinho a Belinha. Depois suspirou. Eu instintivamente olhei para a estrada e estremei.

– Não é ele que vem acolá? Será possível?!.. Deus meu!...

“E era ele mesmo. Já não pediu pousada. Foi entrando e cumprimentando a todos com familiaridade. Seu Fulgêncio, de cara amarrada, não o convidou para pousar, mas ele encompridou a conversa e forçou um convite. Ficou mais três dias e não despregou os olhos de Belinha. A Gina escutava o que ele dizia e ia contar tudo e mais alguma coisa para seu Fulgêncio.

“Depois da partida dele, é que foi o tempo quente. Belinha não quis mais saber do noivo. Gostava era dele. Seu Fulgêncio deu para clamar:

– Aonde já se viu gostar de um pau rodado! Um desconhecido! A primeira vez que aparecer por aqui, eu o enxotarei como a um cão com bicheira.

“Belinha chorava. Gina falava sozinha mais ainda. À noite, então era uma conversa comprida. E o nome dele no

meio. Fui escutar. Não é que a Gina também gostava dele? Ah! Mas daquele homem era para se gostar mesmo! Gina deu de ameaçar a Belinha. Dizia que ele gostava era dela, que lhe havia dito isto antes de partir.

“A vida continuou. Azeda, porém para os moradores da fazenda.

“Era fins de junho. Fazia um frio danado. Estávamos todos na varanda em torno da mesma toska. Batem à porta. Abri. Nem pude pronunciar palavra. Meu coração pulou que nem cavalo bravo. Era ele. Mais bonito ainda, com um ponche preto fechado até o pescoço. Cumprimentou a todos. Beijou a mão de Belinha. Seu Fulgêncio consertou propositalmente a garganta. Depois de uma conversa mole, seu Fulgêncio desfez a roda, alegando ser hora de se recolherem.

“Oh! Noite longa! Belinha chorando, Gina, no quarto vizinho, falando sem tréguas.

“No outro dia bem cedo, seu Fulgêncio abordou o moço. ‘Faça-me o favor de não aparecer mais aqui. Minha filha é noiva. O casamento será logo, casamento com rapaz conhecido’, falou acentuando bem a última palavra. O moço nada disse. Passou o resto do dia, ora no quarto, ora conversando com Gina ou com dona Santa. À noitinha, despediu-se e partiu com um até logo.

“Tarde da noite, Gina saiu cautelosa. Atravessou a varanda, abriu a cancela e assustou-se ao ver, no terceiro, a Belinha já a cavalo, na garupa dele. Rapidamente voltou gritando. Todos da casa acorreram assustados.

“Seu Fulgêncio, de relance, compreendeu a situação, e armou-se. Quando descia os primeiros degraus da escada de pedra que levava ao quintal, foi alvejado por ele, que

sustinha no outro braço a Belinha estarecida. Caído seu Fulgêncio, ainda houve luta com os empregados da fazenda. Ele, porém, conseguiu fugir.”

“Seu Fulgêncio ficou seis meses paralítico, no fundo da cama. A fazenda começou a decair. Gina não despregava de perto de seu Fulgêncio, falando mal de Belinha. E tanto falou que seu Fulgêncio, um dia, segurando a imagem de um santo bento, jogou, juntamente com a mulher, maldição à filha, aos netos. Dona Santa, não queria amaldiçoar a filha, mas Gina tanto repetira ‘maldição de mãe é que pega’ que seu Fulgêncio a obrigou a lançar a maldição.

“Morto o velho, ele apareceu e se plantou na fazenda. Tudo mudou. Em toda rês bateu seu ferro, mesmo em cima da marca de seu Fulgêncio. Depois as vendia.

“Dona Santa queixou-se para Belinha. Ficou na mesma. Gina não largava dele, onde ele estava, estava ela. Os empregados antigos foram despachados. Os agregados de muitos anos, que faziam roça de meia, foram obrigados a sair em prazo limitado.

“Ele, porém, não fazia coisa alguma. Era só balançar na rede. O dia todo, ouvia-se o chiado da argola do punho e o cochicho de Gina, sempre junto dele. Quis vender as terras, dona Santa ficou brava.

“Passou-se o tempo. Belinha estava para ter um filho. Numa tarde de chuva, ele apareceu vestido com o tal ponche preto. Olhou bem o horizonte, naquele rumo. Atravessou de um lance o parapeito e, montou na besta baia, que saltando aos corcovos, sumiu por aquelas bandas.

“Belinha compreendeu que ele se ia por uma vez. Gritou. Implorou. Pediu a morte. Foi um inferno. Gina saiu atrás dele e só foi encontrado, passados dois dias, mais maluca ainda, conversando ou antes cochichando sem parar. Estava magra. Uma assombração.

“Belinha teve o filho – este que o senhor viu sair daqui, Fulgencinho – e foi definhando até morrer, mas antes me fez jurar que criaria o filho dela. Jurei. Estou presa por esse juramento.

“O menino cresceu esquisito. Com cinco anos parecia ter dez anos. Esse gigante, que o senhor viu, não tem quinze anos ainda. A avó ensinou-o a desprezar ou antes a odiar o pai.

“Aquele boi está apodrecendo acolá. Fulgencinho o sangrou só porque trazia as iniciais do maldito. Aquelas osadas que vê são todas de reses que Fulgencinho mata, julgando assim desabafar o ódio que tem ao pai.

“Fulgencinho é capaz de estrangular uma pessoa, se essa pessoa pronunciar o nome dele. Quando o senhor chamou, não viu como ele saiu que nem doido? Só voltará depois que saciar a raiva, derrubando arbustos e, se encontrar alguma pessoa, ela que trate de fugir.”

– Quem mais vive aqui?

– Agora só eu mais ele. Morreu dona Santa. Raras pessoas aparecem por esta redondeza. À noite, há tanto barulho dentro de casa, principalmente de certo tempo para cá. A rede balança horas perdidas da noite e se o senhor assuntar, ouvirá o cochicho da Gina.

– Qual foi o fim dela? perguntei.

– Morreu enforcada, isto é apareceu depen-

durada naquele portal com o retrato dele fechado na mão. Quando Fulgêncio viu o retrato ficou furioso. Arrancou o cadáver e saiu batendo com ele em tudo que encontrava. Voltou tarde da noite. Nem perguntei nada. Escuta, moço o cochicho. Tá ouvindo?

Era o cochicho do carro.

– É... – falei trêmulo.

– O Fulgencinho já vem de volta. Vá embora.

De fato, vinha ao longe um vulto escuro. Mais que depressa me afastei daquele lugar maldito.

Transpondo o córrego, avistei o carro e apressei o passo. Sentei-me sófrego e a lembrança das duas mulheres fez-me olhar os assentos detrás. Não estavam lá.

—o_o—

CHÁCARA BAUMANN

Por que razão não fui, após longa ausência, ao Baumann, em clara manhã do céu lavado, quando o vento irreverente faz cócegas nas árvores obrigando-as a se contorcem em meneios lascivos?

Por que não me dirigi à velha e querida chácara, em pleno dia quando o sol a pino caustica os arvoredos que, imóveis, lembram estátuas do desprezo?

Por que não galguei aquela colina à tarde, quando o poente se cobre de nuvens franjadas de vermelho e rosa? Quando a Serra Dourada ainda retém em seu dorso faíscas tiradas ao sol?

POR QUÊ?

Para minha saudade, minha grande saudade, era preciso que meus olhos contemplassem a velha chácara ao entardecer. Ainda não era noite e já não era mais dia.

Meus passos vacilantes percorreram a estrada, outrora bem tratada, hoje invadida de pedregulhos e mato. Chegando à fonte D. João, contemplei a gameleira esganhada, mãe da fonte. Em suas raízes tentaculares se prende a rocha que oculta a mina d'água límpida que desce das concavidades espraçando-se pelo caminho afora.

Depois a cancela... a escada de pedras de degraus longos.

Enfim a casa. “A minha casa”. Por muito longe que a vida me leve, será sempre “a minha casa”, a chácara Bau-mann. Que importa a distância? Os melhores anos da mocidade, os sonhos de jovem, a amizade sem interesse, a união de seres ternamente amados, tudo isso eu vivi na “minha casa”, não conhecendo ainda a Dor nem a Saudade.

Entrei. Pareceu-me imensa a sala que jamais vira vazia. Depois a saleta do piano, como era chamada. Também vazia. Abri as janelas e meus olhos ávidos buscaram a cidade querida subindo o morro, mergulhada no verde das copas das árvores. Saciei minha saudade. Agora a Serra Dourada é roxa, orla o horizonte como a saudade orla o coração do filho distante.

Do escritório de meu Pai nada mais restava. Livros, estante, relógio, armário... nada. Paredes nuas. Somente os armadores da rede ficaram. Um no esteio junto ao biombo, outro entre as duas janelas que se abrem para o terraço. A sala de jantar, imensa, ocupando toda a largura da casa. Senti frio.

No quarto de dormir, revi minha cama colocada em frente à janela alta. Muito alta, a janela não se fechava senão em noites frias. Da minha cama então olhava o céu límpido, enluzado ou escuro e pontilhado de estrelas. E sonhava... sonhava...

Da janela do puxado avistei o rio deslizando silencioso entre árvores copudas. Escurecia. De repente a casa se abriu, iluminada como no passado. Milagre da saudade! E vi meu Pai, no jardim, cercado de amigos conversando alegremente. Minha Mãe, ao piano, tocava a música de sua predileção “*Prière d’une Vierge*”. Revi meus irmãos como eram antes da VIDA nos absorver. Alegres, unidos e fortes. Os móveis nos lugares. Percorri a casa toda com olhos abertos para tudo. E vi tudo e todos.

Longe a cidade calma. A lua, clareando o jardim, permitiu-me divisar canteiros em formato de estrelas, circundados de garrafas, a grama verde, verde. No centro, a roseira Paul Neiron desabrochando rosas avermelhadas. Entre os dois canteiros-estrelas aparecia o de meia-lua.

Debruçado na grade, o caramanchão do jasmineiro, estrelado de pontos brancos, rescendia. Ao seu lado, o grupo de mesa e bancos de madeira.

Uma nuvem embaçou minha vista confundindo as imagens. A escuridão invadia o espaço. Então meus olhos viram a realidade: o vazio da casa, a ausência de todos e de tudo. Saí apressadamente. Descendo a colina, olhei para trás, a casa fechada, carrancuda, triste. Somente o jatobazeiro continuara o mesmo com seu porte altaneiro. Este não desertara, não fugira. Sentinela do Baumann, permanece ereto, imponente, guardando em suas frondes a história dos que aí viveram.

—o o—
o

FONTE DA CARIOCA

A Cidade de Goiás perdeu o nome de capital mas não perdeu o dom do encantamento. E quem a visita, jamais a esquecerá e terá sempre na retina a visão de uma cidadezinha branca, cercada de morros verdes, que a cingem ciumentamente. E esses morros tem sua história. Conta a lenda que os morros D. Francisco, Cantagalo e Lajes foram seres transformados em pedra, irradiando tal fascínio que toda cidade dele ficou impregnada, encantando as pessoas que ali chegam.

Numa era remota, o sertão dos Goiases atraía muita gente. Uns seduzidos pelo ouro, que ali sabiam existir em grande profusão. Outros, pelo espírito de aventuras. Eram, no entanto, homens destemidos, audazes que varavam matas à procura de famosas pepitas. Depois de longa caminhada a um pôr de sol, avistaram uma serra cujos reflexos dourados feriam a vista: serra dourada, serra dourada – foi o grito unissonante dos homens destemidos. Além, estava o vale cortado por um rio de águas vermelhas, em cujas margens habitavam os índios Goiases.

Um frêmito de alegria percorreu o bando. Ante a beleza do local e a hospitalidade dos selvagens, os aventureiros fizeram parada por algum tempo para depois prosseguirem a marcha, seguindo o curso do rio de águas avermelhadas, que os levaria até o rio grande.

Dois garimpeiros não seguiram, porém. Seus corações ficaram presos aos encantos da bela tapuia Cari. Nas manhãs claras, quando o céu parecia uma taça azul emborcada sobre a terra, a tapuia cantava lindos cantos. E, quando o sol estava no zênite, a bela Cari procurava a sombra das árvores frondosas e aí dormitava.

Os Goiases já não viam com bons olhos a permanência dos garimpeiros em suas terras e como a hospitalidade era o seu lema, não os expulsaram. Mas foram em busca de um pajé que vivia numa gruta da Serra Dourada. O pajé desceu até o vale do rio Vermelho e aí invocando o espírito do mal, pediu em altas vozes a transformação dos dois garimpeiros em morros. O mais impetuoso, o que não desfitava a tapuia, foi transformado no morro D. Francisco. Dali ele veria sempre a amada mas não a atingiria nunca. Suplício de Tântalo.

O outro amante foi mudado em morro Cantagalo. Lá seu coração sangraria, qual novo Prometeu, quando os cantos da índia chegassem até ele.

A índia Cari ficou insensível ao sofrimento dos garimpeiros, esquecendo-se de que toda maldade feita é cobrada com altos juros no ajuste de contas da Vida.

Algum tempo depois aportou às margens do rio Vermelho um guerreiro xavante. Vinha das bandas do Araguaia. Alto, espadaúdo, de olhar misterioso. A bela Cari suspirou ao ver o atleta do rio das Mortes. E o amor apoderou-se de sua alma. Impetuoso, indomável, bravo...

Quando chegou a quadra das flores, no morro D. Francisco, as caraíbas pipocaram em pétalas douradas que

o vento carregava para os pés da tapuia. No Cantagalo, apareceram mulungus rubros que lembravam corações sangrando.

E Cari cantava os mais lindos cantos de amor. O guerreiro, porém, não os escutava. Cari sentiu-se magoada com a insensibilidade do xavante de olhar misterioso. Enfurecida, pediu ao velho pajé que transformasse em pedra aquele guerreiro, já que de pedra era seu coração.

Cari seguia curiosa os gestos do pajé. Um estrondo ecoou pelas redondezas e, aos olhos atônitos da tapuia, apareceu o morro das Lajes. Ao ver seu amado transformado em pedra, Cari, feminina, portanto incoerente, chorou, gritou, lamentou-se. O pajé entrou em cólera e prendeu a índia Cari aos pés dos morros enfeitiçados. Sofreriam assim os três: o Cantagalo ouvindo os lamentos da tapuia, sem poder vê-la, o D. Francisco vendo a bela amada sem poder atingi-la e Cari, cujas lágrimas deram origem à fonte da Carioca, choraria pelos séculos afora, a metamorfose do seu amado.

Por isso, quando derrubam lajes do morro, a fonte da Carioca diminui sua água, cessa de chorar, supondo que cada laje que arrancam do morro é um pedaço do coração do guerreiro xavante.

Quem passar tarde da noite por esses lugares, ouvirá soluços da fonte, bramidos que descem do Cantagalo e do D. Francisco e desenhado no céu o vulto do morro das Lajes, altaneiro, imponente, altivo, desafiando os tempos.

RETORNO DO PRACINHA

É a vós, ó pobre mãe de expedicionário que voltou, que dedico esta crônica.

18 de julho de 1945: vosso coração fremiu, num misto de alegria e incerteza, ao ver o “Capitão Maig”, que trazia vosso filho, vosso herói.

Como voltaria ele? O mesmo?

“Não”, vosso coração disse baixinho.

Não poderia ser o mesmo, quem viu e participou dos horrores da guerra. Não poderia ser o mesmo, que, filho desta terra tropical, padeceu o inverno da maldita Europa. Quem viu brasileiros feridos, moribundos, falando nos entes deixados na terra distante. Quem assistiu agônicos patrícios, em ânsias extremas, olhos embaçados, tendo nas mãos convulsas o retrato da mulher amada, morena e ardente como a Pátria querida.

Não, não poderia ser o mesmo. Tinheis certeza.

Aflita, em meio do povo, olháveis, trêmula, o desfile.

Foi o vosso coração de mãe que o descobriu em meio a tantas fardas. Lá estava ele. Bendito Deus! Vossa alma foi toda uma prece aos pés do Criador.

Não resististes. Gritastes ou antes soluçastes seu nome. Ele, porém, não ouviu. Estava em marcha. Era ainda da Pátria.

Vossos braços o apertam agora. Enfim. Ei-lo de volta, patriota, cheio de fé no futuro, orgulhoso de seu feito.

Perto u'a mulher chora o filho que ficara em Pistóia. Vosso coração se confrangeu também. Vossa alegria foi turbada com o sofrer de outra mãe e pensastes: "Pobre mãe do expedicionário que ficou em Pistóia".

Correm os dias, meses, dois anos já que retornou o primeiro escalão. Onde estão aqueles pracinhas garbosos, cheios de fé, de crença no futuro?

Onde?...

Onde está o amparo devido aos que, abandonando suas fazendas, suas terras, acudiram ao chamado da Pátria?

Qual o apoio dado aos jovens que, interrompendo seus estudos, torcendo seus destinos, suas vidas, tudo deixaram ao toque de reunir?

O número imenso de desajustados, de suicidas, de doentes nos sanatórios, são respostas a estas perguntas.

Mas, vosso coração de mãe ainda agonizava vendo o desconchavo do futuro de vosso filho.

Vosso coração, que parecia estalar de dor, nos tetricos dias de Monte Castelo e Montese, ainda terá de penar e muito, pressentindo o descontrole que se apoderou de vosso pracinha o qual sofre a maior decepção de sua juventude: a ingratidão da Pátria, representada por seus dirigentes. Decepção que enegrecerá a alma patriota do vosso filho.

E vós, ó pobre mãe do expedicionário que voltou, ante o cortejo de desajustamento, de complexos, de desilusões, que são agora as medalhas que ornaram o peito do vosso herói, pensareis na mãe do expedicionário que ficou em Pistóia e me direis qual das duas sofre mais:

Uma – no Pelourinho do Desespero.

Outra – na cruz da SAUDADE.

—o_o—

VAIDADE

A vaidade feminina tem dado muito o que falar e o que escrever. Se fosse possível colecionar tudo que há escrito sobre essa qualidade ingênita da mulher, teríamos uma imensa e variada biblioteca.

Conheci, numa cidade do interior, a senhora do Coronel, dono da terra. Senhora muito piedosa, quase beata, não perdia missa. Sempre modestamente vestida, cabelos enrolados num coque, chamava a atenção pela diferença do trajar e do penteado das outras mulheres. Era a única que trazia esse penteado antigo. Os homens de meia idade ficavam de olhos fitos naquela cabeça a se lembrar das jovens dos tempos idos.

Era por vaidade, pura vaidade feminina, que a mulher do Coronel assim se penteava. Também não se ajoelhava junto aos bancos, houvesse ou não lugar. Ficava bem no centro da igreja, muito tempo de joelhos, de olhos fitos no altar, lábios remexendo numa prece acelerada.

Mais tarde, quando todos se assentavam, ela, embora fosse bastante gorda, permanecia ainda por dilatado tempo de joelhos para depois refestelar-se no assoalho, numa posição contrafeita.

O povo implicava:

– Imagine, a mulher do Coronel sentada no chão quando há tanto lugar nos bancos!

– Ela é sem orgulho – dizia um que não sabia distinguir bem “orgulho” e “linha”.

– É sem vaidade. Santa senhora – falava bem alto outro que precisava do Coronel para decidir um caso.

– É chata – rosnava um *of-side*.

Mas não era nada disto. Vaidade, somente vaidade.

Levantando-se daquela posição (ótima para dar dormência nas pernas), encontrava sempre a seu lado uma amiga (as mulheres dos coronéis sempre possuem amigas) que dizia toda enlevada:

– Sim, senhora! Gosto de ver como é ágil. Olha, não é qualquer uma que faz isto. E com este corpo, gordura leve, sadia. Admirável!

E a mulher do Coronel, enrubescida de vaidade, satisfeita, retirava-se.

Durante o tempo que residi no interior, não perdi missa por causa da mulher do Coronel. Valia a pena. Ela não dispensava de se assentar no assoalho, ferindo todas regras da ética senhorial.

Oh! Vaidade feminina! És potestade! És invencível!

—o_o—

BEIRA DO RIO TURVO

E o assoalho da ponte ficou ainda por pregar. Os barrotes, distantes uns dos outros, tornavam difícil e perigosa a travessia. Embaixo o rio corria rumoroso, violento e traidor. Poucos ranchos enfileirados à beira d'água e nos catres pobres os trabalhadores tremiam com maleita. A febre derrubara muitos, mesmo o Lino, caboclo forte, destorcido, estava há muitos dias no seu rancho, ali perto, tremendo com febre que não passava.

– Óia, Mané, vigia seu pai enquanto eu vou batê uma roupinha – disse a Zeferina, pegando o filho menor que engatinhava no terreiro. Enganchando-o na cintura, tomou o trilho em passadas largas. E ia pensando... Quantos dias já estava o Lino perrengue! Agora, então, dera para variar, ora um tal de conversar com gente morta... Cruzes! Até dava arrepios. O benzedor de nada valera, a febre não aluira.

Chegando ao batedouro, Zeferina colocou o pequeno à sombra de um jatobazeiro, atirou para perto da criança alguns jatobás para entreter e, à medida que esfregava a roupa, reparava no filho. Feio, catarrento, de gestos vagarosos. Filho de pobre, criado sem carinho, um tropeço. Suspirou. Voltou o pensamento para o marido. Iria hoje mesmo pedir ao compadre Florêncio para dar um pulo até o arraial e consultar o doutor da botica. Talvez viesse um remédio que valesse. Já lhe dera tanta mezinha e nada de melhorar.

E sempre se lembrando do marido. Como ele falara a noite toda! De manhãzinha então danara a conversar com a defunta Joana, sua primeira noiva, que fôra assassinada num muxirão na fazenda do Coronel Chaves. Engraçado! Já estava casada há tanto tempo e nunca o Lino falara na Joana. Ah! Os homens também são falsos. Bem diz o povo que o primeiro amor não acaba, definha, amarela, mas de repente, como se chovesse nele, brota de novo, cria viço.

Gritos de terror do Mané açoitaram os ouvidos de Zeferina que, de um salto, alcançou o trilho e em breve chegava ao rancho.

— Que foi, Mané, que foi?

O menino pálido, apontou para a ponte. Já o Lino pisava o primeiro barrote, gesticulando, falando alto.

— Nossa Senhora! — gemeu a Zeferina correndo a gritar pelo marido.

Este, porém, continuou na sua marcha. Embaixo o rio corria rumoroso, violento, traidor. Lino, falando sempre (com a Joana?), avançou mais uns passos. O rumor do corpo caindo n'água casou-se com um grito doloroso de Zeferina que então de lembrou do filho menor.

Voltou rapidamente com o coração aos trancos. Atravessou correndo o trilho e parou, estarrecida, ao avistar a criança. Junto a esta, com a cabeça à altura do rostinho inexpressivo, estava uma cascavel, olhos cintilantes, pose agressiva. E a criança, num gesto moroso, estendeu a mãozinha à cobra que só esperava a ofensiva, feriu-a e enrodilhada pôs-se à espera de novo ataque.

Zeferina pegou o menino que chorava mansinho, apertou-o nos braços e colando a boca à cesura, foi sugando o veneno a caminho do rancho.

DESTINO TRUNCADO

– Que há em casa do Coronel Fernão? perguntou dona Filó ao filho, um rapazola alto, de olhos verdes.

– Não sei, mãe, não reparei.

– Pois olha – continuou dona Filó enquanto estendia a toalha na mesa e dispunha os pratos e talheres – a vizinhança correu toda para lá. Até a Engrácia, com aquela perna doente foi ligeira, batendo com a muleta na calçada, toc, toc, toc... e ligeirinha, só vendo.

Carlos, distraído, mal ouvia o que lhe contava a mãe.

O relógio grande, a um canto da varanda, bateu compassadamente dez horas.

– Seu pai não pode tardar. Daqui a pouco terá de ir para a Secretaria.

Nesse instante, ao longe, uma suave música derramava-se pela claridade da manhã, enchendo o espaço de sons maviosos.

Dona Filó interrogou o filho com o olhar:

– Enterro de anjinho.

– De quem será?

Carlos dirigiu-se para seu quarto. Quarto pequeno, caiado de branco, sem estuque. Uma janela dava para o corredor externo lajeado, no centro do qual havia um bueiro para captar as águas do pátio em declive.

Dona Filó abriu a porta do meio que rangeu nas dobradiças enferrujadas e, batendo as chinelas nos calcanhares, chegou-se à porta da rua. Nas casas vizinhas, as janelas estavam apinhadas de pessoas que, ouvindo a música, vieram aguardar a passagem do préstito. Daí a pouco apareceu na ponta da rua um grupo de crianças, formando duas alas. Na frente as menores conduzindo cada uma um buquê de flores. No centro quatro meninos mais crescidos levavam a tampa do caixão. Mais atrás vinha o esquife conduzido por quatro mocinhas, todas enfatiotadas. Dentro do pequeno esquife mergulhado entre flores, o anjinho, de olhos fechados e faces pintadas.

Depois era o grupo de homens de roupa escura, conversando em voz baixa. Em seguida, a banda de música da polícia composta, na sua maioria, de negros e mulatos. Um carneiro peludo com guizos dependurados no pescoço ia entre os músicos num passo rebolado e vagaroso.

Tão logo passou o enterro, os vizinhos iniciaram os comentários. As mulheres debruçadas nas janelas, os meninos sentados nas calçadas.

Dona Filó avistou o marido que subia a rua. Vinha do mercado carregando na mão direita um embrulho. Esperou-o na porta e entraram juntos no corredor de lajes brancas.

Josué Brandão dependurou o chapéu sovado num prego que havia no portal.

– Sabe, Filó, que uma filha do Coronel está passando mal? Tem muita gente na casa dele.

– Isto que eu estava falando com Carlos, mas não sabia que era por doença esse povaréu na casa de dona Carmem. Qual das meninas será? É bom mandar fazer visita, não é?

– É... Olha, o filho do Dr. Edson morreu de coqueluche.

– Oh! Que horror! Ainda bem que não foi ninguém daqui de casa ao enterro. Isso pega muito.

Dona Filó trouxe os pratos para a mesa e chamou os filhos. Atravessava rápida a grande varanda de soalho gasto, cujas tábuas largas e lustrosas rangiam. Quatro janelas se abriam para o pátio inclinado e davam claridade à varanda. As roseiras floridas debruçavam-se curiosas nas janelas. Um pé de jasmim-do-cabo coberto de botões enchia o espaço de perfume suave.

Dona Filó tornou a chamar o marido e os filhos para a mesa. Ainda se ouvia a música, ao longe, muito longe, como a evaporar no azul da manhã.

Sentados em torno da mesa comentavam os fatos da terra. Dona Filó perguntou novamente ao marido:

– Acha bom mandar fazer uma visita à filha do Coronel? Josué permaneceu calado.

– Penso que não – falou Carlos. Quando Luizita esteve tão mal com febre, quem da casa do Coronel se lembrou de vir nos ver?

– Isto é verdade, meu filho, mas nós somos pobres e eles são os donos da terra. Mandam e desmandam. Observe como hoje o povo só falará na doença da menina e quanta gente irá à casa do Coronel.

Nisto chega Luizita que deixou a porta do meio aberta.

– Fecha a porta, menina, gritou dona Filó.

– Oh! Que bom! Estão almoçando e eu estou com uma fome doida. A escola acabou mais cedo. Meu prato está pronto? – E sentando-se à mesa começou a comer e a comentar a moléstia da filha do Coronel: ouvi dizer que Andira teve uma coisa, ficou feia, virou os olhos... Cruzes! Pensaram que ela tava morrendo.

– Estão batendo – disse Josué.

Carlos levantou-se e abriu a porta. Era o Josito, cria do Coronel Fernão. Este criava meninos nos quais desabafava sua maldade, batendo-lhes sem dó. Já rapazinhos se surpreendiam devedores de uma quantia avultada e, por mais que trabalhassem, a dívida não se extinguiu. Os molecotes não sabiam de que modo haviam adquirido tamanha dívida; e, se algum mais ousado falasse em mudar de patrão, o Coronel metia-lhe o re-lho, ameaçava com a cadeia, chegando mesmo a chamar soldados para os amedrontar. Quantas vezes mandava buscar a palmatória na polícia e com ela enchia as mãos mulatas de “bolos”.

– Dona Carmem mandou comprar folhas de hortelã – falou gaguejando o Josito.

Dona Filó dirigiu-se ao pátio cheio de canteiros de flores e hortaliças. Na beira do poço, numa panela de barro, havia um tufo de folhas de hortelã que se alastrava pela parede limosa. Apanhou um molho de folhas e o entregou ao Josito. Afastou, porém, o olhar da nota que o moleque lhe apresentava.

– Nós não vendemos isto... Se dona Carmem quiser mais, pode mandar buscar.

Josito atravessou ligeiro a varanda. Dona Filó voltou à mesa.

– Veja que coisa esquisita. Comprar folhas de hortelã numa terra como a nossa onde nem frutas nem verduras são vendidas. É até ofensa. Só para mostrar riqueza. Todo mundo sabe que são ricos, podres de ricos.

– E eles lá se incomodam de ofender os outros? perguntou Josué.

– Olha o caso da moça paulista. Foi à missa e escolheu justamente o lugar que é reservado à família do Coronel. Logo o sacristão adulator cochichou no ouvido da moça

que o banco não podia ser ocupado. Mas ela não deu bola.

– Por certo ficou vexada – comentou Luizita – mas não se levantou e todo mundo olhou para ela durante a missa toda.

– E foi missa do padre Nonô, que dorme no altar... Riram.

– E no cinema? Enquanto não chega o Coronel não se dá início a sessão.

– Mas o que acho melhor para expressar a pose desses Pires é quando há procissão. O Coronel vai sempre na frente, de opa roxa, andar compassado, cabeça erguida, batendo com força a vara de prata nas pedras da calçada. Parece que está entrando no céu, quando o inferno é que é o seu lugar.

– Ô Luizita remeda pra nós o Coronel.

Luizita saltou no meio da varanda, ergueu a cabeça, estufou o peito e, com um cabo de vassoura na mão, foi andando vagarosamente, com as bochechas cheias de ar, os olhos semicerrados para melhor representar o Coronel. Todos riram. Ela continuou estufada até junto da parede.

– É... Luizita, você ficou mesmo parecida com ele, caçoou, dona Filó.

– Qual! Eu não tolero esse pessoal que domina nossa terra, falou Carlos, levantando-se.

– Domina e avilta.

É o mercado o ponto de reunião dos bisbilhoteiros. As melhores horas do dia, as da manhã, são gastas ali em conversas inúteis, ouvindo-se novidades, retalhando-se honras alheias. Mas é esse um hábito geral da pequena cidade.

Uma verdadeira romaria, cedo, ao mercado. Pretendendo compras, para lá se dirige tanto o empregado modesto como o homem de posição, havendo apenas uma diferença. É que o homem de posição, vai sempre acompanhado de um sujeito meio abobado, o seu “camarada”, que humildemente traz aos ombros um saquinho onde porá a compra mirim que o patrão fizer.

– Sabe da última? (É isto um cumprimento). A filha do Tônico, aquela alta, vai casar-se com o Eudoro...

– Não diga! Logo o Eudoro. Como soube isto?! Será possível?!

– Ora se é! A cozinheira dele contou para minha mulher como foi o caso. Ah! Não é por falar dos outros, mas aquilo tinha de acabar assim mesmo. E... – a voz se abaixa e o resto do comentário é cochichado ao ouvido atento.

É uma forja de intrigas o mercado, de mexericos, de casos escandalosos, de politicagem.

O Coronel Fernão era assíduo ao mercado, nessa hora da manhã. Bem vestido, de bengala de castão de ouro, sentia-se eufórico vendo em torno de si tantas pessoas servis. Não perdia vaza de infligir a alguém qualquer humilhação, mesmo em tom de brincadeira.

Aí, cercado de adúladores, sua opinião predominava e ele gozava verdadeira volúpia, mormente quando, entre as pessoas que o cercavam, havia uma a quem ele ofendera direta ou indiretamente. Chegava a mudar a entonação da voz. Depois se ouvia pelo mercado todo sua risada alta, prolongada acintosamente, no que era acompanhado por muitos da roda.

Era o Coronel o senhor da terra. Havia muitos anos que se apossara do Governo.

Numa cidade pequena, onde o funcionalismo é a profissão de quase todo homem, onde a politicagem campeia,

o prestígio do Coronel era um fato. Os melhores e mais rendosos empregos eram para seus parentes e partidários.

Nas eleições que se avizinhavam seria ele candidato a uma cadeira de deputado. Sabia que venceria seu adversário, um padre, mas queria ser muito mais votado, para exibir seu prestígio.

– Quero es-ma-gar... – dizia elevando a voz e prolongando as sílabas.

Nas vésperas de eleição o Coronel ficava atencioso, amável, outro, enfim. Cumprimentava a todos, ia em casa dos conhecidos para cabalar votos, não se esquecendo de fazer promessas e insinuar ameaças.

Numa manhã, o Coronel Fernão Pires entrou em casa do Brandão, que, junto da janela, lia os jornais de datas antigas, do Rio de Janeiro. O correio era feito nas costas de burros, que gastavam, em viagem, de quinze a vinte dias, desde a última estação da estrada de ferro até àquela cidadezinha perdida entre morros verdejantes.

– Como vai, Brandão? Como vai essa força? – gritou com espalhafato o Coronel.

Brandão riu-se atrapalhado. Ser chamado de “força”, ele que era o tipo clássico do empregado público, magro, pálido, humilde, encolhido.

Já dentro da sala o Coronel, enquanto trocava algumas palavras, corria o olhar inquiridor pela mobília de vime amarelado pelo uso.

– Sabe, Brandão? Escolheram meu nome para deputado. Para mim é sacrifício. Terei de viajar, deixar meus interesses... mas como é para servir a amigos, à minha terra não vacilei. Trouxe-lhe a chapa. Fica mais fácil e também que-

ro saber com quem posso contar. Na sua sessão, por exemplo, terei... 51 votos.

Brandão, silencioso, recebeu a chapa e meteu-a no bolso. O Coronel continuava a correr os olhos pelas paredes sujas da sala, pelos portais desbotados.

– Sua casa precisa de reparos, não é Brandão? Brevemente haverá promoções em sua Secretaria... mas não será para todos, não. Você, porém, será lembrado, mas aquele bandido do Gomes não pegará nada. É para servir de exemplo. Já trancei os pauzinhos, quero ver o bicho espernear. Assim, o Afonso Dias, aquele, então... – e, dando uma risada afetada, despediu-se.

Logo depois, apareceu dona Filó, que tudo escutara por detrás da porta da alcova.

– Que queria o homem?

– Véspera de eleição, trouxe a chapa.

– Ah!

– Ainda bem que veio aqui. Pouçou-me a vergonha de receber chapa na boca da urna.

Mais tarde, Carlos, ao saber do fim da visita do Coronel, exclamou com violência:

– Mas... o senhor recebeu chapa? Votará então em quem ele quiser?

– Que remédio, meu filho. Sou empregado. Minha demissão está nas mãos dele. Sou pobre e carregado de filhos. Negar a receber a chapa é mexer em casa de marimbondos... de marimbondos-cavalo. Ninguém mais do que eu sente a humilhação, mas é a luta do fraco contra o forte. Aquele tem de ceder.

– Mas... dar chapa é vilipendiar um homem! É tirar-lhe um direito sagrado, não é?

– É, Carlos, mas o Coronel Pires perdeu a sensatez

e, com o poder nas mãos, todo-poderoso, não tem mais escrúpulos em pisar nos sentimentos alheios. E faz de nós, empregados públicos, uns fantoches a que ele move a seu bel-prazer.

– Deus melhorará esta situação, murmurou dona Filó.

– Só Deus mesmo, porque a engrenagem está bem tramada. Tem apoio dos graúdos de fora. Aqui, só um punhado de “doídos”, como são chamados, tem coragem de ser contra ele e os parentes dele. Além disso estão ricos... riquíssimos. E onde há maior força, maior prestígio, que o do dinheiro, embora mal adquirido?

A manhã clara, de céu lavado. Os morros, que cercam a cidade, pareciam mais próximos. Os coqueiros da Bahia abriam seus leques brilhantes e os sabiás cantavam escondidos nos ramos das laranjeiras frondosas.

As ruas repletas de gente. Era o dia das eleições. Roceiros, com ar de espanto no rosto, passavam a cavalo a trotar.

Na calçada da casa do Coronel havia ajuntamento dos eleitores, homens rústicos, ignorantes. Não sabiam qual o fim da eleição, sabiam apenas que, se votassem no Coronel e em quem o Coronel determinasse, receberiam chapéus novos, botinas chiadeiras e teriam seus animais ferrados de graça. E, para algum mais sabido que tivesse eleitores por conta, havia a patente da guarda nacional, cuja farda, toda enfeitada, era o sonho dos coronéis-mirins.

O Coronel Pires, nesse dia estava acessível, amável, prometedor. Os roceiros olhavam-no como se ele fosse um semideus.

Os parentes e partidários saíam, a toda hora, da casa do Coronel sobraçando maços de cédulas feitas às pressas por suas filhas e pela própria dona Carmem. Essas cédulas eram remetidas às várias sessões espalhadas pela cidade e, em todas

elas, o cenário era o mesmo: uma sala grande tendo no centro uma mesa sobre a qual se achava a urna. Em torno da mesa, algumas pessoas, na maioria gente do Coronel. Mal se aproximava o eleitor, um capanga alerta, pessoa de máxima confiança do Coronel, entregava-lhe a chapa que ele, carneiramente, depositava na urna. Algum que se negasse a recebê-la teria seu nome anotado e poderia contar com a hostilidade dos Pires.

A eleição corria calma para os que se dobravam; humilhante para os que tinham conhecimento das coisas e indiferente para muitos.

Terminada a apuração, feita pela noite adentro, verificou-se haver sido o Coronel muito mais votado que seu competidor. Vencera longe.

Tão logo espalhou a notícia, encheu-se a casa do Coronel. Pessoas amigas e os amigos de ocasião lá se encontravam, já o Coronel não estava tão acessível como antes.

As janelas de sua casa, à noite, foram enfeitadas com lanternas de cores e os eleitores da roça olhavam tolamente os rojões que subiam ao céu e atordoavam a pequena cidade.

O Coronel tinha um fraco por foguetes. Mal sabia da queda política de um adversário, mandava comprar foguetes e, conforme o grau de inimizade, eram rojões e mais rojões que ensurdeciam a população. Alegria ou ódio, ele os demonstrava com foguetes.

Na sala, dona Carmem, entre senhoras, repisava o sacrifício que o marido fazia aceitando a incumbência de representar o Estado.

– Só para servir nossa terra, dizia e repetia.

O Coronel, rodeado de pessoas importantes, distribuía cerveja e conversava em voz alta. Parava de vez em quando, para ir à janela e gozar o movimento da rua. Depois,

chamando David, um tipo abobado que estava incumbido de soltar foguetes, gritou-lhe:

– Ô David, vá soltar esses rojões bem na porta do padre... é para cair no telhado dele, ouviu?

– É para fazer goteiras – completou um adulator, e riram alto.

Daí a pouco a banda de música surge na esquina precedida por um grupo de moleques. Parando em frente da casa do Coronel, os músicos tocaram um ruidoso dobrado.

Dona Carmem mandou correr um gole de pinga entre os músicos e colocar bancos e tamboretas na calçada. Alguns deram vivas ao Coronel. Os vivas foram repetidos muitas vezes, sobressaindo as vozes finas das filhas do Coronel. A banda ainda tocou por algum tempo. Dona Carmem ordenou que repetissem o “schottisch” “Nair” e as senhoras discutiam a beleza da peça e gabavam o bom gosto de dona Carmem.

Na casa fronteira, o Brandão, deitado na rede, fumava distraído. Dona Filó, com os filhos pequenos à janela, contava os rojões que, quais fitas de ouro, riscavam o céu, como se quisessem pegar as estrelas.

Josito e alguns moleques fizeram um trato de apinhar cajus. Sairiam cedo.

– Óia, os cajueiro tão assim – falou o Custódio e apinhou os dedos mostrando para os companheiros. É lá pras banda da barreira.

– Antão vamo lá. Vamo chamá também o Dito, o Neco, o Toninho e o Gigi.

Ficaram tratados. O sinal seria um assobio bem alto, prolongado, na porta da casa de cada um.

No outro dia, bem cedo, o Neco foi de casa em casa reunindo os companheiros. Entrava nos corredores, em muitos havia cabras peitudas deitadas e um forte cheiro caprino no ar. Neco metia os dedos entre os lábios e assobiava estridentemente. Já era um grupo grande de meninos quando Neco assobiou na casa do Coronel.

O grupo tomou rumo do Areião. No alto, fizeram uma parada para observar a estrada em declive até a rua. Nada do Josito.

– Mas eu dei um assobio bem alto. Dona Carmem saiu na janela com uma cara!

– Eu se fosse ele saía escondido.

Foram andando e já desciam a rampa do Bacalhau quando ouviram gritos finos. Era o Josito, que vinha numa corrida desabalada.

– Vim fugido por isso não posso demorar. Fui levar mala de roupa pra Sá Maria lavar e toquei pra cá.

– Cumo ocê feis?

– Uai, passei pela pinguelona, subi a rua da estrada e tou aqui.

Em seguida, os meninos se embrancharam pelo matagal. Cajueiros esgalhados, pontilhados de frutos vermelhos como gotas de sangue, apareciam entre a folhagem verde. Os meninos a eles se atiraram.

– Ih! Que gostura! exclamava Dito.

– Mas ocê tá fazendo cara feia, gritou Gigi.

– Ele é ansim de nascença.

– Ispia qui butelo acolá.

E gritando corriam de cajueiro em cajueiro. Chuparam muito e ainda encheram os sapicúas que traziam.

– O qui colhi vai inté dá doce. Óia o despotismo daquele cajueiro!

Nova corrida em direção ao arvoredo que daí a pouco contorcia-se com os moleques dependurados em suas ramas. Depois sentados à sombra contavam casos de brigas e valentias.

– Gente, o sol tá alto. Deve se mais de dez hora. Vou mimbora, falou o Josito.

– Eu cunheço a hora pelo sol, comentou Neco e, colocando a mão em pala, exclamou: sabe? Já é mais de onze hora.

– Num fala isso não, gemeu Josito e saiu correndo enquanto os meninos riam e caçoavam dele.

Quando o grupo frenteou com a casa do Coronel, este estava na calçada conversando, mas logo entrou e os meninos escutaram, amedrontados, uns gritos espremidos do Josito. O som da chibata era compassado. Contaram até oito.

– Vamo imbora. Amanhã ele tá na salmoura.

Subindo a rua, vinha o Mané Boi, de olhar desconfiado. Ao avistar os meninos tratou de passar para outra calçada, mas não valeu. Os moleques, em coro, berravam: b-o-o-i... b-o-o-i...

– Boi é a mãe – respondia Mané, pálido, e empunhando um porrete perseguia os meninos. Estes pararam a certa distância e novamente: b-o-o-i... b-o-o-i... agora prolongando o berro. Mané valeu-se então de pedras. Alguns meninos foram atingidos. Mané Boi, gungunando nomes feios, virou a esquina.

– Amanhã é domingo, vamos passar o dia na beira do rio? propôs Luizita ao pai.

– Pois vamos, filhinha, fale com sua mãe, se ela quiser...

Luizita correu até a cozinha:

– Mamãe, vamos amanhã passar o dia na beira do rio? Eu ajudo a senhora.

– Vai falar com seu pai.

– Ele mandou que eu falasse com a senhora...

– Ah! Então vá buscar a cesta grande e arrume tudo que for necessário, enquanto eu abro uns pastéis.

Luizita chamou a irmãzinha e foram as duas preparar a cesta. Enquanto arrumavam, iam falando:

– Quantas xícaras você guardou?

– Só quatro e dois cuités. Chega muito.

Num instante, estava tudo em ordem, cafeteira, talheres, café moído, açúcar.

– E a rabinha?

– Uai... ia esquecendo.

– Falta somente mamãe trazer os trens de comer.

Carlos foi convidar o Quincas e a vizinha dona Aninha.

Na manhã seguinte, ainda escuro, já estavam todos de pé. Daí a pouco saíram, cada um levando um embrulho. Carlos carregava a cesta com os comestíveis; os meninos levavam caniços e anzóis.

– Vamos passar pelo Beco do Cotovelo? Chegaremos mais depressa em casa do compadre Quincas.

E seguiram por uma rua tortuosa, de casas baixas, umas escoradas nas outras. Logo avistaram o Quincas à porta, enfiado numa roupa velha e desbotada, na cabeça um chapéu que havia sido preto.

– Vinha te acordar, compadre, gritou Brandão.

– Você pia, compadre. O bicho aqui é madrugador.

Formaram grupos: os homens iam à frente e atrás as mulheres falando sem trégua e ralhando com as crianças, que brincavam e corriam. Já no alto, pararam um pouco para contemplar a cidade, que sobe pela encosta do morro. Entraram depois numa estrada larga, estrada carreira de terra ver-

melha. À direita, havia uma cruz carcomida, de cujos braços pendia um ramo de flores murchas.

– Aqui, há muitos anos – comentou o Quincas – morreu a mãe do doutor Emílio. Ela estava bem doente quando veio passar uns dias naquela chácara, aquela... acolá... – e, estendendo o braço, mostrou um telhado escuro mergulhado entre mangueiras copadas – mas, piorando, teve que voltar para a cidade e, ao chegar aqui, foi se acabando.

Houve silêncio após a narração do Quincas. Todos os olhares convergiram para a cruz. A estrada larga era uma fita vermelha olhada pelo verde dos arbustos. Logo adiante começou a descida.

– Olha o rio! Olha o rio! gritou a meninada.

Lá embaixo, lambendo os pés das árvores, corria o rio, silencioso, de águas claras. As crianças chegaram primeiro e logo se meteram n'água, não atendendo aos chamados das mães. Na praia de areia alva, foram colocados os embrulhos e cestas. Os homens trataram de armar redes entre as árvores e catar alguns paus secos para acender o fogo, enquanto as mulheres iam arranjando os objetos num lugar mais fresco, junto ao matinho que cercava o rio.

Não demorou, que na rabinha colocada numa trempe de pedras, fervesse o café. Sentados na praia tomaram vagorosamente o café. Conversavam e riam, enquanto os meninos, nus, brincavam à beira do rio, apanhando pedrinhas alvas e redondas.

Sol a pino, foram para o banho. Os homens dirigiam-se para um lugar mais afastado e mais fundo, onde poderiam nadar. Dona Filó e a comadre Aninha, de saia a tiracolo, riam ensaboando as cabeças dos filhos. A água, morna, deliciosa. “Colibri”, o cãozinho negro de dona Aninha, não queria entrar n'água, mas teve de tomar banho, bem contra sua vontade e debaixo da gritaria dos meninos. Ele gania

baixinho e espalhava água. No céu alto, blocos de nuvens deslizavam lentamente.

Mais tarde, sentados à sombra de frondosa árvore, comeram com apetite o tutu de feijão e a paçoca de carne seca. Depois, o doce de leite acompanhado de um gole de pinga para ajudar a digestão. Seguiu-se uma conversa mole à espera da hora do regresso.

Um tropel de animal chamou a atenção do grupo. Na praia, quase correndo, apareceu um negrinho que, sem olhar para o grupo, atravessou o rio continuando a correr. Atrás, cavalgando um belo alazão, vinha o doutor Ildeu, parente dos Pires. Vendo o pessoal sentado na areia, saudou-o e, enquanto esperava que o animal bebesse água, explicou-se:

– Este negrinho fugiu da minha casa... Estou dando -lhe uma lição. Terá de ir a trote até a cidade, é para aprender a não fugir...

Despediu-se do grupo e, esporeando o cavalo, atravessou rápido o rio, tomando a estrada larga e vermelha, na qual o negrinho, em passo acelerado, era a mancha do cativo enodoando aquelas paragens.

– Mas Deus se esqueceu desta terra! exclamou revoltado o Carlos. Obrigar uma criança a correr quase uma légua! Não há juiz de menores?

– Há... mas é o mesmo que não houvesse. Finge ignorar tudo. Lembra, compadre, do jornalista que apanhou no meio da rua. Ficou por isso mesmo. Telegrafaram para o Rio mas ficou tudo quieto.

– Veja a perseguição que estão fazendo ao Afonso Dias, mas aquele é duro de roer. Perdeu o emprego, mas não se curvou. Na verdade é que ele tem uns cobres e comprou uma fazenda. Dona Rosa e as moças é que estão por conta. Deixar a cidade pela roça. Agora que a Maria terminou o curso e a afi-

lhada Ilza está no tempo de casar. Quanto ao Luiz, não sendo empregado, nada podem contra ele.

Carlos ouvia calado o comentário sobre a família dos Dias. Distraído olhava o rio que corria manso. E pensou em Ilza vestida de noiva. Como ficaria bonita!

A tarde ia baixando, o nambu anunciava a noite com seu pio em escala cromática.

– Passou depressa o dia – comentou o Quincas.

– Tudo que é bom passa rápido. Vamos andando.

Puseram-se a caminho. A noite subia da terra para encontrar as sombras que desciam do céu. O cheiro forte da mata enchia o espaço. Depois de uma rampa empedrada chegaram ao alto, de onde divisaram a cidade presa entre morros. Aqui, acolá, uns pontos brilhantes faziam lembrar os momentos felizes da vida: são brilhantes, mas são poucos.

– Quando voltaremos a fazer novo passeio? perguntou dona Filó, com a voz trêmula, voltando-se para o filho.

– Só Deus sabe, mãe.

– Você, quando estiver no Rio de Janeiro, não deixe de escrever sempre. Ficarei nervosa se não tiver cartas suas.

Chegaram as primeiras ruas da cidade. Já havia alguns lampiões acesos. Na porta do Quincas pararam um pouco. Os meninos acompanharam um homem que, de escada às costas, ia de poste em poste, acendendo os lampiões. Mas logo as crianças brigaram.

– Que houve, gente?

– É Tônico que quer ficar com meu sapinho de rabo.

– Mas foi eu que apanhei ele...

– Você apanhou um só e eu carreguei a lata.

– Mas virou a água toda.

– Bem, Tônico, você é maior. Deixe o pequeno levar o sapinho.

Tonico afastou-se choramingando e, de longe, gritou:
– Pode levar, bobo... ele tá morto.

Dona Rosa gostava de assistir à missa das quatro da manhã. Levava sempre a afilhada que criara desde pequena, a Ilza. A filha, Maria, por nada acordaria.

Escuro ainda dona Rosa levantara-se e, acendendo a vela de sebo, foi chamar Ilza. Esta despertou logo e, apanhando o vestido dependurado num prego atrás da porta, tratou de se vestir.

Ao passar pelo corredor Dona Rosa apagou a vela colocando o castiçal a um canto, no chão. Abriu a porta da rua. Um vento frio entrou atrevido. Ilza colocou a pedra que servia de encosto à porta durante o dia, bem junto a esta, para que ficasse semicerrada.

De braços dados, as duas mulheres atravessaram a rua silenciosa. O céu ainda cheio de estrelas brilhando no azul esmaecido. Ventava muito. Papéis e folhas secas rodopiavam brincando de pegar.

Quando chegaram à igreja, a missa já havia começado. Os poucos bancos, ao longo das paredes, estavam ocupados. Dona Rosa e Ilza ajoelharam-se ao lado do altar de Nossa Senhora das Dores. Ilza ficou enlevada olhando a imagem. Que perfeição! E diziam ser trabalho de um goiano.

No meio da missa Ilza avistou Carlos. Seu coração descontrolou-se. Não mais pôde rezar. Era só pensar em Carlos. Percebeu que ele a fitava e fingiu, a princípio, não o ter visto, mas depois seus olhares se encontraram por muitas vezes.

Terminada a missa as duas mulheres ficaram algum tempo na porta da igreja trocando palavras com pessoas

amigas. Carlos parou embaixo do flamboyant, em frente, e aí permaneceu até que elas se afastassem.

Já estava claro. O vento agora, forte, atrapalhava o andar das mulheres. Meninos com tabuleiros de bolos de arroz gritavam nas portas das casas: “Bolo de arroz, quente, bem quente, queima a gente”. Negras, de pote d’água na cabeça, atravessavam as ruas.

Chovia há muitos dias. O rio tomara água e, rumoroso, atrevido, invadia quintais. Já alcançara as pontes. Nuvens baixas se dependuravam nos morros.

– Vamos ver o rio? Tá cheio que é um horror. Vamos, mãe, aproveitar a estiada, convidou Maria.

Com o aparecimento do sol as ruas desertas se encheram de pessoas que, curiosas, iam espiar o rio. Nas pontes, debruçavam-se a olhar a fúria das águas. E conversavam:

– Dizem que há mais de cem anos esse rio tomou tanta água que levou a capela da Lapa, que a capela saiu toda dos alicerces sendo arrastada pela correnteza, balançando-se e o sino batendo... batendo. Contam mais que no local hoje da ponte da Lapa, a igreja se afundou e que o sino que era todo de ouro ainda se encontra aí enterrado. Isto é conversa do povo. A capela deve ter caído no mesmo lugar onde estava.

Nesse momento, um barulho surdo se fez ouvir.

– Olha, é mais um muro que desmorona. Tá feio este ano.

Dona Rosa não quis ir ver o rio. Desde que, há muitos anos, um menino, seu parente, caíra no rio cheio, ela tomara ojeriza por enchente. Tinha medo de enchentes. E contava o caso com minúcias:

– O menino fôra à casa de uma parenta de sua mãe levar alfenins para o filho desta que fazia anos. Era o dia 17 de fevereiro. Oh! Não se esquecia da data. De volta teria o menino de passar novamente pela pinguela que existia pouco abaixo da ponte do mercado. A pinguela já estava banhada pelas águas. Mesmo assim o menino tentou atravessar, mas se desequilibrou e, caindo n'água, foi levado pela correnteza. Num instante as margens do rio se encheram de pessoas que queriam prestar auxílio. De vez em quando, aparecia a cabeça do menino e logo desaparecia para brotar alguns metros abaixo, ora a perna, ora o braço. E o povo nas duas margens acompanhava a trágica trajetória. Um, mais afoito, tentou cair n'água, mas recuou dada a violência da corredeira. Outro, amarrado pela cintura, atirou-se à correnteza e os que seguravam a corda iam andando na margem. Ele bracejou alguns metros, depois gritou por socorro. O menino já estava próximo ao sorvedouro da pinguelona. As mulheres gritavam por todos os santos e choravam alto: perdido mesmo, agora cai na pinguelona.

As águas avermelhadas, revoltas, iam levando o menino. Na pinguelona, desapareceu para surgir, bem abaixo. Junto ao matadouro o rio se espraiava entrando pela mata. Foi o que valeu. Algumas pessoas que das margens acompanhavam tudo, segurando os galhos, penetravam n'água e valendo-se de varas compridas procuravam socorrer o menino. Generosa, uma preta forte, avançou um tanto nas águas sempre segurando numa das varas. O menino vinha mesmo em sua direção. Generosa abraçou-o. Gritos partiram das margens. Generosa grudada no menino, ora sumia, ora aparecia. Algumas pessoas davam violentos puxões na vara em que Generosa estava segura, e assim conseguiram fazer com que chegassem à margem. Tomaram o menino desfalecido. Logo, o colocaram de cabeça para baixo, vomitando água.

Todos escutavam essa narração já conhecida, mas dona Rosa sabia contar o fato de tal modo que, apesar de decorridos anos, ainda os ouvintes se emocionavam.

A lua saía por detrás do morro D. Francisco, olhando a cidade estendida a seus pés. As casas, encostadas umas nas outras, na maioria, escuras por dentro, tinham seus habitantes sentados nos batentes das portas ou em tamboretas na calçada, palestrando. Meninos brincavam de roda cantando estralado: “Que giroflê, que giroflá”. As vozes infantis enchiam o ambiente de familiaridade.

Nas pontes, grupos de rapazes esperavam que as moças passassem para troca de olhares ou, alguns mais ousados, para acompanhá-las.

Maria e Ilza haviam recebido recado da Rosinha convidando-as para irem à Santa Bárbara esperar o romper da lua.

Ainda de tardinha um bando alegre de moças e rapazes subia a rua da Abadia rumo à Santa Bárbara. Calgando a encosta da colina logo atingiram o platô, no centro do qual se ergue a modesta capelinha. Um muro de pedra-sabão circunda a área do cume da colina.

Os rapazes levaram violão e, logo depois, modinhas tristonhas foram cantadas. Do alto da colina avistaram a cidade banhada por garoa de prata. O morro das Lajes, altaneiro, o Cantagalo atrevido, tornavam-se mais escuros à luz da lua.

No céu azul a lua rolava mansamente, sem nuvem a perturbar sua marcha.

Carlos e Ilza, embora afastados, trocavam olhares afetuosos. Um momento, aproximando-se de Ilza, Carlos disse-lhe haver gravado suas iniciais na pedra do murinho.

Mostrou-lhe um “I” e “C” entrelaçados dentro de um coração. Fizera a gravação a canivete.

– Ficaré aí pelo tempo afora.

Ilza sorriu tristemente. Sempre sentia tristeza quando pensava num futuro distante.

As moças percorriam a área que circunda a capela, lendo os escritos gravados nas pedras.

– Veja este “Unidos para sempre”, Euclides e Neli, 1908. Quem seria este par amoroso e por onde andaria?

– Olha aqui, gente. A Maria Morais gravou o nome dela e do José e veio a se casar com João de Sá.

Riram.

– Vejam como é bonito o horizonte deste lado, gritou o Ari.

Dirigiram-se para o lado do poente, nas costas da capela. A vista estendia-se até muito longe. A mata pujante acompanhava as ondulações do terreno até o horizonte se confundir com o céu.

– É belíssimo este panorama. Para mim foi daqui, deste lugar, que Félix de Bulhões teve a inspiração da sua poesia “Só”.

– Por quê? perguntou Ênio de Araújo.

– Porque daqui o horizonte é vasto. E, subindo no murinho, declamou com ênfase:

“Parei! Chegado havia ao cimo da montanha.

Aspérrima e tamanha – o sol morria além.

Parei; sentei-me só, à beira do caminho,

Sentei-me ali sozinho,

Eu só, sem mais ninguém.

Olhei atrás e avante – os largos horizontes

Debruçam-se nos montes. Longe, por além.

De branco, azul e fogo e púrpura toucados,
Diziam contristados:
Tu só, sem mais ninguém...”.

Terminou, afirmando de novo: “Foi daqui, tenho quase certeza. E foi num fim de crepúsculo semelhante ao de hoje”.

– Vai ver que ele fez a poesia em casa, murmurou uma jovem.

– Pode ser, mas a inspiração ele levou daqui.

Ficaram por muito tempo admirando a beleza da noite, a serenidade da cidade. A prosa ia animada, eram casos da vida da cidade, ora uma moça recitava versos, ora outra cantava.

– Agora vamos cantar “As noites goianas”, pois logo teremos de ir embora, propôs alguém.

E um coro de vozes juvenis subiu aos ares:

“Tão meigas, tão claras, tão belas, tão puras,
Por certo não há!
São noites de trovas, de beijos, de juras,
As noites de cá...”.

O sino da cadeia deu as pancadas costumeiras marcando nove horas.

– Ih! Nove horas, vamos embora.

E o bando derramou-se pela encosta. Ora um escorregão, ora uma queda, tudo era motivo de risadas. Ilza e Carlos iam silenciosos. Na rua da Abadia algumas moças se despediram com algazarra. E o grupo foi se desfazendo aos poucos.

Maria, Ilza e Luiz chegaram à ponte do Carmo. Ficaram parados a contemplar o rio que refletia a lua. As caixeiras faziam sombra nas margens.

As duas moças seguiram pelo cais até o portão que estava aberto. Uma preta sentada no batente comentou:

– Óia, tava só isperando vancês pra fechá o portão. Também tava iscuitando o sapo cantá. Ispia qui beleza!

No rio, o coaxar dos sapos era respondido pelo gum-gum compassado das jias.

Na varanda encontraram dona Rosa deitada na rede.

– Está doente, mãe?

– Com muita dor de cabeça. Olha, seu pai comprou a fazenda. Temos que ir para lá.

Alguns dias depois Carlos partia para estudar. Iria cursar escola superior no Rio. Escolhera o curso de Direito, pois a insegurança que existia em sua terra o impressionara e, com a lealdade própria da juventude, pensava exercer, quando formado, um cargo em que pudesse amparar os oprimidos.

Em seus passeios matinais, Carlos passara diversas vezes pela porta da casa de Ilza, mas não conseguira vê-la. Por esse tempo Afonso Dias estava em luta declarada com o Coronel e tratava de se mudar para a fazenda.

Numa linda manhã, Carlos e outros rapazes partiram a cavalo. Foram acompanhados por parentes e amigos até a árvore frondosa chamada “árvore do choro”, ponto marcado para despedidas. Aí houve troca de abraços, recomendações, depois cada grupo tomou seu destino.

Dois anos depois, Carlos voltou à cidade natal. Nela nada mudara, mas em casa, achou os pais mais velhos, os irmãos crescidos.

A vida, porém, da cidade era a mesma. O Coronel Pires mais senhor, mais dono ainda dos homens e das consciências.

Causou-lhe horror a situação de sua terra. Havia se esquecido um tanto do ambiente de pressão que ali reinava. Agora, chegando com novas ideias, ficara triste ao ver a situação dos moradores da pequena cidade.

A convite do Quincas, Carlos fora passar uns dias na fazenda Coqueiral. Aí se sentiu mais desafogado. Logo ao amanhecer ia ao curral assistir ao desaleitamento das vacas; mais tarde, montava a cavalo e percorria as redondezas. Apreciava a conversa dos roceiros, admirava-lhes o modo filosófico com que encaravam a vida, o controle dos nervos, o bom humor constante. Homens simples e sensatos. Também notou a repulsa que tinham pelos Pires. Muitos haviam sofrido perseguições, por não se submeterem à prepotência dos donos da terra.

Próxima de Coqueiral se encontrava a fazenda “Ouro Quente”, de propriedade de Afonso Dias, que, vítima da intolerância dos Pires, mudara-se para a roça, abandonando o emprego público que exercera por muitos anos sem dar gosto aos seus inimigos de o exonerarem.

Naquelas tardes longas, o Quincas ia palestrar com o Afonso. Carlos, que todas as vezes acompanhava o amigo, sentiu-se trêmulo ao avistar Ilza pela primeira vez após tão longa ausência. Com que sofreguidão tornou a fitar aqueles olhos queridos, onde, porém percebera grande mágoa. É que Ilza sofrera muito quando ele partira sem se despedir. Traduzira aquele silêncio como indiferentismo. Ferida no seu amor próprio tentou, a princípio, não pensar em Carlos, mas em vão. Por isso, ao saber da chegada dele, jurou a si mesma tratá-lo friamente. Quando, porém, sentiu quanto ardor havia nos olhos verdes que a fitavam com ternura, compreendeu que todos foram seus receios e uma onda inebriante de felicidade a envolveu.

Dona Rosa, esposa de Afonso Dias, opusera-se à mudança da cidade para a roça. Dizia sempre: vida de roça mata. Não há empregados, é uma cansera sem fim... Mas foi em vão que ela se lamentara, pois o marido estava resolvido a se afastar da cidade. Na fazenda ia cultivando, plantando cereais, fazendo queijo, moendo cana e mesmo fabricando açúcar e rapaduras. O filho, Luiz, possuía um barracão no mercado e se encarregava da venda dos produtos, de modo que, em pouco tempo, já o Afonso estava em franca prosperidade.

Dona Rosa e as moças tudo faziam para quebrar o tédio dos dias iguais. As visitas, portanto, dos vizinhos eram recebidas com grande prazer.

Numa das noites em que o Quincas e o Carlos estiveram na fazenda, fazia um luar belíssimo. Após longa palestra entremeada de risos das moças, o Quincas levantou-se e chamou Carlos:

– Já são horas de irmos andando.

– Não, compadre, espere aí. Venha ver primeiro que beleza de pele de jaguatirica, morta, há dias, por meu camarada.

Maria, Ilza e Carlos foram andando vagarosamente pelo campo. Calados, contemplavam o luar.

– Maria – gritou dona Rosa. Venha buscar o paleto, está fazendo um friozinho.

Maria voltou-se, Carlos e Ilza ficaram sós. Carlos, com os olhos fitos nos de Ilza, perguntou-lhe:

– Quando irás à cidade?

– Só lá pela Semana Santa.

– Ah! Logo depois retornarei ao Rio de Janeiro.

– E com voz trêmula! Não me esquecerás, Ilza?

– Não!... Nunca!

Seus olhos se encontraram. Uma felicidade infinita os invadiu. Maria chegou correndo.

– Vou hoje mesmo para a cidade, Maria – disse Carlos. Aproveitarei a noite para viajar.

– Ah! Que inveja! Mas já é tarde. Você terá que atravessar a “Chica Brava”. Dizem que lá é mal-assombrado.

– Seria muito brava essa tal Chica?

– Diz o povo que era u’a mulher má. Morava no sítio que é hoje do Major Plácido. Já muito doente teve de ser levada numa rede para a cidade. Impertinente, durante o transporte, só fez xingar os escravos e ameaçar a todos. Ao descer a ladeira, muito enfurecida, entregou a alma ao Criador...

– Seria para o Criador mesmo?

Riram e Carlos despediu-se:

– Vou-me embora antes que a tal Chica me cerque no caminho.

– Não brinque com almas do outro mundo.

Aproximava-se o Quincas puxando os animais e, logo depois, os dois cavaleiros desapareciam na curva da estrada. As folhas do buritizal, à luz da lua, pareciam lâminas de prata. As moças voltaram caladas para a fazenda.

Nas moitas de capim, o cricri dos grilos quebrava o silêncio da noite.

Ilza sentia-se no ar desde a hora em que Carlos lhe pedira que não o esquecesse. Não podia deixar de pensar nos olhos expressivos do rapaz. Deitada, ao lado de Maria, não conseguia dormir.

Reinava silêncio na fazenda. Na mata distante, piavam curiangos. Ilza pôs-se a recordar, com emoção, as palavras de Carlos. Há muito que notava naqueles olhos verdes

algo diferente, mas não podia crer. “Não me esquecerás, Ilza?” ressoavam ainda aos seus ouvidos. E também a sua resposta: “Não!... Nunca!”.

Agora poderia reafirmar: Nunca! Nunca! Tinha certeza. Era de natureza leal, sincera. Seria fiel àquele amor que tão fundo lhe penetrara na alma.

E recordava sua vida.

“Era bem pequena ainda quando seus pais se mudaram para uma casa escura, numa rua estreita. Tinham como vizinhos os pais de Maria. Esta fora sua primeira amiga. Passavam os dias brincando e nunca tiveram a menor questão. Era o brinquedo predileto o de “casa de bonecas”, embaixo de uma frondosa mangueira. Outras vezes, abriam o portão que dava para o cais e nele se debruçavam entretidas a contemplar as águas que corriam silenciosas, deixando ver o leito do rio coberto de seixos redondos; no limo, os lobos se grudavam enquanto os lambaris nadavam num acelerado vaivém.

“Aos sete anos, foram para o colégio das freiras. Ela e Maria iam juntas, vestidos iguais, cestinhas de vime na mão. Que alegria sentira ao receber o livro novo, de leitura; a todo instante cheirava-o; a caneta verde, a pedra de lousa, em cuja moldura de madeira seu nome fora gravado por sua mãe.

“Tudo havia sido comprado numa loja junto à ponte, inclusive uma bolinha de pó vermelho, que sua mãe desmanchara n’água e enchera dois tinteiros. Fizera questão de guardar o papel prateado que enrolava o pó. Serviria para marcar a lição.

“Durante dois anos frequentara o colégio. Como eram boas as freiras! Já estimava aquele casarão e sentia, ao penetrar nele, uma sensação de paz. Pisando de leve, atravessava todos os dias o corredor frio de tábuas largas e gastas pelo tempo. Passava pela porteira, Donana, já bem velhinha, mas

sempre alegre. Percorria o alpendre onde, a um canto, no alto, estava pendurado a sineta. Depois, descia correndo os cinco degraus de pedra e chegava ao pátio, todo florido e cheiroso. Passava debaixo do parreiral a contar os cachos de uvas que lhe traziam água à boca. Na aula, lia com prazer o livro novinho e sabia de cor alguns trechos:

“Quando eu era pequenino
Que nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
Ao Deus do Céu adorar...

“Quando ia para a escola, parava sempre em frente ao Palácio do Governo e ficava a olhar aqueles dois bustos encimados nas grades do jardim. Um representava u’ a mulher e o outro, um homem, de lábios grossos e nariz achatado. Em sua imaginação infantil, supunha-os estátuas de Adão e Eva. Apanhava os jasmims do caramanchão que havia ao lado, espalmando-os pelas páginas do livro; quando emurchecidos, perdiam a alvura mas guardavam o aroma suave.

“Depois... sua mãe esperava um bebê. Recordava-se da alegria com que era aguardada a sua chegada. Ela, embora pequena, fizera um par de sapatos de lã e uma toquinha de crochê, toda enfeitada de fitas azuis.

“Numa noite, porém, acordara com a casa cheia de pessoas, vizinhos e amigos. Falavam baixinho, andando nas pontas dos pés. Viera um médico. Mais tarde, conhecera a realidade, sua mãe estava passando mal e, ao clarear do dia, falecera... Que sofrimento ao ver sua mãe estendida, pálida, mãos cruzadas sobre o peito e insensível aos seus gritos e chamados. Ainda agora, tanto tempo decorrido, não se lhe apagaram da mente os soluços do pai ante a mulher morta. Na janela baixa, da salinha pequena, os curiosos debruçavam-se.

“Como sua vida mudara! Fora morar por uns tempos com a madrinha, mãe de Maria. Depois, numa tarde de setembro, seu pai caíra morto. Lembrava-se da correria dos amigos. Porém, ao avistar o cadáver do pai, não sentira tanta dor como quando perdera a mãe. Ainda se achava desnorreada com a falta do carinho materno. Recordava-se dos projetos que a mãe fizera sobre seus estudos, seu futuro. Tudo mudara. Destino truncado!

“A vida tomara rumo diferente. Tivera que deixar o colégio e frequentar o grupo escolar, pois o padrinho não poderia pagar-lhe o curso do colégio das freiras. Doera-lhe o orgulho quando se assentara a par das meninas de cor, de cabelos duros, cheirando a pomada de sebo, chinelas nas pontas dos pés sujos, calcanhares rachados.

“Causava-lhe inveja ver Maria seguir para o colégio, bem vestida, enquanto ela, metida num vestidinho tinto, com sapatos ordinários, ia para o grupo. Sua madrinha, no entanto, era muito boa, tratava-a com cuidado, porém a saudade de sua mãe e a mudança brusca de vida a amarguravam.”

Precisava dormir. Já era tarde e nada do sono chegar. Olhou Maria que ressonava baixinho. Seu pensamento vivo voltou para o passado.

“Terminado o curso primário, não frequentara mais as aulas, pois tivera que ajudar a madrinha nos afazeres da casa e nas costuras.

“Por essa ocasião, já o Afonso Dias, estava indisposto com os Pires e sofria cruel perseguição. Vivia sempre mal humorado e trazia todos de casa em contínuos sobressaltos. Dona Rosa conhecia o gênio violento do marido e temia qualquer fato desagradável entre ele e os Pires.

“Afonso, porém, valendo-se das economias feitas, comprara aquela fazendola pouco retirada da cidade. E planejava

mudar-se para a roça. Ficava, ainda, algum tempo na cidade à espera de que Maria terminasse o curso de normalista. No dia da formatura de Maria, Ilza guardava a mais agradável lembrança: a sala do colégio, as janelas abertas para o pátio florido, as jarras repletas de rosas, as pessoas bem vestidas. Maria fora a oradora da turma. Ficava bonita, no seu vestido branco de mangas largas. Ela, também, fizera um vestido novo, cor-de-rosa, sua cor predileta.

“Carlos estava lá, de pé, junto à porta. Quantas vezes encontrou seu olhar!

“Terminada a festa, parabéns, abraços, e, sobrepujando a tudo, a lembrança de uns olhos verdes num rosto moreno que lhe enchia de desassossego o coração.

“Nas noites de luar, claras, magníficas, únicas, como são as noites de Goiás, Ilza acordava ao som da serenata. Uma voz sonora e forte, que ela sabia ser ‘dele’, dizia-lhe coisas lindas e a fazia sonhar com um futuro povoado de felicidade. O amor, sorrateiro a princípio, e violento por fim, apossou-se de seu coração.

“Mas veio a ausência de Carlos. Como lhe doera saber de sua partida para tão longe e sem se despedir! Não dissera a ninguém sua mágoa, nem à Maria.

“Na fazenda, tudo lhe lembrava o amado. O verde do buritizal que se alinhava em frente à mata, o canto dos pássaros, o anoitecer tristonho da roça, tudo lhe falava do ausente. Quando a serra, ao longe, tomava um tom arroxeadado, a saudade cantava em seu peito. Às vezes, pensava ser tudo fantasia de seu espírito romântico. Por que se deixara prender assim? Mas... o encontro inesperado daquela noite, Carlos confessando o amor que por ela sentia e pedindo-lhe que não a esquecesse. Felicidade suprema!”

Uma acauã cantou repetidas vezes. Ilza sentiu um travo no coração. Por que cantaria a acauã quando ela pensava em Carlos? Seria mau agouro?

Já era madrugada. Os galos começavam a cantar, os pássaros gorjeavam num desafio interminável. Uma clareza fraca, filtrando-se por entre as telhas, desenhava arabescos nas paredes caiadas. Chegava o dia e, com ele, os trabalhos e canseiras da vida da roça.

Cochilou um pouco quando ouviu a voz rouca do padrinho, o rastejar dos chinelos da madrinha, as vozes dos camaradas.

Dona Rosa chamou:

– Meninas, meninas, são horas.

Ilza saiu logo do quarto. Maria, porém, virando-se para a parede, procurou reatar o sono interrompido.

Era aquele dia marcado para a salga.

Estava bela manhã. No quintal, as flores das laranjeiras recendiam, as abelhas vojavam em torno, ébrias com o perfume forte. Os vaqueiros, de calças de couro, chapéus largos, pularam sobre os animais e logo desapareceram no campo brilhante aos raios do sol.

Passadas algumas horas, o som triste da buzina avisou aos de casa que perto vinha o gado. Já o ferro de marcar estava no fogo, incandescendo. Na orla da mata aparecera a primeira ponta de gado. As reses vinham juntas, emboladas, assustadas. Uma novilha, arisca, retrocedera, mas o peão vigilante cortara-lhe a retirada. Ei-la de novo no meio das outras. Junto à porteira, aberta por um negrinho, o gado se amontoara. Instigadas pelos vaqueiros, as reses penetraram no curral e foram correndo ao cocho, onde estava colocado o sal.

Entre piadas dos camaradas que, faceiros, giravam em torno do curral, boleando o laço, uma rés foi laçada e logo amarrada num poste para a marcação. Outro laço lhe prendera as pernas. A um golpe do vaqueiro, a rés desequilibrou-se e caiu. O ferro incandescente foi trazido e aplicado na anca lisa do

animal. Berro de dor e estremeções violentas. A rés arfava. Espalhará-se no ar um cheiro de couro queimado. O animal, liberto dos laços, levantou-se de um arranco e se reuniu às outras reses.

Na anca de pelo acetinado, em letras escuras, as iniciais de Afonso Dias apareceram.

Retirando da fomalha um tição, Ilza o balançou, repetidas vezes, para avivar a chama, e nela acender a candeia de azeite que colocou num portal da sala da frente. Uma claridade vacilante encheu parte do cômodo. Depois que a torcida de algodão absorveu o azeite, a luz se firmou, clareando o canto da sala onde havia uma rede. De um cabide tosco pendiam arreios, cabrestos, rédeas, laços, polacos, embornais sujos. Atirados ao chão, baixeiros suarentos, cangalhas e bruacas de couro. Afonso, sentado na rede, chamou:

– Venha cantar um pouco, Maria.

Maria tomou o violão e, acompanhada por Ilza, cantou modinhas dolentes, que infiltraram n'alma de todos estranha nostalgia. Na noite fria, as vozes das moças se elevaram belas e sonoras. Dona Rosa trouxe uma bandeja com tigelas de café e um prato de bolinhos quentes.

– Mas isto daqui é triste, principalmente à noite, resmungou, enquanto servia o café.

– É... mas nós só voltaremos a morar na cidade quando os Pires deixarem de ser donos de lá. É coisa decidida e mais do que resolvida.

Fazia mais de meia hora que os sinos tocavam chamando os fiéis para a procissão do Encontro. Grupos de moças falando alto subiam e desciam as ruas, com seus vestidos novos.

Crianças vestidas de anjos pisando devagar, seguravam, contrafeitas, as longas camisolas e se dirigiam à igreja.

Grande multidão enchia a praça em frente à matriz. Os sinos continuavam a badalar com força. Mais tarde, surgiu à porta da igreja a grande cruz levada por homens de opa roxa; eram os Irmãos dos Passos, todos de balandrau, andar vagaroso, formando filas. Mais atrás, a ala das moças; no centro os meninos e anjos de asas néveas. A imagem de Nossa Senhora apareceu no alto do andor de flores, vestida de azul, trazendo nas mãos um lenço branco bordado. Era a imagem da Dor.

Logo adiante, no púlpito armado numa esqui-na, o padre esperava o encontro. Jesus se aproximava pela rua principal. Vinha Ele ajoelhado ao peso da cruz e trazia no rosto estampado o sofrimento. Os corações se compungiam ante esse espetáculo secular, mas sempre emocionante. Do púlpito, o padre explicava ao povo o drama da Paixão de Cristo.

Havia um sussurro no meio dos ouvintes, as crianças choramingavam. Maria e Ilza, num grupo de moças, cochichavam. Nisto, uma voz diferente chamou:

– Ilza.

Seu coração respondeu antes dos lábios, e, quando estendeu a mão a Carlos, nada pôde dizer.

A procissão continuou o trajeto. Ilza e Carlos caminhavam devagar conversando em voz baixa. A banda de música tocava marcha triste.

– Seguirei terça-feira. Como me sinto sem vontade de partir!

– Quem viaja ainda tem distrações mas quem fica... é só recordar.

– Ilza, eu não a esquecerei nunca, e você?

– Eu? Suceda o que suceder em minha vida, você

será sempre o dono de meu coração.

– Então partirei confiante.

Chegaram à praça da igreja. Cânticos religiosos subiam aos ares. Jesus, de joelhos, cabelos longos, que balançavam na cadência do andor, vinha seguido de sua Mãe, cujo rosto belo, angustiado, parecia, à luz das velas, lacrimoso.

Os sinos tocavam novamente à entrada da procissão.

O silêncio envolvia a rua. A lua no céu azulado tornava a cidade clara como se fosse dia. As casas baixas, com janelas fechadas, pareciam dormir também. Aragem forte desceia do lado da Carioca. Os coqueiros da Bahia abriam bem no alto suas folhas empoeiradas de prata.

Uns acordes de violão tristes e graves fizeram-se ouvir. Mais perto agora. Depois uma voz máscula entoou:

Amei-te logo com amor tão puro

Louco fiquei desde que te vi

Mas não me importa que tu me abandones

Embora eu morra de paixão por ti...

Ilza, acordada, escutava com emoção. Era Carlos. Seu coração bateu acelerado. Maria acordou e chamou baixinho:

– Ilza. Ilza. Olha a serenata.

Ilza, fingindo despertar, ergueu a cabeça do travesseiro e escutou. O violão continuava tocando tão perto como se estivesse dentro de casa. Maria levantou-se, de camisola comprida, pés descalços, atravessou a sala, indo até à janela, espiou pela veneziana. Depois voltou:

– Não conheci ninguém. O luar está como dia mas os moços estão perto da porta de modo que não pude reconhecer nenhum.

Daí a pouco, passos fortes ressoaram nas pedras da calçada e foram se afastando. Novo canto ao longe, noutra rua.

– Onde estarão cantando?

– É na casa da Vivi.

– Será? Olha, está longe, deve ser na casa de Julinha.

– Então, é o Aziri.

– O Janjão não tem coragem de fazer uma sere-nata. Nem sei por que gosto dele. É um trem, reclamou Maria.

Ilza não mais pode dormir. Seu pensamento acompanhava Carlos pelas ruas estreitas batidas de luar.

De madrugada estouraram foguetes.

– Que será? indagou Brandão à mulher.

– Hoje não é 20 de abril? Aniversário do Majolimpo Campos.

– Ah! É mesmo! Até me assustei.

Olímpio Campos morava num sobrado e, apesar de sovina, no dia de seu aniversário esquecia a segurança e gostava a valer. Gostava de festejar o 20 de abril com estrondo. Bem cedo, a foguetaria; à noite, o baile arrojado.

Muitos dias antes de seu natalício, ele dava voltas pela cidade a fazer convites. Convidava brancos e pretos, mulheres honradas e duvidosas, pessoas do Governo e da oposição.

Durante esse dia sua casa ficava aberta e repleta de gente. Bandejas de doce, sequilhos, tabuleiros de empadas entravam equilibrados nas cabeças dos empregados.

Seu aniversário marcava época. Aquele fato sucedeu antes do baile do Majolimpo, aquele outro, depois.

A cama do Olímpio ficava cheia de presentes, eram caixas de lenços com as iniciais bordadas a ponto de cruz,

eram meias vistosas, gravatas, chinelas chagrin. Ele olhava tudo com atenção, reparava na qualidade e, passados alguns dias, colocava quase todos presentes nas prateleiras de sua loja, na parte térrea do sobrado. No dia 20 de abril a loja não se abria.

Às oito horas da noite já o salão estava repleto. As cadeiras enfileiradas militarmente pelas paredes se achavam ocupadas. Era um vozerio. Nas sacadas altas que davam para a rua estreita, as moças conversavam e olhavam quem passava.

Olímpio, afastando-se dos convidados, debruçou-se na última sacada e seu pensamento foi longe. Há quantos anos viera de Amaro Leite, cidadezinha enfiada naquele oco do mundo. Nem sabia mais a conta. Seu pai o enviara ao Major Honorato, seu compadre, que necessitava de um menino para caixeiro.

Olímpio ficara espantado com a capital. Para ele, toda cidade era como Amaro Leite. Sentiu tristeza nos primeiros dias mas o bom trato da casa do Major Honorato enchendo-lhe a barriga afastou-lhe do coração a saudade da terra distante.

Como caixeiro, tudo fazia para agradar ao Major Honorato. O patrão pagava mal, mas assim mesmo Olímpio estava contente. Logo cedo varria a loja, a calçada, depois empunhava o espanador, grande e velho, dava umas espanadas nas prateleiras e no balcão.

No fim de algum tempo, Major Honorato já não podia prescindir do caixeiro. Tudo era Olímpio. E este, velhaco ativo, captou a confiança do patrão de modo decisivo. Chegasse um caixeiro viajante, o Major Honorato não saía de onde estava, pois Olímpio atendia e despachava com eficiência.

Alguns anos depois já o Olímpio havia engordado e tomara um ar arrogante. Usava suspensórios e camisa listadinha. O cabelo, carapinha, repartido ao meio, cheirando a óleo barato.

Mal chegava um freguês, Olímpio prestimoso o atendia e, se o objeto pedido estivesse na vitrine junto da porta, ele firmava a mão direita no balcão e impulsionando o corpo saltava o móvel indo cair de pé junto ao freguês.

O Major Honorato, de cadeiras duras pelo reumatismo, sentia admiração viva, nessa hora, pelo caixeiro. E Olímpio, percebendo isto, esmerou-se no salto ao balcão.

O Major Honorato era celibatário. Tinha muitos sobrinhos e afilhados, mas a sobrinha Fiica, feia, dentuça, seria a provável herdeira do tio. Gostava dessa sobrinha mais do que dos outros.

Olímpio começou a namorar discretamente a Fiica e esta, que jamais tivera um amor, ficara desvanecida com a corte do caixeiro.

Um dia Olímpio falou ao Major sobre sua intenção de se casar com a Fiica. O patrão até o ajudou no pedido à sobrinha e logo marcou a data do casamento. Seria durante a missa, bem cedo, poucos convidados. Nada de despesa inútil. No dia das núpcias não se fechou a loja, nem Olímpio deixou de saltar o balcão. Fiica, feliz, com a dentuça à mostra, não saiu da sacada.

E Olímpio passou a morar no sobrado.

Quando o Major Honorato, bem velho, falou em testamento, Olímpio enxugou umas lágrimas, mas saiu ligeiro em busca do tabelião. Foi feito o testamento. Para cada sobrinho deixou um pouco de dinheiro e mesmo imóveis, mas a Fiica, a predileta, ficou dona da loja e do sobrado. Houve discussões quando souberam do ocorrido, mas a vontade do Major Honorato continuou firme.

No dia em que o Major faleceu, Olímpio abriu meia porta da loja, e, no dia seguinte, antecedeu muito ao

horário de abertura. Desde então exigira de todos o tratamento de “Major”. Herdara até o título do seu patrão. Mas por ironia ou ignorância o tratavam por Majolimpo.

Em pouco tempo estava rico. Não tivera filhos, não dava esmolas e emprestava dinheiro a juros altos. Somente o dia 20 de abril o abalava. Era o dia máximo do ano. Gastava, mas gozava, sabendo toda cidade falando nele, preparando-se para a sua festa.

Olímpio ainda pensava debruçado na sacada entre duas cortinas de rendas, amarradas com laços de papel de seda, quando avistou a banda de música que chegava.

A banda não tocava enquanto não chegasse o Coronel Pires. Quando este apontou embaixo da escada, de braço dado com dona Carmem, sobraçando um embrulho, e as filhas na frente, a banda atacou um dobrado ruidoso.

Olímpio, vermelho, emocionado, recebeu os cumprimentos do Coronel e o conduziu com a família para umas cadeiras reservadas às distintas visitas.

Veio em seguida a valsa “Dor Suprema”. Todo mundo se movimentou. O Coronel formara roda de prosa e falava, gesticulava, ria alto, no que a roda toda o acompanhava. Discutia-se política.

Bateram palmas para a quadrilha. Os pares se colocaram no centro da sala. Enquanto esperavam o início da quadrilha, conversavam. A filha do Intendente, um tanto gorda, teve com o par o Aloísio Sá, magrela e sem prosa. Ela, com cara de favor.

Olímpio dançou com dona Carmem. Resfolegava alto e sorria satisfeito. Fiica, com o Coronel. Ele, alto, bem trajado, com voz grossa contava um caso e Fiica, com a cara estúpida, concordava, sacudindo a cabeça, a dentuça maior ainda.

Terminada a quadrilha as senhoras foram reconduzidas a seus lugares. Olímpio formou roda bem no meio do salão, olhos desvanecidos para o Coronel, que atacava os adversários.

Na sacada, as moças flertavam. Na rua, pessoas comentavam em voz baixa o baile. Era o “sereno”, sempre mordaz.

– Veja a Ivone como está sapeca. A toda hora vem à janela para ver se o Otávio está firme.

– É leviana toda vida.

– Mas ele gosta dela mesmo. Só o fato de não enxergar o tanto que ela namora, ora é o Júlio, ora o Dirceu. É ele bem crente.

– Espia a beleza do vestido de dona Carmem. E como dança bem!

– Pudera!... Mulher do dono da terra, tem que ser a mais bonita, a mais bem vestida, a que dança melhor.

Até às três horas da manhã dançaram no sobrado do Olímpio Campos. Quando os últimos convidados se retiraram não havia mais “sereno”. As ruas quietas e o vento varrendo folhas secas.

Ficando a sós com a mulher, Olímpio comentou:

– Posso não ter família, não ter tronco como os Dias, os Gomes, não ser doutor, ter o cabelo meio enrolado, mas ninguém é mais querido, é mais importante do que eu. Veja quanta gente hoje aqui, no sobrado do Major Olímpio Campos. E o Coronel Pires com a família, que distinção! Viu o presente que me trouxe? Que tamanho de caixa de charutos! A caixa forrada de seda roxa, uma beleza! Não tenho tronco mas tenho prestígio, tenho cobre.

Depois de um silêncio:

– Esta não posso por na loja pra vender. Ele pode vir a saber... Mas aquelas meias, chinelas, corte de colete...

tudo, tudo, para a loja. Mas que homem distinto o Coronel!

– Olha, Olímpio, vai deitar, você abusou do licor de pequi, tava muito forte. E você ainda misturou.

– É... Não tenho família, não tenho tronco, mas tenho CO-BRE, CO-BRE.

– Vai deitar, homem. Vou buscar um café amargo pra você.

– Buscar o quê?

– Café.

– Não quero, não estou bêbado. Vai dar café pra seus irmãos, aquela penca de bestas, tudo dentuço e gago. Ah! Ah! Ah! Dentuço. Ah! Ah! Gago. Ah! Ah. Ah...

Após as festas da Semana Santa, Afonso Dias voltou com a família para a fazenda. Saíram cedo. Os animais ferreados faziam barulho nas pedras da calçada. Maria, com cara de choro, deixava o animal ir onde quisesse. Gostara tanto das festas: procissões e a folia. Esta então fôra ótima. Passara três dias correndo rua a ver folia. Dera nó na fita da bandeira do Divino pedindo-lhe que não a deixasse voltar à fazenda.

Ilza tocara o cavalo e, bem na frente, afastou-se do grupo para só pensar em Carlos. Estava ele tão longe dos olhos mas tão arraigado no seu coração.

A vida da fazenda continuou monótona. Os dias úteis eram absorvidos no plantio, nos trabalhos do campo. Aos sábados, à tarde, chegava o Luiz. Trazia novidades, jornais, e contava pormenores da vida da cidade. E era um perguntar sem fim, todos queriam saber notícias do pessoal, dos parentes.

Dona Rosa suspirava satisfeita quando abraçava o filho. “Ele faz um cheio em casa”, dizia. Era alegre, brincalhão, embora tivesse gênio forte, violento mesmo, traço característico

dos Dias. Luiz pretendia deixar o comércio e ir lidar com a terra e criar gado. Queria vida independente.

Num domingo de céu azul, Maria pediu ao pai que a deixasse ir com os irmãos dar um passeio a cavalo pelo campo, chegando até à serra.

– É pecado ficar em casa com um dia desse, disse faceira.

– É mesmo, minha filha, pois vão passear.

Era setembro. O sol claro tirava reflexos no verde pujante das árvores. As cigarras estridulavam. Árvores florescidas eram verdadeiros buquês atirados pelos campos. Uma apoteose da natureza aos raios do sol.

No céu, agora, blocos de nuvens assemelhavam-se a algodão. Soprava agradável aragem. A serra se avizinhava, bela, majestosa, porém triste.

As duas moças montadas em silhão, chapéus de abas largas, riam satisfeitas. Luiz vestido a “cowboy”, lenço no pescoço, era o tipo do sertanejo brasileiro: moreno claro, olhos castanhos, queixo forte.

Pedras negras esparsas pelos campos verdes formavam contraste interessante. Mais além, numa vereda, buritis enfileirados lembravam sentinelas avançadas.

– Vamos deixar aqui os cavalos e subir a pé? – propôs Luiz apeando-se rapidamente.

– Olha!.. Que boa sombra onde descansaremos um pouco antes da subida – exclamou Maria apontando um pequizeiro frondoso.

Sentaram-se na relva macia. As cigarras continuavam cantando estridentemente. Os jovens conversaram e riam. De repente Luiz calou-se. Como ainda não se apercebera da boniteza de Ilza? Perguntou a si mesmo, fitando-a insistentemente.

Notou então os olhos negros, expressivos, os cabelos castanhos e fofos, formando belo contraste com as sobranceiras negras, os dentes alvos e iguais, o corpo cheio e bem feito. Linda! Assim pensando, sentiu o coração pulsar com mais força. Era ela seu tipo ideal de mulher: morena, forte, bem brasileira.

As moças se distraíam com a beleza da paisagem, porém Luiz, absorvido na contemplação de Ilza, nada enxergava.

– Olha, Luiz, como está linda aquela vereda, acolá...

– É...

– Ei! Você diz é, e fica olhando para Ilza. Será que só agora você viu que ela ficou bonita de fato? – gracejou Maria.

– Oh! Que bobagem! – retrucou Ilza desapontada.

Começaram a escalada da serra. Havia degraus que pareciam construídos pelas mãos do homem, tal sua simetria. Algumas pedras altas, alinhadas, corroídas pelo tempo, lembravam ruínas de cidade remota. Entre as pedras, moitas de papiro e de canela de ema.

Ilza, numa subida mais íngreme, segurara com força num arbusto, mas logo retirou a mão, com um grito de dor. Diversos espinhos haviam lhe penetrado na carne. Maria acudiu, solícita e, com um alfinete, procurou retirá-los. Luiz também se aproximara e, tomando a mão da moça, tentou, com delicadeza, extrair os espinhos. Ligeiro tremor o invadira.

Ilza disse-lhe:

– Deixa Luiz, em casa, com vagar, tiro de um a um.

– Não, há de ser agora – respondeu o moço, fechando o sobrecenho e segurando com força a mão de Ilza.

Maria afastou-se, em direção a um penhasco, para gozar a aragem fresca daquela hora. De lá observou o par sadio que Luiz e Ilza formavam, de pé, em cima da rocha negra, lendo por moldura o azul do céu. Eram duas estátuas vivas.

De um a um, Luiz retirou todos os espinhos. Ilza agradeceu confusa.

Galgando uma rocha mais alta, aí permaneceram longo tempo a contemplar o horizonte vasto.

Quando o sol começou o deitar seus raios horizontalmente, iniciaram a descida da serra, de retorno à fazenda. Um friozinho ligeiro se fazia sentir. Luiz desamarrou os animais, apertou os arreios e colocou-lhes os freios. Em seguida, pôs a mão sobre seu joelho para que Maria nela colocasse o pé e desse o impulso para alcançar o silhão. Ao fazer o mesmo com Ilza, novo tremor o invadira e seu olhar denunciava inquietação. Não! Não era estima de irmã que o prendia a Ilza. Era um sentimento mais forte, mais violento.

Partiram a trote largo. Em meio galope, atravessaram os campos. Logo avistaram a casa, baixa, cujas janelas e portas sem verniz lhe davam aspecto de pobreza.

Dona Rosa estava à janela. Algumas vacas deitadas na terra fofa, ruminavam, com os grandes olhos parados. Os cavaleiros se aproximavam. Eram três belos representantes da raça brasileira. Afonso Dias, encostado à cerca, olhava-os embevecido. Apreciava em extremo a fortaleza física achando-a mesmo essencial para a vitória na vida.

As vacas levantaram-se morosamente à aproximação dos cavaleiros. Luiz, saltando do animal, ajudou Maria a apear-se e depois foi descer Ilza. Esta apoiou-se no ombro do rapaz e ele sentiu nova perturbação.

Dona Rosa veio alegre ao encontro dos filhos.

– Não apanharam pequis?

– Não, ainda estão verdes.

– Trouxe umas folhas de arnica para a senhora, disse Ilza.

– E eu uma pedrinha, bem do alto da serra, disse

Maria, rindo.

– E você, Luiz, que me trouxe?

– Um abraço bem amigo.

Durante o jantar a conversa foi sobre o passeio. Mais tarde, sentaram-se em frente da casa esperando o nascer da lua.

– Bonito o luar na roça! – comentou o Afonso.

– Mais bonito é na cidade – respondeu dona Rosa, que não perdia ocasião de atacar a roça.

– Tudo na cidade é mais bonito – rematou Maria. Eu gosto da vida na cidade, movimento, bastante gente, festas... Na roça é essa tristeza, não acha, Ilza?

– É... respondeu baixinho.

– Eu não quero viver na roça, falou Maria.

– Cada um deve querer o que seu destino marcar.

– Pois o meu tem de marcar ci-da-de.

Riram de Maria. Ilza contemplou a lua majestosa no céu azulado e pensou em seu destino. Destino truncado já uma vez...

– E você, Luiz, de que mais gosta? perguntou o pai.

– Ah! Nem se pergunta! Da roça, da liberdade. Que pode haver melhor do que à lavoura? A vida em contato com a natureza? Que prazer plantar e acompanhar o crescimento da planta. Que prazer! Nada como a vida da roça, independente, senhor de si.

– Cantem um pouco – mandou o Afonso. A noite está belíssima.

Luiz pegou o violão e, junto com as moças, cantou modinhas em que a tristeza predominava. Até muito tarde ficaram contemplando a lua, o esplendor da noite. No céu, entre flocos de nuvens, a lua fazia sua caminhada vagarosa. O buritizal em frente parecia banhado em prata líquida.

Após muitos dias de chuva, o inverno continuava manhoso.

Na fazenda reinava um tédio indisfarçável.

– Se Luiz pudesse vir! Alegraria a casa, pois esses dias chuvosos esfriam até a alma da gente. Mas o rio não dá passagem, resmungou dona Rosa.

– E o Governo nada faz. Não constrói pontes. Há quantos anos os fazendeiros sofrem, nesse tempo, por falta de pontes. Se vão à cidade, lá ficam sem poder voltar. Se estão na fazenda, ficam desligados da cidade, de tudo que se passa pelo mundo. Agora é esperar e esperar com paciência, pois teremos ainda muitos dias de chuva, retrucou o Afonso.

– Espera, desespera, pai – falou Maria.

– Olha que quantidade de cirica! É sinal de inverno. Vai chover ainda? Meu Deus! Que coisa insuportável! – continuou Maria com voz lamuriosa.

Dias depois a chuva amainou e, de intervalos em intervalos, aparecia o sol fraco, desbotado.

Foi uma festa quando avistaram o menino leiteiro que chegava da cidade. Um verdadeiro interrogatório seguiu-se aos cumprimentos:

– Como você passou o rio?

– Mas que perigo! Em tempo de rodar...

O moleque, de olhos vivos, respondia de pronto às perguntas. E contou que o rio ainda estava cheio, mas que já estivera mais bravo. Ele passara junto com o Major Pacífico, “que é bicho pra nadar”. Remexeu nos bolsos do paletó velho e grande, pois fora do Luiz, e retirou um bilhete entregando-o à dona Rosa, mas, antes que ela o lesse, falou ligeiro:

– Mataram o Coronel Pires.

– Quem?

– Como?

– Onde?

Todos interrogaram a um só tempo. O negrinho explicava a seu modo, fazendo confusão nos fatos ocorridos.

– Mas ninguém sabe quem foi?

– Deixem o menino falar.

Então o moleque contou que o Coronel Pires estava sentado na sala, escrevendo, quando veio um tiro do quintal e pegou nele... Lá nele, bem nos peitos. E o negrinho espalmava a mão escura no peito e arremedava, com gestos exagerados, a cena. Foi um tendepá! Dona Carmem correu pedindo socorro, as moças gritavam. Ninguém se lembrava de ir ver quem dera o tiro. Chamaram o médico; vieram os parentes, um povaréu. No quintal, acharam somente sinal de um pé bem grande. Suspeitaram do Norberto, que há poucos dias ficara sem um pedaço orelha, quando levara uma cabrestada do Coronel.

Afonso leu o bilhete do Luiz contando a morte do Coronel e pedindo-lhe que não fosse logo à cidade.

– Imagino o barulho que fizeram. Se pegam o tal... Este tá frito.

– Pega coisa nenhuma, seu Afonso, mas na verdade toda a gente gostou. O Coronel era ruim demais. O Josito tá contente. Agora não tem perigo de ficar sem orelha.

– Mas ele morreu logo?

– Nhor não, levou dois dia e duas noite pensando.

– Coitada de sua alma. Ele fez tantas maldades neste mundo, comentou dona Rosa.

– Agora podemos voltar para a cidade, não é, pai? gritou Maria e, antes da resposta, deu um pulo e, segurando

Ilza pela cintura, rodopiou pela sala. Ilza ria do entusiasmo da amiga.

– Foi ruim... mas foi boa esta morte, continuou entre risos.

– Cala boca, menina, onde já se viu achar boa a morte do próximo?

– Nesse caso, mãe, a morte dele vai dar vida à minha vida.

Após ausência de mais de um mês, Luiz voltou à fazenda. E foi um alegrão em casa, quando avistaram seu vulto na estrada. Todos vieram recebê-lo. Dona Rosa nadava em satisfação. Amistosa palestra se estabeleceu entre o recém-chegado e os de casa. Entre várias novidades, contou Luiz:

– Sabem que a Ena ficou noiva?

– Não... De quem?

– Do João Pires.

– João Pires?

– Sim. O João Fumaça.

– Ah! Sei quem é.

Em Goiás é comum apresentarem-se os apelidos com mais força que os nomes de batismo.

– Mas ela não gostava do Carneiro?

– Gostar, não sei, mas namorava com ele – falou Luiz. Gostar é uma coisa e namorar, outra, completou olhando para Ilza.

Entraram para a varanda de chão batido. Dona Rosa e Ilza foram preparar outro jantar, cozinhar um pouco de arroz e estrelar uns ovos. Na cozinha escura e pequena, Ilza andava de um lado para o outro; ora atiçava o fogo, ora mexia o cozido nas panelas.

Encostado no portal, Luiz a contemplava.

– Tiveram muitas saudades minhas? interrogou.

– Muitas, meu filho, respondeu dona Rosa.

– Foi mesmo, Ilza?

– De certo, Luiz.

Dona Rosa saiu para arrumar a mesa, enquanto Ilza terminava o rápido jantar. Ficando a sós com Luiz, Ilza debruçou-se mais sobre o fogão. Fazia-lhe mal o olhar do rapaz. Este aproximando-se murmurou:

– Mas você não teve saudades de mim! – e, sem esperar resposta: eu quase morro de saudades suas.

Ilza, confusa, percebeu grande transtorno na voz de Luiz, e, virando-se rápida, viu quanta emoção havia nos seus olhos, quão desfeito estava em seu rosto! Nada disse, porém, e continuou a lidar.

Depois de haver posto o jantar, Ilza desculpou-se com a madrinha e, alegando estar com dor de cabeça, retirou-se para seu quarto. Daí ouvia a conversa. Todos conversavam animadamente, menos o Luiz, que falava por monossilabos. Logo fez-se silêncio na casa.

Quando Maria chegou para deitar, Ilza fechou os olhos, fingindo que dormia. Daí a pouco, Maria ressonava. Ilza não tinha sono e precisava tanto de dormir! Esquecer... Esquecer Carlos. Esquecer o olhar de Luiz. Desde o passeio da serra, ela notara a diferença nos modos de Luiz. Aquele olhar ardente e sempre fixo nela. Aquela voz alterada quando lhe dirigia a palavra. Oh! que aflição! Seria possível que Luiz gostasse dela? Foram criados juntos como irmãos... A lembrança de Carlos surgiu, então, radiante na sua mente. Ilza demorou o pensamento nesse amor, que era o consolo de sua orfandade, o enlevo de sua vida. Não... Não podia ser, não podia ficar assim.

Ela mesma falaria ao Luiz e contar-lhe-ia tudo. Ele haveria de compreender, tinha certeza. Esquecer Carlos? Nunca! Nunca! Estava acima de suas forças esquecê-lo. Insensivelmente foi adormecendo com lágrimas deslizando por suas faces morenas.

– Você melhorou? – perguntou-lhe, logo pela manhã, dona Rosa.

– Um pouco, madrinha.

Mais tarde, Ilza foi regar os canteiros floridos do pequeno jardim fechado por cerca de taquaras. Ficou longo tempo a contemplar as flores. Que lindas! Buquês de resedá recendiam. Era esta a flor predileta de seu pai e também a sua. Colheu umas violetas que se escondiam tímidas sob as folhas e foi colocá-las junto ao retrato de sua mãe. Toda vez que as via, lembrava-se do ramalhete de violetas colocado na mão de sua mãe morta.

Depois, Ilza dirigiu-se ao córrego para lavar roupas. Atravessou o corredor, a varanda larga; desceu os degraus de pedra que levavam ao quintal e tomou um trilho serpeante por entre os arbustos. Fez tudo isso como sonâmbula. O pensamento longe.

Mal havia esfregado umas peças de roupa, ouviu passos fortes e ligeiros. Não se voltou, sabia que era o Luiz, pois não conhecia seu gênio voluntarioso? Não vira no seu olhar a cólera incontida quando ela se retirara da sala, na véspera? Sentiu uma friagem brusca, mas esperou decidida.

– Preciso falar com você, Ilza. É conversa que interessa a nós dois somente. Não sei como foi... mas o fato é que gosto de você... não sei como foi isto, sempre a estimei como irmã, pois fomos criados juntos. Talvez por estar longe de você, não sei... só sei que a amo muito, muito.

Ilza, numa palidez crescente, olhos arregalados, escutava.

– Quero que você me diga se gosta de mim também.

Ilza, trêmula, respondeu baixinho:

– Eu o estimo muito como se você fosse meu irmão.

– Não, não quero assim, quero que me ame como se ama a um noivo, ao homem que será seu marido. Assim é que eu quero seu amor.

Ilza, ainda mais pálida, murmurou:

– Não, Luiz, não diga isto.

– E por que não?

Seu semblante anuviou-se e foi com voz alterada que indagou:

– Por que você não gosta de mim?

– Luiz, é que eu gosto de um rapaz.

– De quem? De quem?

– O nome não importa. Basta dizer que gosto.

– Pois eu quero saber quem é. Você bem sabe que quando quero, quero mesmo. Diga quem é. Será o bobo do Ari? Ou o Carlos, que ainda vai estudar, ou o Ênio, quem?

– Eu sei, Luiz, que você tem bom coração e que me atenderá.

Houve silêncio. O murmúrio manso das águas estava em desacordo com os sentimentos que iam nas almas.

– Como nunca falou nesse rapaz? Isto é mentira sua. Invente outra coisa.

– Não, Luiz.

– Pois então irei embora, nunca mais me verá. Hoje mesmo falarei com a mãe. Deixo tudo e sumo neste mundo.

– Mas, Luiz, a madrinha não resistirá. Ela não sabe viver longe de você. Ela o estima tanto.

– Mas ficar aqui não posso. A sua presença será sempre uma mágoa para mim. Qual! O melhor é sumir mesmo... de uma vez. Mas... quem é esse rapaz? Por que não diz o nome?

– Porque nada adiantará.

– Mentira. Mentira. Pensei e estou decidido. Vou embora.

Luiz permaneceu mais alguns instantes, depois, de um salto, transpôs o barranco e afastou-se. Ilza, então, chorou amargamente.

Retornando à casa, Ilza encontrou todos assentados à mesa do almoço. Dirigiu-se ligeira para seu lugar de sempre, entre Luiz e Maria. Dona Rosa, notando os olhos vermelhos de Ilza, perguntou-lhe:

– Dói-lhe ainda a cabeça?

– Um pouco, mas é coisa sem importância.

Afonso estendeu o braço e colocou a mão na testa da moça.

– Cuidado com febre, Ilza. Você é forte e febre gosta de gente forte.

Luiz olhou então para a moça. Observou seus olhos vermelhos e percebeu que ela havia chorado. Sentiu-se magoado com isso. Queria-a tanto e fazendo-a sofrer! Passou o resto do dia pelos cantos, calado. Dona Rosa incomodou-se com a tristeza do filho.

À noite, estando todos reunidos, como de costume, na sala da frente, Luiz disse ao pai que estava resolvido a viajar, a sair do estado. Iria tentar vida noutra parte, noutra terra. Ilza sentiu calafrio e leve tremor atingiu-lhes as mãos e as pernas. Seu coração começou a bater com força.

– Por que essa resolução estapafúrdia? Há pouco tempo você me disse que desejava mudar-se para a fazenda.

Ficaria isto tão bom... Você bem sabe que sua mãe e as meninas não gostam daqui. Agora, com a morte daquele amaldiçoado, já poderei voltar para a cidade.

– É, pai... mas resolvi viajar.

– Viajar não é mudar-se. Viaje, veja novas caras, novas terras, e volte para a fazenda. Você é trabalhador, talhado para vencer na fazenda.

– Resolvi ir morar em outras terras. Tentarei lá o comércio.

– Comércio? Você? Tá é brincando. Viver atrás do balcão a sofrer imposições de fiscais, a pagar impostos. Só pode ser brincadeira sua.

– Você tem coragem de nos abandonar? – suspirou dona Rosa. Fiquei tão alegre quando você me disse que iria melhorar isto aqui e que, com as economias que tem, compraria um arado e faria outros benefícios para a fazenda.

Maria interveio:

– Nós ficaremos isolados ainda mais, Luiz. Vai ser uma tristeza.

– Eu sinto, mas é preciso.

– Isto não. Que precisão tem você de ir para outra terra?

Luiz calou-se. De repente, num arranca, confessou:

– Vou ser franco. Quero ir para longe daqui porque gosto de uma moça e, como não posso me casar com ela, afasto-me.

– Ah! Nós não seremos empecilho ao seu gosto, Luiz. Você bem sabe disto, falou dona Rosa.

– Você é trabalhador, sadio. Por que não pode se casar? retrucou Afonso.

– Meu caso é diferente. Só a ausência me serve. O senhor bem sabe que eu tenho o sangue dos Dias. Não me conformo facilmente. Só a ausência, repito, me convém.

O velho apreciava e tinha até orgulho daquele gênio bravo dos Dias. A fama de homens violentos e de caráter acompanhava os Dias. E era justa. Foi por assim ser e por não ser dobrar aos Pires que ele, Afonso, se achava na fazenda: abandonara o emprego, insultara os Pires, coisa que a muitos parecera loucura, demência:

– Mas quem é essa moça? – indagou curiosa Maria.

– Eu irei à cidade só para falar com ela, propôs dona Rosa, conciliadora. As mulheres tem mais jeito. Quem é ela?

– Não paga a pena falar o nome. Já é coisa decidida.

– Para tudo há remédio, meu filho. Não seja precipitado.

Novo silêncio. Maria chegou-se para perto do irmão e pediu súplice.

– Diga, Luiz, o nome ou pelo menos a inicial. Estou louca por saber, morro de curiosidade. Fale, Luiz, por piedade.

– Pois fiquem sabendo que é... ILZA.

– ILZA? exclamaram os três ao mesmo tempo.

Voltando da surpresa o Afonso disse:

– Mas por que Ilza não poderá se casar com você? Apreciaríamos muito, pois a conhecemos bem e estimamos como filha.

– Por quê? Porque ela não quer.

Doía fundo ao Luiz a repulsa da moça e uma ânsia doida de saber quem era o outro apertava-lhe a garganta.

– Não quer? exclamou escandalizada dona Rosa, para quem o filho era a perfeição. Será possível, Ilza? Indagou, virando-se para a moça e só então notou a palidez que lhe cobria o rosto. Onde poderá você encontrar um rapaz melhor do que Luiz?

– Eu sei, madrinha, pois fomos criados juntos, mas é que eu gosto...

– Não insista, mãe. Já resolvi. Amanhã mesmo irei cedo à cidade, arranjaré meus negócios e partirei para bem longe.

Dona Rosa sentiu uma coisa ruim, só de ouvir o filho falar em partir.

– Olhe, Luiz, há tanta moça que daria tudo para se casar com você. Por que não escolhe uma? Olhe, a filha do Artur Pinto, que moça trabalhadeira e ajuizada!

– Não. Para mim, só Ilza. Ou ela ou ninguém, e saiu da sala.

– Minha filha – volveu com delicadeza o Afonso – pense bem. Você deveria julgar-se feliz por encontrar um moço como o Luiz, que a quer para esposa. Eu e sua madrinha já estamos velhos e podemos faltar de uma hora para outra. Você não tem ninguém. Eu sei que será feliz e que fará feliz meu filho. Pense bem, Ilza.

Dona Rosa, no entanto, falou sem calma:

– Quando você perdeu sua mãe, eu a substituí. Eu sei que não é ingrata e não me deixará sofrer essa dor. A separar-me do meu filho, prefiro a morte. Ouviu? A morte. E Luiz, quando diz uma coisa, faz mesmo.

Ilza, atordoada, não chegou a falar do grande amor que enchia sua alma e era o encanto de sua vida. Logo depois, todos saíram da sala.

Na noite silenciosa, Ilza, do seu quarto, ouvia a voz grossa do padrinho a conversar com a mulher. Mais tarde, escutou soluços desta. Grande angústia apoderou-se de seu coração. Era ela a causa daquele pranto. Fazia sofrer, chorar, a mulher que lhe substituíra a mãe. Recordava-se de que ela passara noites em claro, velando seu leito, quando tivera uma febre forte. Os ingratos sempre lhe causaram horror, asco. E não seria isto uma ingratidão? Mas... e Carlos? Por que o amara?

Meu Deus! Por que o conhecera? Por que não o esquecia? Teriam os anjos dito “amém” na hora em que ela prometera não o esquecer nunca? E uma saudade imensa de Carlos encheu-lhe o coração. Recordou-se dos seus olhos verdes, tão ternos, dos cabelos negros, do porte airoso.

De longe vinha o som triste do cincerro dos animais. Ilza chorou, então, por muito tempo. Não achava solução para sua vida. Se esperasse Carlos, Luiz viajaria e sua madrinha morreria de dor. E como poderia viver assistindo à dor, a revolta de dona Rosa? Só havia um caminho: ceder, fazer a vontade de todos. Seria ela a única a sofrer. Sufocaria no peito aquele amor infeliz. Sentiu-se desesperada. Por que não contara a Maria o amor que sentia por Carlos? Por que, meu Deus?

As lágrimas desciam. Esquecer Carlos? Nunca o esqueceria! Tudo lhe falava dele, o verde do buritizal, a serra de que ele tanto gostava, o canto dos pássaros, tudo... tudo... lembraria aquele amor infeliz.

Ainda estava escuro e Afonso Dias já dava ordens aos camaradas. Ilza levantou-se, também, e foi para a cozinha preparar o café.

— Já de pé, Ilza?

— Já, vim coar café para o senhor. A madrinha passou bem?

— Ela anda nervosa. Você pensou bastante? A noite é boa conselheira. Isto de fantasia de moço da cidade, de estudo, é bobagem. O melhor é quem você conhece.

Logo apareceu Luiz em trajas de viagem. Sentaram-se à mesa e, depois de tomar café, Luiz perguntou ao pai:

— Mamãe ainda está deitada? — e sem esperar resposta: o senhor dê-lhe minhas lembranças, pois quero aproveitar a manhã para viajar.

– E quando volta?

– Não sei, pai. Talvez siga sem vir aqui. Não gosto de despedidas. Já pensei bem na minha vida. O mundo é tão grande!

– Sua mãe anda doente, coitada!

Ilza reparou então na fisionomia abatida do Luiz. Ele também não dormira. Debruçada na janela que dava para o jardim florido, ouvia a conversa fraca entre Luiz e o pai.

– Adeus, Ilza – foi dito com voz trêmula e baixa.

Ilza virou-se rápida e reteve nas suas mãos frias a mão gelada do rapaz.

– Não, Luiz, não vá, murmurou Ilza com os olhos cheios de lágrimas. Sentiu um esmorecimento. Seria ela mesma quem dissera aquilo?

– Minha filha – disse jubiloso o Afonso Dias, abraçando-a. Minha filha.

Mais tarde dona Rosa apareceu à porta do quarto. Suas feições empapuçadas indicavam que havia chorado.

– Já de partida, Luiz? perguntou ansiosa.

– Poderei ficar, Ilza? indagou o moço.

Esta, sem poder falar, sacudiu a cabeça em sinal de consentimento. Dona Rosa, chorando, abraçou-se ao filho, como se o tivesse recuperado.

No horizonte, o sol surgia resplandecente dando brilho às folhas das árvores, enchendo de luz o campo.

Quando Maria ficou ciente do ocorrido, pulou de contentamento, e, abraçando Ilza, gritou:

– Não lhe disse que meu destino tinha de marcar ci-da-de? Ci-da-de. E virando-se para o pai: agora vamos embora daqui, não é?

Ilza, junto à janela, olhou o verde do buritizal através das lágrimas que deslizavam quentes por suas faces e pensou no seu destino. Destino truncado... Destino truncado...

—o o—
o

O BROCHE DE BRILHANTES DA MULHER DO DR. CUNHA

O sol claro da manhã inundava o alpendre da casa grande da fazenda. Este dava para um pátio lajeado circundado de telheiros e quartos, onde se alojavam os escravos.

No terreiro, as galinhas ora cacarejavam estridentemente, ora corriam ligeiras atrás de algum inseto.

Os cachorros, estirados ao sol, cochilavam. Importunados pelas moscas, levantavam-se rápidos, dando bocadas no ar, e deitavam-se em seguida, com os olhos semicerrados.

Na lombada, que levava à fazenda, apareceu um viajante a pé, puxando um cargueiro. Chegando à porteira, gritou com voz fanhosa:

– Cachorra morde? Cachorra morde?

– É o gringo – falou o Zé, negro alto, de dentes claros, que estava colocando cabo numa enxada.

– Gringo nada. É o francês mascate – resmungou o velho Isaías.

– É gringo. Todo estrangeiro é gringo – retrucou, com maus modos, o Zé.

– Cachorra morde? – continuou a voz fanhosa.

– Morde não, trem. Pode entrar.

A mão rugosa do francês procurou a tramela e, depois de muito pelegar, abriu a cancela e penetrou no pátio

trazendo pelo cabresto um burro baio carregado com duas canastras velhas, de alças de corda.

– Vamos chegar – convidou maneiroso o Isaías.

– Êta gringo relaxado – comentou o Zé.

– O docteur Cunha morra aqui?

– Mora ... mas ainda tá dormindo.

– Oh! – fez o francês, arregalando os olhos azuis, cercado de rugas. *Le docteur dorme démesurément.*

– Decerto – atalhou o Zé – tá casado de novo.

– Há bom! – exclamou o francês e em seus olhos correu um brilho cínico. *Je comprend... je comprend... j'espère.*

– E espera sentado.

Isaías riu do modo do Zé tratar o estrangeiro.

A manhã ia alta quando o doutor Cunha apareceu no alpendre. Já o francês se aboletara no banco grande, junto à parede. Ao seu lado colocara uma das canastras. Ao avistar o doutor Cunha, levantou-se rapidamente e estendeu-lhe a mão.

– *Bonjour, docteur.*

Doutor Cunha não correspondeu ao cumprimento.

– *Que deseja?*

– *Je veux montrer madame très lindo bijou brillant de l'our.*

– Não interessa.

Blandina surgiu de cabelos soltos nas costas. Atravessou o Alpendre e, encostando-se no parapeito, sorriu para o marido. Seus cabelos louros tornaram-se dourados aos raios do sol.

O francês, retirando da canastra alguns estojos, abriu-os e enfileirou-os no banco de madeira. Chamou a atenção de Blandina para um colar de pérolas.

– *Que lindo!* – exclamou Blandina, juntando as

mãos claras e bonitas. Que encanto! – seus olhos fugiram do colar de pérolas para um anel de safira. Que encanto! repetiu.

– Fica bien em madame ... com licença. E colocou o colar no pescoço de Blandina. Très joli, madame très joli.

– Ah! Mas eu tenho um colar que foi de minha avó... coisa muito antiga. O meu dá muitas voltas.

O francês, todo afobado, meteu a mão entre os trapos que enchiam a canastra e retirou de lá um estojo roxo, abriu-o e mostrou à Blandina um broche.

Era um medalhão antigo, cercado de vinte brilhantes, cujo brilho intenso tornava a jóia belíssima. Um artístico trançado de filigrana cercava os brilhantes. No centro do medalhão, o retrato de uma jovem de olhar tristonho e misterioso.

– Olha la perfection, madame.

E o francês, virando o broche mostrou que no reverso existia uma pequena mola, quase imperceptível, que, comprimida, fazia aparecer uma placa lisa.

– Não se pode tirar o retrato? – indagou curiosa Blandina.

– Non, non, madame. Ici que c'est la beauté ... non sair ... é de grande valeur. Antique.

– É antigo mas é lindo – falou para si mesma Blandina.

E tomando o estojo roxo, balançou-o com o braço estendido, para que o sol desse em cheio no broche. Deste saíram raios de vários matizes. Extasiada a moça o contemplava.

– Onde o adquiriu? – perguntou, abrupto, o doutor Cunha.

– Il fut de ma mère... Il fut de ma mère... j'ai les documents. E, debruçando-se sobre a canastra, remexeu nos trapos e embrulhos sujos à procura dos papéis.

O médico então reparou na mulher. Defronte do espelho da sala Blandina olhava, enlevada, o broche preso na

blusa, e, virando-se devagar, de um lado para o outro, fazia cintilar os brilhantes.

– Não é preciso mostrar os papéis. Quanto quer pelo broche?

O francês piscou repetidas vezes os olhos velhacos.

– Muita barrata, docteur... muita barrata.

– Diga logo.

– Quinhentos mil réis, barrata.

O doutor Cunha abriu uma carteira de couro marrom, com cantoneiras de ouro e monograma em relevo. Retirou uma nota e a entregou ao francês, que, abaixando a cabeça, beijou-a, metendo no bolso.

– Ô raça, à toa, servil, resmungou o médico.

Aproximou-se de Blandina e indagou:

– Que tal os brilhantes?

– Você bem sabe que é o meu fraco... adoro brilhantes. O broche é lindo.

– É lindo e é seu.

– Oh! Querido. E, erguendo-se nas pontas dos pés, beijou o marido, que passou o braço pela sua cintura.

– Você gostou? Então use sempre esse broche.

– Aqui, na fazenda, não; mas na corte usá-lo-ei sempre e sei que fará sucesso.

– Você deve usá-lo sempre, para não se esquecer de mim.

– Esquecê-lo? Isto jamais acontecerá.

O francês, com um estojo do anel na mão, insistia:

– C'est un joli anneau, madame. Fica com l'anneau aussi, madame.

– Pode ir saindo, pode ir saindo – falou ríspido o doutor Cunha.

O velho, enquanto juntava os objetos, contou que os brilhantes vieram da África. Do centro da África. Houve luta sangrenta para a posse deles. Luta entre brancos e africanos, afinal os brancos venceram.

– Les blancs sont méchants na África, mata preto.

Como doutor Cunha não desse atenção à conversa, o francês, tirando o boné sebento, despediu-se. Desceu os degraus rumo ao pátio onde deixara o burro amarrado a uma estaca.

Debruçados na janela da sala, o médico e a mulher contemplavam a beleza da região.

– Veja, Blandina, o encanto dos buritizais aos raios do sol!

Passarinhos cantavam na gameleira frondosa junto à cancela. Ninhos de joão-congo balançavam-se ao sopro da viração. Um joão-de-barro, à porta de sua casa, olhava a todo instante para dentro, vigiando a companheira.

– Chi ... Que sangueira, Hilário ... Que foi?

O molecote encostou-se no jirau, onde as escravas guardavam pratos de folha e cuités. Aí, debruçado, Hilário gemeu, fungou e não respondeu à pergunta da velha Damásia.

– Ele pensa qui é mió qui nós – falou o Zé. Nós tempos de sinhá véia podia sê, mas agora... Tá vendo qui semo igualzinho, num tem deferença.

– Mas que foi? – perguntou novamente a escrava.

– Uai – continuou o Zé – o Sinhô Cunha tava lendo um livro grosso, pois ele tem que i pra fazenda do Sinhô Pereira, veio gente chamá ele pra modi da dona de lá qui tá pra dá cria. Ele tava na jinela lendo no livro a doença, quando

o besta do Hilário fala com ele. Ele num respondi. O besta arrepete a pergunta. Foi a hora que o Sinhô Cunha cantou o livro no focinho do Hilário, cantou inté miná sangue. Eu tava areando as caçambas do arreio, fingi qui não vi e, rindo, continuou – êta livrada bem dada.

– Bebe um cuité de salmoura, Hilário – aconselhou Damásia.

O molecote ergueu o rosto, o nariz ainda sangrando e o lábio superior intumescido.

– Parece que mexeu em casa de marimbondo.

– Eu te arrebento a cara, negro à-toa – resmungou o Hilário, e levantando o punho, avançou para o Zé que, arisco, saiu correndo do telheiro onde se encontravam.

Hilário abriu a mão toda cheia de sangue.

– Ele deveria ter mais paciência cum vancê, Hilário, disse o velho Isaías, pois vancê tem o mêmo sangue de Sinhá Blandina.

– É mêmo, Isaías, vancê se alembra do xodó do defunto Sinhô cum a Porfira! Sinhá véia danou mas ansim mêmo esse moleque foi criado na casa grande.

– E daí ele sê tão trivido.

– Ele me paga, ele me paga – resmungava sem parar o Hilário.

No pátio, um escravo arreava a besta “Morena”, montaria do doutor Cunha, que nela percorreria a vizinhança atendendo a chamados.

Blandina, de mãos dadas com o marido, chegou até ao alpendre.

– Parece que vai chover; volte logo, amor.

– Tão logo D. Marcela despache, e notando o broche de brilhantes preso na blusa: Gostou, querida?

– Muito. É bonito demais. Vou guardá-lo logo.

– Não. Use-o agora e sempre, disse o marido beijando-a.

O doutor Cunha desceu os degraus num instante, recebendo as rédeas da mão de um escravo. Saltou na sela e dirigiu-se ao parapeito onde se debruçara Blandina, estendendo-lhe a mão.

– Até breve, querida.

– Até breve.

Trotando pela estrada carreira, ia o doutor Cunha a pensar. Como fora feliz casando-se com Blandina. Tão meiga, tão bonita. Que dias encantadores estavam passando na fazenda que pertencera aos antepassados de Blandina. Em breve voltariam para a Corte, onde os negócios reclamavam sua presença. Isto o aborrecia. Apreciava tanto a vida no campo, a velha e espaçosa casa, as árvores frondosas. Tudo ali o prendia.

Entrou no trilho que o levaria mais ligeiro à fazenda do seu vizinho e amigo. Encurtaria a distância seguindo por esse trilho, embora tivesse de se apeiar na cancela existente quase na divisa, que era ora um vale fundo, ora uma cerca de paus roliços. Escurecia.

O médico juntou as esporas no vazio da besta, que estremecendo partiu em marcha mais rápida. No trilho estreito, orlado de árvores esguias que abriam suas copas bem no alto, escondendo o céu, a besta mostrou-se inquieta, refugando, pondo as orelhas em riste. O médico olhou em torno e apertou as esporas. A cancela estava próxima. Aí chegando o doutor Cunha apeou-se e, ao se curvar para abrir a tramela, sentiu um murro nas costas. Virou-se assustado e deu de cara com Hilário, que ainda segurava o punhal.

– Cão danado – exclamou o médico e rapidamente agarrou o pescoço do molecote.

Hilário, de olhos esbugalhados, estarrecido, fitava o senhor.

Seu rosto caboclo, onde traços delicados indicavam a mestiçagem, empalidecia.

As mãos do médico, porém, foram-se afrouxando, enquanto de sua boca saíam golfadas de sangue e o corpo curvando estirou-se por terra. Hilário criou alma nova ao ver o médico tombar, recuperando o atrevimento.

– Mete livro na cara dos outros... mete...

O corpo do doutor Cunha dava estremeções, com o rosto contra o solo. Hilário abaixou-se e o virou, mas, ao fitar os olhos abertos do moribundo, a barba castanha coberta de sangue e terra, sentiu pavor. Correu em direção à besta, mas esta assustou-se e saiu em disparada rumo à fazenda.

As caçambas soltas iam tilintando.

– Curuis! óia, Isaías, a besta do Sinhô Cunha chegou aí correndo assustada. Assucedeu qualqué coisa cum ele... ele num pode tê chegado na fazenda Pocinho. Tem pouco tempo qui saiu daqui.

Um trovão ecoou ao longe e logo depois uma chuvinha começou a cair. O velho escravo mandou Damásia avisar a Sinhá Blandina, que se achava recostada numa *chaise-longue* na sala. Distraída, contemplava o broche de brilhantes. Deste partiam várias irisações provocadas pela luz do lampião no centro da mesa.

Ao aviso de Damásia, Blandina levantou-se e, sem querer, fechou a mão, comprimindo o broche. Sentiu que este se abria. Olhou-o e viu afastar-se a placa lisa aparecendo em letras bem desenhadas: – “Je suis la mort”.

Blandina gritou. Mucamas acorreram assustadas. Damásia segurou Blandina pelo braço.

– Calma, Sinhá. Já mandei o Zé trais dele. Já ele tá i. Vamo bebê um cházinho de foia de laranjeira, é bom prus nervus. E levou Blandina para o quarto do casal.

– Olha, Damásia, eu quero abrir este broche. Eu li uma coisa ruim dentro dele, gritava Blandina.

Comprimia a molinha e metia as unhas pontiagudas na placa lisa. Debalde.

O rumor de vozes alteradas no pátio fez com que Damásia deixasse Blandina e fosse ver o que se sucedera.

O Zé, esbaforido, mal podia falar.

– Sinhô Cunha tá morto lá na cancela... é sangue toda vida.

– Nossa Senhora! vai depressa, Zé, chamar o Sinhô Camilo. Óia, Jeremias, vai avisá os vizinho tudo. Vai depressa, Jeremias. Ó Pedro! Pedro! Nossa Senhora!

Os escravos atarantados andavam de um lado para o outro. A chuva continuava fina.

– Lá vem o pessoá – gritou um negro que estava no alpendre.

Todos correram para fora da casa e olharam em direção a lombada que conduzia à fazenda. E viram um grupo de pessoas falando baixo, negros segurando archotes que tremeluziam e, numa rede, o corpo do doutor Cunha. A rede vinha arcada e a todo momento os escravos paravam para trocar de carregadores. No pátio da fazenda, os pretos silenciaram.

Um grito doloroso ecoou. Blandina, debruçada no parapeito, avistara o cortejo. As escravas cercaram-na.

Um trole avançava pela estrada, os cascos dos cavalos tiravam faíscas das pedras. Parando o trole junto a casa,

desceram o comendador Camilo e a irmã, dona Marica. No alpendre abraçaram Blandina.

– Coragem, minha filha, coragem.

Blandina soluçava e, desprendendo-se dos braços do comendador, atirou-se pelos degraus abaixo ao encontro do préstito. Abraçada a rede, Blandina gritava, uivava. Seus cabelos soltos ficaram manchados de sangue.

Damásia e dona Marica seguraram Blandina para que os escravos pudessem subir os degraus do alpendre.

– Foi este broche que o matou. Eu li aqui – gritava Blandina e comprimia a molinha do broche que se abria aparecendo a placa lisa, onde ela, num frenesi, enfiava as unhas tentando correr a placa. Levaram-na para o quarto onde lhe deram forte calmante. Deitada ela permaneceu quieta, cercada de pessoas amigas que foram chegando durante a noite toda.

– Chi! O sangue num qué pará, Isaías – comentou Damásia.

– É ansim mêmo, enquanto num pegá o assassino o sangue num pára... tá pedindo vingança...

Damásia chegou-se perto do velho escravo e segredou-lhe:

– Pra mim foi Hilário... Cadê ele? Todo mundo tá aqui, só ele suverteu.

Os amigos do doutor Cunha chamaram os escravos e fizeram um interrogatório energético, em que não faltaram ameaças. Os negros acovardados caíram em contradições. Contaram então o incidente ocorrido entre o doutor Cunha e o molecote. A ausência deste comprovara a culpa. Foram dadas

várias ordens para captura de Hilário partindo grupos de escravos no encaço do criminoso.

A chuva cessara de todo. Um luar embaciado derramava-se pelo espaço e entrava pelas janelas indo até junto a mesa onde repousava o corpo do médico. As horas passavam lentas.

Amanhecia. Do lado nascente, nuvens avermelhadas empenavam o brilho do sol, quando chegou um escravo contando que haviam preso Hilário na mata e que ele não negara o crime.

Daí a pouco, acompanhado de um grupo de escravos, chegou Hilário, de mãos amarradas às costas. No poste que havia no meio do terreiro foi ele atado e sovado. O Zé começou a bater-lhe. Fazia isto de má vontade. Gostava de implicar com o Hilário, mas sempre lhe tivera respeito, dada sua origem. Às primeiras chicotadas, Hilário gritou:

– Bate, cão... cachorro... bate mais.

Com o insulto, Zé dobrou a força do muque. Por fim, Hilário gemia surdo e de vez em quando:

– Mata logo, cão... filho de égua.

Na sala grande, as janelas abertas para o pátio onde Hilário apanhava, os homens conversavam em voz baixa e as senhoras das fazendas vizinhas, sentadas junto de Blandina, murmuravam-lhe palavras de consolo, que ela parecia não ouvir. Alheia a tudo, Blandina ora conversava com o marido, ora retirava o broche da blusa, apertando-o, arranhando a placa lisa e repetindo sempre:

– Eu vi... eu vi... eu li aqui. É lindo, não acham? Vinte brilhantes... que maravilha! Reparem os reflexos.

Olhem... agora é verde... roxo... verde outra vez... vermelho. Vermelho é mais bonito... é... mas lembra sangue. Eu quero abrir este broche. Eu li e foi na hora em que o mataram. Eu li... – e comprimia a molinha, aparecendo, em seguida, a placa lisa, onde metia as unhas. Eu li “Je suis la mort”. Foi na hora em que ele morria.

E nessa agitação ficou por muito tempo.

No azul do céu o sol brilhava, os pássaros cantavam nas árvores e revoavam em bando. Chegavam ainda vizinhos e parentes. De São Paulo vieram duas tias, solteironas, muito amigas de Blandina. Desceram do trole, que haviam tomado em Sorocaba, após muitas horas de viagem de trem. Com os rostos congestionados de tanto chorar, abraçaram Blandina, que continuava a falar com o morto.

– Meu amor. Que lindo broche, vinte brilhantes. Tenho que lhe dar vinte beijos. Você me disse isto – e rindo debruçou-se sobre o cadáver, beijando-o repetidas vezes.

As mulheres choravam, muitas mesmo foram tomadas de nervoso. As mucamas corriam afobadas. Levaram Blandina para o quarto. Aí ela se postou em frente ao espelho, largo tempo a se pentear. Prendeu o broche na blusa. De repente retirou-o e tentou abri-lo.

– Eu li... eu li... – gritava num estribilho apavorante.

Aproveitando-se da ausência de Blandina, os amigos do morto fecharam o caixão e o levaram para ser sepultado no lugarejo vizinho. Saíram apressados para que Blandina não visse. Alguns parentes queriam que o corpo do doutor Cunha fosse levado para o Rio de Janeiro, para o jazigo da família, mas esta ideia foi afastada pois a distância era enorme e já havia muitas horas do falecimento.

Quando Blandina voltou à sala, não mais encon-

trando o cadáver do marido, ficou desesperada. Debruçou-se aos gritos sobre a mesa onde estivera o caixão. Seu corpo fino era sacudido violentamente pelos soluços, seus cabelos loiros caíam sobre as flores murchas.

Havia no ar um cheiro de cera queimada e flores.

Seguiram-se dias tristes para a fazenda Breves. Blandina não apresentava melhoras. Era só falar com o morto e a querer abrir o broche. Os parentes acharam necessário levá-la para um tratamento rigoroso no Rio de Janeiro, onde havia recursos médicos. As tias deram ordens para os preparativos da viagem. Blandina assistia a tudo indiferente.

Hilário continuava amarrado ao poste, meio inerte. Três vezes fora suspenso o castigo, por ter ele desmaiado. O Zé pedia tudo que era santo que o molecote não voltasse a si. Não aguentava mais bater num homem amarrado e quase morto.

No dia marcado para a viagem, apareceram amigos e vizinhos. Alguns levados por curiosidade.

As velhas tias acompanhariam Blandina. Iriam de banguês levados por escravos. Na hora da partida, Blandina, ao avistar o banguê, pôs-se a gritar e a fazer resistência. Gritava e mordida as pessoas que a seguravam. Os escravos, de olhos abertos, espantados, acompanhavam a cena. Uns achavam que aquilo era castigo, castigo pelas ruindades do Sinhô velho, pai de Blandina. Outros se condoiam.

O comendador Camilo, grande amigo da casa, chamando as tias à parte, disse-lhes não achar conveniente levarem Blandina, pois estando grávida, a violência da reação poderia causar-lhe um parto prematuro.

Foi então desfeita a viagem, as tias ficaram na fazenda cuidando da sobrinha doente. Os banguês foram guardados no telheiro dos arreios.

E a vida continuou sua marcha. Os negros voltaram para o eito, as mucamas para o serviço da casa.

A tia Cota não quis que se batesse mais no Hilário.

– Pra quê? Isto não dará vida ao Cunha. Vamos mandá-lo para a cadeia, que é lugar de assassino.

Calado, atrevido, Hilário seguiu amarrado num laço. Estava magro, pálido, e os olhos claros no rosto caboclo davam-lhe um ar de espanto. Atrás seguiam Jeremias e Florindo, prontos para qualquer eventualidade.

A direção da fazenda Breves foi entregue aos irmãos do doutor Cunha.

Passados meses, Blandina deu à luz uma menina. Algumas vezes tomava a filha nos braços. As tias, sobressaltadas, tratavam logo de retirar a criança. Uma escrava sadia amamentava Amarilis, que era franzina, clara, de cabelos loiros.

Com o correr do tempo, o pessoal da fazenda se acostumou com a maluquice de Blandina. Quando ela se debruçava no parapeito para se despedir do marido, as tias não mais sentiam dó e, quando começava, com certa violência, a querer abrir o broche, ficavam impacientes e mandavam que Damásia a recolhesse ao quarto. Ai ela gritava, chorava.

O serviço da casa, porém, continuava como se nada houvesse acontecido. Os escravos riam e caçoavam dela quando se achavam a sós.

– Eu ainda tomo aquele broche dela... só para vê o que ela fais – caçoou uma mulatinha sapeca.

– Vancê num tem qui mexê cum ela, não. Deixa o broche, num vê qui ele tem azá e azá grosso, retrucou Damásia.

– Tem nada. Ela que inventa qui leu uma coisa ruim no broche.

Amarilis já havia completado oito anos, quando suas tias resolveram levá-la para a Corte a fim de se educar. Também estavam cansadas da vida de fazenda. Falaram, por falar com Blandina, que se mostrou indiferente.

Amarilis assistia, com prazer, aos preparativos para a viagem. Era a primeira vez que montaria a cavalo.

No dia da partida, a menina teve receio de se despedir da mãe. Tomou-lhe a mão para benção, mas, sentindo que nela estava o broche, afastou-se com horror. Na mesma hora Blandina começou a se exaltar.

– Quero abrir aqui... quero, e mostrava para a filha o broche cuja mola havia comprimido, aparecendo a placa lisa, onde ela metia as unhas.

A menina saiu correndo do quarto.

A viagem a cavalo foi um gosto para Amarilis. Ia montada num cavalo pedrês muito manso. Sentada num silhão e amarrada a este por meio de correias, ela se equilibrava bem. Junto seguia um escravo atento. As tias acomodadas dentro do banguê, a toda hora afastavam as cortinas de veludo azul e indagavam de Amarilis se estava cansada, se queria parar um pouco. Amarilis, achando a viagem muito distraída, em tudo encontrava novidades.

Gastavam dias para vencer pequenas distâncias, pois as velhas só viajavam pela manhã, tinham receio do sol. Ora pousavam numa fazenda, ora em toldas. Alguns dias depois chegaram à Corte.

As tias contrataram logo professores para a menina, que teve todas as horas do dia ocupadas. Aos domingos saíam para visitar parentes e amigos. Era uma infinidade de baronesas, condessas. Nessas visitas Amarilis se entediava, mormente quando começavam a falar em francês e a olhar para ela. Isto a encabulava. Raramente faziam referências a Blandina, mas assim mesmo a menina muitas vezes acordava aos gritos por ter sonhado com a mãe.

Decorreram anos. Amarilis já estava mocinha, bem crescida, mas sempre magra franzina. Os excessivos cuidados das tias para com ela tornaram-na voluntariosa. De vez em quando vinham notícias da fazenda Breves. “Tudo ia bem, só Sinhá Blandina na mesma”. Um dia veio a nova de que Blandina andava perrengue, poucas vezes saía do quarto.

Dona Cota propôs à irmã:

– Maria, vamos passar o Natal com Blandina? Coitada, que vida tem tido... Também há quantos anos ela não vê a filha!

Trataram de se preparar para a viagem. Amarilis acolhera com alegria a notícia. Depois se lembrou da mãe. Tinha impressão de que esta já havia falecido há muito tempo. Mal se recordava de uma mulher alta, de cabelos soltos, a falar sem tréguas ou então a querer abrir um broche de brilhantes do qual não largava.

Durante a viagem Amarilis se distraira com o panorama, os córregos, a mata, mas ao avistar a casa grande e velha, foi como se passasse um pano úmido sobre uma pintura empoeirada. Clareou tudo. Lembrou-se das menores particularidades

da fazenda, a velha casa, o alpendre na frente, as janelas com folhas de malacacheta em vez de vidros, o telheiro dos escravos, o tronco no meio do terreiro, o cafezal a perder de vista, o monjolo socando sem parar. A gameleira frondosa junto a cancela era a mesma, em cujo tronco ainda se viam gravadas muitas iniciais. Com o tempo, as letras foram se alargando e perdendo a nitidez. Outras letras tinham sido gravadas de pouco.

Amarilis, emocionada, pisou com vagar os degraus da escada e entrou na sala grande. As portas altas, as paredes de pintura desbotada, tudo na mesma. Na parede, entre dois armários ainda se via o quadro pintado a óleo representando uma vindima. As uvas eram tão perfeitas que pareciam verdadeiras. Teria parado o tempo na fazenda?

Amarilis atravessou, ladeada pelas tias, a varanda onde Damásia as esperava. Entraram na alcova de Blandina, que, recostava numa cadeira, cochilava.

— Blandina, como vai, querida? disse a tia Cota, abraçando-a. Olha sua filha como está crescida...

Blandina não deu sinal de as reconhecer. A menina aproximou-se e beijou a mão da doente. Amarilis sentiu tristeza ao ver o estado em que se achava sua mãe. Pálida, magra, de unhas crescidas e sujas, olhar vago, cabelos emaranhados.

— Ô, Damásia, você não tem aparado as unhas de Blandina, recriminou dona Maria.

— Ah! Sinhá, de certo tempo para cá, ela num deixa. É perciso esperá a hora qui ela drome. Tudo isso é pra mode do broche. Pensa qui a genti qué ficá cum ele.

— Então vamos aproveitar uma hora em que ela estiver dormindo e guardaremos o broche.

— Ih! Sinhá, num fais isso não. Eu amoitei o broche istrudia debaixo do travesseiro dela e só vendo cumo ela

ficô. Ispia aqui... – e mostrou o braço pelancudo onde eram visíveis as cicatrizes das mordeduras.

Amarilis, saindo da alcova, começou a chorar. Não queria ficar na fazenda. As tias procuraram convencê-la, lembrando-lhe a obrigação de permanecer uns dias em visita à mãe.

– Mas se ela não liga na gente.

– É, mas é sua mãe. Você tem o dever de estimá-la, embora seja doente.

– Posso ter o dever, mas a verdade é que não gosto dela nenhum tico. E chorou por muito tempo. Depois ficou debruçada numa cadeira, emburrada. A tia ajoelhou-se a seu lado procurando acalmá-la e depois a levou a passear pelo pomar.

Os dias corriam iguais na fazenda Breves. Nas vésperas do Natal as tias resolveram armar novamente o presépio. Amarilis, toda entusiasmada, ajudava nos preparativos. As negrinhas apanharam orelhas de pau, limo da beira do córrego, avencas, areia branca como cal. As tias iam dispendo tudo para o cenário. Na gruta, feita de papel pintado, colocou-se o Menino Jesus, cercado por Nossa Senhora e São José. De um caixote aberto no meio da sala, Amarilis retirava as figuras. Pegou um bando de carneirinhos anelados e os colocou em fila, ao lado da gruta.

– Assim não, menina. Onde viu você carneiros andarem como soldados?

Em torno da mesa todos davam palpites.

– Este burrinho sobrou, tia.

– Coloque-o naquele cercado... Faz de conta que é um burro fujão.

– Agora está tudo pronto. Só falta colocar a estrela no alto da gruta.

– Será que teve estrela mesmo, tia?

– Teve sim.

Ao escurecer foram chegando os convidados. As escravas acenderam velas na sala grande, em cujas paredes havia retratos a óleo, em tamanho natural, cobertos por um véu preto, finíssimo. Além das poltronas de couro, de espaldar alto, marchetadas de tachas douradas formando arabescos, havia um canapé de madeira com as iniciais dos antepassados de Blandina.

Mais tarde, abriu-se a porta larga da capela, que nos últimos tempos, vivia fechada. O altarcinho já estava arrumado, muitas flores, toalhas de linho alvas e bordadas. Começaram a rezar em voz alta. Dona Cota e a irmã tiravam o terço, os escravos repetiam devagar, ajoelhados, num desajeitamento de quem não tem hábito de se ajoelhar. A ladainha foi cantada. As negras muito desafinadas faziam rir Amarilis e outras meninotas presentes. Já ia a ladainha ao meio quando Blandina irrompeu na capela, metida num vestido frouxo e grosseiro. Aproximou-se do presépio. Algumas pessoas se calaram e a reza continuou fraca. Blandina estendeu o braço fino e colocou o broche no lugar da estrela. Aí o fez oscilar e os brilhantes cintilaram, despejando raios de vários cambiantes.

– Que maravilha! exclamou Amarilis para as companheiras. Era a primeira vez que via claramente o broche.

– Vinte brilhantes, resmungou Blandina e, em seguida, quero abrir... quero... “Je suis la mort”... eu li... aqui...

Todos se levantaram assustados. Havia muito tempo os vizinhos não viam Blandina, que passava a maior parte dos dias no quarto. Alguns mesmo tinham se esquecido dela. Dona Cota chamou Damásia que, com jeito, levou-a para o quarto fechando a porta por fora. Logo ela começou a gritar. A

reza prosseguiu lentamente. Uma tristeza indisfarçável cercou as pessoas que, numa conversa mole, ficaram até a hora da ceia. Esta também foi triste, pois os gritos de Blandina, ora fortes, ora semelhantes a lamentos, enchiam a casa.

– É melhor abrir a porta para ela, aconselhou uma senhora.

– Num é não. Quando ela tá ansim, o mió é deixá, sinão ela agrade a gente, respondeu compassadamente Damásia.

Pela noite afora Blandina gritou e só de madrugada desceu silêncio na fazenda Breves, perturbado de espaço em espaço pelo pio de uma coruja que, na cumeeira da casa, cortava mortalha.

Choveu muito nesse fim de ano. Os dias eram longos. Blandina, depois da crise do Natal, ficara mais abatida, mais magra, porém calma. Havia horas em que conversava bem e chamava a filha para junto de si. Amarilis não atendia ao chamado da mãe. Era preciso que uma das tias a levasse até junto da Blandina e aí ficasse o tempo todo.

– Quando iremos para Corte? perguntava sempre Amarilis. Já estou enjoada daqui. Tenho medo de minha mãe. Ainda ontem ela me chamou e eu corri.

– Oh! Por que fez isso? Ela agora está calma, conversando direito. Vamos lá, recriminou dona Cota. E, segurando a mão da menina, entrou no quarto de Blandina, que se achava debruçada na janela.

– Olha, Blandina, sua filha veio vê-la.

Blandina virou-se rápida e passou a mão pelos cabelos de Amarilis, que se encolheu toda, com olhos arregalados e atentos.

– Minha filha... Amarilis. Olha, este broche é seu. Não pode ser vendido. Nunca! Nunca! Ouviu bem o que eu disse? Não pode ser vendido. Ficaré para sua filha mais velha. E assim por diante. Ouviu? Ele falou que ficaria para nossa filha, depois nossa neta. Ouviu?

– Ouvi, sim, senhora, respondeu a menina com voz trêmula.

Blandina segurou a mão da filha e colocou nela o broche, depois lhe mostrou o reverso, apertou a molinha, aparecendo a placa lisa, onde eram visíveis os sinais de suas unhas.

– Foi aqui que eu li...

– Vamos guardar isto, ordenou alto dona Cota.

Logo depois saíram do quarto.

Passado o dia de Reis, Amarilis e as tias voltaram à Corte. À despedida, Blandina, que continuava calma, abraçou longamente a filha. Esta ficara tristonha. A doença da mãe muito a impressionara. Durante vários dias não se podia falar na fazenda, começava logo a chorar. As tias procuravam distraí-la. Com o correr do tempo foi se esquecendo e quando retornou ao colégio, ao convívio das colegas, raramente pensava na mãe.

No colégio era tida como boa aluna, mas seu gênio voluntarioso criava questões. A tia Cota era sempre chamada à diretoria, depois conversava muito tempo com Amarilis.

Em meados de agosto do ano seguinte, as velhas receberam notícias de que Blandina estava passando mal. Resolveram ir até Breves. Prepararam-se, mas não avisaram Amarilis, que continuava interna num dos melhores colégios do Rio de Janeiro.

Embarcaram bem cedo. Escuro ainda. Horas depois desceram na estação próxima da fazenda. Aí se achava Tibúrcio com o trole. Até a fazenda a estrada era dentro da mata, de modo

que as velhas acharam agradável a travessia, sem sol. Chegando a Breves, foram recebidas por Damásia e outras escravas.

– Foi bom as Sinhás tê vindo, pois Sinhá Blandina tá completando os dia... num qué comê mais, já num guenta levantá...

As tias passaram pela alcova de Blandina, que não as reconheceu. Depois foram para o quarto lamentando o destino da sobrinha.

Blandina ficou por muitos dias naquele estado apático, entrando em agonia numa linda manhã em que ventava muito e os buritis vasculhavam o céu com suas palmas verdes e brilhantes.

As tias ficaram penalizadas ao assistir ao banho da defunta. Tão magra, os cabelos longos e maltratados. As escravas seguraram o cadáver e o levaram para a bacia de cobre colocada no meio da alcova. A cabeça caía de um lado para o outro, os braços longos, finos, dependurados. Dona Maria chorava sentida. Damásia, ao afastar as cobertas da cama para receber o corpo já lavado, encontrou o broche de brilhantes. A escrava o segurou com as pontas dos dedos e o entregou à dona Cota.

Blandina foi enterrada num cemitério modesto que havia perto da fazenda Breves, na sepultura do marido.

Corriam, por esse tempo, comentários sobre a Lei do Ventre Livre.

Um dia os escravos cercaram dona Cota e pediram que lhes explicasse o que era essa Lei.

– Os filhos de escravos nascidos de agora em diante serão livres, respondeu a velha com a cara fechada.

Os escravos retiraram-se falando em voz baixa.

Quando as velhas chegaram à Corte, encontraram a cidade agitada com o projeto da Lei do Ventre Livre. As sessões da Câmara eram violentas, a imprensa batia-se em prol da mulher escrava. Em toda reunião havia opiniões contraditórias sobre o tal projeto.

Dona Maria foi ao colégio e mandou chamar Amarilis. Contou-lhe, com jeito, o falecimento da mãe. A menina não chorou nem indagou como fôra.

– Tenho que pôr luto?

– Tem sim.

– Então compre um pano bem fino, pois tem feito muito calor.

A velha tia chocou-se com o modo de Amarilis. Que indiferentismo! Nem uma palavra sobre Blandina, sobre a fazenda.

Terminado o inventário, ficou Amarilis dona de boa fortuna. Poderia continuar a frequentar bons colégios. E assim foi. No colégio, como uma menina rica, era bastante adulada e sua vontade sempre vencedora. Passava muitos meses interna, mas as férias gozava-as junto das tias. Nessas ocasiões, passeava bastante. Ia sempre a Petrópolis em visita a parentes ricos, gente de sua mãe. Gente rica e posuda.

Ao completar dezessete anos, Amarilis deixou o colégio. Já se aperfeiçoara em línguas, música e pintura. No primeiro aniversário passado em casa, as tias deram uma reunião a que compareceram altas figuras da Corte. O ambiente da casa, com a volta de Amarilis, tornara-se alegre. A todo momento apareciam moças e rapazes para passeios, bailes, piqueniques.

Amarilis, além da mocidade, possuía riqueza, que é o grande chamariz de amizades. As tias sentiam-se rejuvenes-cidas no ambiente jovial que as cercava.

– Tia Cota, com qual vestido devo ir?

– Vá com aquele azul claro, fica muito bem em você. Ponha o broche de brilhantes... ficará melhor ainda.

Haveria um baile arrojado no palacete do mar-quês Santa Cruz. Durante o dia, Amarilis só falara nesse baile. A todo momento se aproximava do vestido dependurado junto a sua cama. Abria a saia rodada de um azul claro e ficava enleada contemplando aquele tufo de filó e fitas.

Ao escurecer, chamou a mucama Isabel e mandou que a penteasse. A mucama era jeitosa. Arranjava um penteado obedecendo às ordens de Amarilis, mas esta o desmanchava e ordenava novo penteado. Em frente ao espelho suas feições eram duras, xingava a escrava. E assim ficou por muito tempo. Tia Cota, sentada na sala, conversava com a irmã enquanto esperava a sobrinha.

Amarilis entrou na sala e, segurando a barra do vestido, saiu rodopiando. As tias sorriram.

– Que linda está! murmurou dona Maria.

Na porta, um cupê as esperava. A tia Cota subiu com dificuldades e sentou-se arfando. Amarilis sorria para si mesma.

À entrada do palacete do marquês Santa Cruz, Amarilis estremeceu ao ver o doutor Silvio de Andrade, que aí também chegava. O doutor Silvio, todo solícito, ofereceu o braço a dona Cota para ajudá-la a subir a escadaria de mármore. Dona Cota desmanchou-se em amabilidades. Fora sempre

seu sonho dourado ter um braço masculino para amparar. Mas passara a vida só. Agora, subindo a escadaria, pesava o seu braço no do rapaz e sentia-se invadida por uma onda de bem estar. “Felizes as que se casam”, pensava suspirando.

– Quer que subamos mais devagar, dona Cota? perguntou o doutor Silvio, curvando-se.

– Oh! Não estou cansada!

Atrás vinha Amarilis, toda de azul, no vestido vaporoso. Em seus olhos claros boiava a felicidade. Aos primeiros compassos da primeira valsa, o doutor Silvio aproximou-se de Amarilis e saíram dançando. Havia algum tempo já que ela e o doutor Silvio flertavam. Agora, aproveitando a ocasião, o advogado disse-lhe palavras de ternura e falou mesmo em pedi-la em casamento. Amarilis, emocionada, retrucou que iria consultar a tia Cota e depois responderia.

– Ora, não é a tia que eu quero... Você mesma responda. Continuaram dançando.

– Que lindo broche! Que brilho intenso!

– Foi de minha mãe.

– Então é ainda mais precioso.

Dona Cota não tirava os olhos do par e, quando o rapaz se inclinava para melhor ouvir Amarilis, a velha sentia-se trêmula. Por que a vida não lhe reservara essa ventura? E suspirava, arfando o grande busto, numa inveja indisfarçável.

Algum tempo depois foi anunciado o noivado de Amarilis e Silvio, numa *soirée* dançante, em casa da noiva. Seguiu-se uma quadra feliz para Amarilis. Era só cuidar das compras para o enxoval e dos passeios com o noivo. Estava radiante.

Tão adulada! Sua fortuna voltou à baila. Era bem rica, ao passo que seu noivo, embora advogado, nada possuía. Formavam um par amoroso e com isso despertavam a inveja de muitos.

Dona Cota, vendo o enlevo dos noivos, dizia para suas amigas:

– Ah! o amor suaviza tudo na vida. Vale mais que posição, que riqueza.

– Mais que a riqueza, não, retrucou uma moça já velhusca, pois se com o dinheiro compra-se até um noivo...

Dona Cota ficou calada, mas pensou consigo mesma que o amor é que vale na vida.

Na tarde do casamento, Amarilis estava bonita, envolta em véus finíssimos. No corpete de cetim, o broche de brilhantes faíscava. Amarilis ficara menor ainda a par do noivo de elevada estatura. O doutor Silvio trajava elegante casaca. Sentia-se feliz, pois sempre sonhara ser rico. Era ambição acalentada desde rapazinho e agora, desposando Amarilis, realizava seu sonho.

Ao som da marcha nupcial, o lindo par desceu vagarosamente a nave da igreja. Silvio sonhava, Amarilis sorria trazendo na mão frágil um terço de ouro que fora de sua mãe.

Seguiram-se em viagem de núpcias para Petrópolis. Aí, na cidade serrana, gozaram todo o encantamento do amor. Eram passeios pelos jardins, pelas pontes mergulhadas em verdura. Recantos encantadores, onde eles buscavam se isolar. Retornando ao Rio foram muito visitados, recebendo convites e mais convites para festas.

No ano seguinte, Amarilis deu à luz uma menina, morena, forte. Foi obrigada a se afastar das festas, mas o

marido continuou na vida antiga. Nos anos consecutivos vieram mais dois filhos. Amarilis transformara-se completamente. Muito nervosa, não se afastava de casa. Era só lidar com as crianças. Raramente comparecia a reuniões, em que se sentia desambientada e, nervosa, só pensava em retornar ao lar. Aí chegando sempre achava algo mal feito, como pretexto para re-criminar as empregadas.

Uma noite em que se representava “Hamlet”, Amarilis quis ir ao teatro. Era fã de Shakespeare. Demorou muito tempo a se preparar. Ficou aborrecida porque o marido não fizera nenhuma referência ao vestido novo e ao penteado diferente. Chegaram ao teatro quase na hora da subida do pano. Durante os intervalos Amarilis observava a assistência, ora cumprimentando uma pessoa conhecida, ora sorrindo para uma amiga.

Silvio comunicou-lhe que no próximo intervalo iria lhe apresentar a marquesa de Aires. Amarilis já a conhecia através de comentários das amigas.

Quando Silvio entrou no camarote dando o braço à marquesa, o coração de Amarilis bateu descompassado. Seria pressentimento? Durante a conversa, Amarilis observava a marquesa. Achou-a linda, morena, de olhos negros, aveludados.

A conversação caía a todo instante por mais que Silvio procurasse assuntos.

A marquesa prendeu um dos folhos da saia rodada numa das poltronas quando saía do camarote. O advogado, solícito, abaixou-se e tratou de desprender a renda. A marquesa sorria feliz ao ver o belo advogado a seus pés. Amarilis compreendeu aquele sorriso.

– Que lindo broche, dona Amarilis. Se não for indiscrição... onde o adquiriu? É raro brilhantes de brilho tão

forte, tão puro assim.

Amarilis explicou secamente ser jóia de família. Saíram os dois do camarote. Voltando algum tempo depois para junto da mulher, Silvio achou-a mal humorada. Calados e distraídos, assistiram ao final da peça.

Silvio julgou estar Amarilis contrariada por ter visto quanto bonita era a marquesa. Nada dói tanto à mulher como reconhecer a beleza de outra.

Amarilis esperava mais um filho. Sua saúde resentia-se com a nova gravidez. Vivia tristonha e mal humorada. Silvio continuava sua vida de festas, teatros, passeios. Muito alegre, era querido por causa do seu gênio expansivo. Possuía um largo círculo de amizades. Nos últimos tempos, era sempre visto em companhia da marquesa de Aires. Amarilis já estava a par do fato.

O barão de Vernier, em regozijo pelo baronato, ofereceu aos seus amigos da Corte uma recepção em seu palacete. Na cidade só se falava nesta festa. A marquesa de Aires, num de seus encontros com o doutor Silvio, contou-lhe que mandara fazer um vestido “cor de chamas” para aquela recepção.

Silvio riu da comparação.

– Se tivesse um broche cujos brilhantes fossem iguais aqueles de Amarilis... Nunca vi brilhantes iguais! Um esplendor!

– Pois eu conheço dois de brilho mais intenso e mais belo... seus olhos, querida.

Sorrindo, elevada, a marquesa fitou-o demoradamente.

Passados instantes, retornou:

– Aquele broche ficaria tão bem no meu vestido de veludo!

Silvio explicou-lhe que Amarilis não poderia ir à festa e, portanto, não seria difícil conseguir que ela lhe emprestasse o broche.

– Mas o marquês não estranharia?

– Ele?... Não me enxerga, principalmente nas festas. Só se eu fosse dama de baralho para ele me notar.

Chegando a casa, Silvio procurou a mulher, que se encontrava no jardim cercada dos filhos. Aproximou-se do grupo. Gabou as roseiras florescidas e teve mesmo a delicadeza de colher um botão de rosa-chá e o colocar nos cabelos de Amarilis.

– Fica bem o tom desta rosa em seus cabelos loiros.

– Se pretos não ficaria melhor? retrucou Amarilis, fixando o marido.

– Sabe, Amarilis, recebemos o convite para a festa do barão de Vernier. Não poderemos deixar de ir.

– Não irei. No estado em que estou não me é possível. Até pensei em passar uns dias em Breves. As crianças precisam mudar de ares. Também há quanto tempo não vamos lá.

– É mesmo. Quando quer partir?

– Logo. Já mandei preparar as malas.

– Ah! Então a levarei, mas não posso me demorar. Tenho negócios urgentes aqui.

Os salões do palacete do barão Vernier estavam repletos. Toda fina sociedade ali se encontrava. Marquesas, baronesas emproadas, metidas em vestidos caros. Criados de

libré anunciavam a chegada dos convidados. Ao ser pronunciado o nome dos marqueses de Aires a atenção dos presentes se convergiu para a porta. A marquesa, pelo braço do marido, entrou no salão. Trazia o vestido de veludo “cor de chamas”, bem justo, delineando o corpo de linhas perfeitas, os braços roliços e morenos, nus. Em contraste com a nudez dos braços, o colo estava coberto até o pescoço e ali o broche de brilhantes de Amarilis desprendia fulgores. Parecia mais uma estrela. Houve um murmúrio de admiração.

O doutor Silvio logo se aproximou. O marquês, depois de ligeira palestra, retirou-se para a sala de jogo.

Feridos os primeiros compassos da quadrilha, Silvio e a marquesa saíram dançando. Olhos nos olhos. Alheios a tudo. As pessoas em torno cochichavam.

A marquesa, que fizera um casamento por conveniência, percebendo o passo errado que dera, atirou-se a uma vida social intensa. Era tida como leviana. Conhecendo Silvio, com ele mantivera um ligeiro flerte, logo transformado em amor violento e indomável. Sabia ela que teria de sofrer e muito por esse amor mais forte que a razão. Desde que conhecera Silvio, sentia o que era viver e sabia o que era amar. Era ele um bálsamo para sua infelicidade.

Já tarde, a marquesa foi pessoalmente chamar o marido. Ele, sem levantar os olhos, perguntou:

— Quer que a leve? O Firmino está no coche... aí na porta. Preciso terminar esta partida.

A marquesa mordeu os lábios com raiva e saiu da sala. No saguão, encontrou o amante, que delicadamente lhe colocou sobre os ombros a capa de arminho. Dirigiram-se juntos até o coche. Ao estalar do chicote, a parelha de cavalos negros partiu rápida. Dentro do carro, de mãos dadas, o casal

não falava. Somente depois de haver descido do coche, a marquesa notou que se achavam à porta da casa do advogado. Quis retroceder, mas este lhe segurou o braço.

– Fique por um instante, dar-me-á tanta felicidade.

– Será? Eu não sei o que é felicidade de modo que não a posso dar a ninguém.

– Só sua presença é para mim felicidade máxima.

Fique um pouco.

– Então só por um instante. Não há empregados acordados?

– Não. E também o marquês não acabará a partida antes das quatro horas.

Segurando a mão de Silvio, a marquesa atravessou a vasta sala de jantar. Sentia-se trêmula. Silvio passou-lhe o braço pela cintura e a conduziu até o quarto do casal. Num canto, o toucador de nogueira apinhado de frascos de perfume e loções. A marquesa, desvencilhando-se delicadamente dos braços de Silvio, chegou-se para perto do toucador e se mirou no espelho. Os olhos negros onde o amor punha chamas expressivas, a pele acetinada, o sorriso sedutor. Ficou satisfeita consigo mesma. Ela sorriu para o belo par que o espelho refletia.

– Meu amor, minha vida, murmurou Silvio.

A marquesa reparou então no broche.

– Ah! Vou deixar o broche aqui. Mas como é maravilhoso!

Desprendendo a jóia, revirou-a na mão. Dos brilhantes saíam fulgores. Comprimiu, sem perceber, a molinha do reverso, aparecendo a placa lisa, onde eram visíveis os sinais da unhas da mulher do doutor Cunha. De repente a placa se afastou, e, num relance, surgiu: “Je suis la mort”.

A marquesa deu um grito. Silvio apertou-a nos braços.

– Que há?

– Li uma frase horrível aqui dentro do broche.

Nervosamente, tentava abri-lo quando passos rápidos soaram e na porta, aberta com violência, surgiu o vulto do Marquês de Aires. Vários tiros ecoaram simultaneamente dentro do quarto. O espelho atingido espatifou-se.

A marquesa, soltando um grito, tombou junto ao canapé. Silvio ainda deu uns passos em direção do Marquês e estirou-se quase aos seus pés. O marquês permaneceu no mesmo lugar até que apareceram os primeiros criados. Depois de lhes falar, desceu calmamente as escadas.

Quando a polícia chegou, o doutor Silvio agonizava. A marquesa já estava morta, deitada de bruços. Os estilhaços do espelho, salpicados sobre seu vestido, formavam um enfeite original.

Ao serem retirados os corpos, apareceu, entre eles, o broche de brilhantes, cujo brilho era mais intenso ainda. Foi um escândalo tremendo na Corte, e, por muitas semanas, tornou-se o assunto obrigatório das rodas de prosa.

Amarilis, avisada do ocorrido, não compareceu ao enterro. Alegou estar adoentada e às vésperas de dar à luz.

Dias de amargura foram os que se seguiram à viuvez de Amarilis, que não se conformava com o fato. Jurou nunca mais voltar à Corte. Queria desaparecer para todos que a conheciam. A tia Maria foi morar na fazenda, onde ajudava Amarilis a criar os filhos. Passados alguns anos, voltou para perto da irmã Cota, que estava bem velha e adoentada. A solidão cercou mais ainda Amarilis, cuja saúde era má. Havia dias em que passava deitada com um pano amarrado na testa, olhos fechados. Nesse estado não tolerava que os filhos ficassem dentro de casa. Para eles era um achado. Reuniam-se aos meninos dos vizinhos e era pescaria, banho de rio, arapucas armadas para prender passarinhos.

Os filhos de Amarilis foram criados à solta. A decepção sofrida com a morte de Silvio enfraquecera-lhe o ânimo e um desalento mórbido apodera-se de seu espírito. Não mais sentia a vida.

Meia légua distante da fazenda Breves morava uma família de italianos. A mulher, muito corada, cercada de filhos, umas crianças loiras e sujas. Os filhos de Amarilis ficavam contentes quando viam aparecer Carmela com os meninos. Seriam muitas horas de vadiação.

Quando havia serviço extraordinário na fazenda, Amarilis mandava chamar Carmela, que, sendo muito disposta para o trabalho, acudia logo ao apelo da vizinha. Chegava sempre com um menino enganchado na cintura, outro na barriga, pois de dez em dez meses dava à luz. Isto, porém, não a atrapalhava no trabalho.

Numa véspera de Ano Bom, Amarilis chamou Carmela para fazer quitandas e pamonhas. Enquanto ela não chegava, Amarilis ordenou a uma preta forra que acendesse o fogo no forno de barro existente no telheiro dos antigos escravos. Assim adiantaria o serviço para Carmela.

– Só prué que ela é branca qui nem coró de goiaba, Sinhá agrada ela... mais nois preto, ispera tê adjutório, resmungava Teodora enquanto cumpria a ordem.

Quando Carmela chegou já o forno estava “co-rado”. Logo deu começo à amassação dos biscoitos de queijo, petas e roscas.

Uma cabocla fez uma vassoura de folhas de Santana e com ela varreu o forno. Um aroma agradável encheu o espaço.

As crianças, debaixo de um jatobazeiro, brincavam. Faziam barro e o amassavam com a mão, depois colocavam certa quantidade dentro de caixas de fósforos, que serviam de formas para os “tijolos”, com os quais construíam casas de fazenda, muros, cercas, currais. Dentro destes colocavam jatobás grandes representando marruás, os pequenos, os bezerros. E num falatório louco ficavam horas esquecidas em torno da fazenda mirim que haviam construído. E, imitando o que viam na vida real, separavam as vacas dos bezerros. Depois levavam as vacas para o pasto, sempre um pouco afastado da casa da fazenda, enquanto os bezerros ficavam presos no apartador. Havia também tropa. Os burros eram feitos de bananas verdes, nas quais os meninos enfiavam quatro pedaços de pau fino, servindo de pernas. Uma peninha de frango era o rabo. E assim formavam lotes carregados de cargas para viagem que seria do jatobazeiro ao pé de maria-preta. Tudo ia bem até que surgisse uma questão entre os “tropeiros” e um mais violento metesse o pé no brinquedo, destruindo num instante o trabalho de muitas horas.

Retirada a primeira fornada, Amarilis chamou as crianças. Cada uma encheu a mão de biscoitos e voltou ao brinquedo, falando com a boca cheia. Somente Cati, menina de uns seis anos, não se afastou de perto de Carmela, sua mãe. Assistiu à retirada de diversas fornadas, viu os tabuleiros cheios de biscoitos de queijo, de raspa, de broas.

Depois Carmela começou a tratar das pamonhas. Debruçada sobre a gamela, seu corpo gordo acompanhava o movimento que fazia, ralando o milho. Uma negrinha colo-

cava as espigas de milho sobre uma toalha branca, isto depois de as haver despojado dos “cabelos”. No tacho de cobre, à água fervia. Nela foram lançadas as pamonhas e depois cobertas com palha de milho. Um cheiro forte subia do tacho.

Amarilis, chegando à porta, gritou para Carmela:

– Já estão boas as pamonhas?

– Quase, dona. As palhas estão amarelando.

Cati continuava junto de Carmela. O cheiro forte das pamonhas entrava-lhe pelas narinas e não aguentando mais:

– Mãe... me dá uma pamonha.

Carmela não ouviu. Ela esperou um pouco, mas quando viu, no ápá grande, enfileiradas militarmente as pamonhas, repetiu o pedido:

– Mãe... me dá.

A mãe fingiu não ouvir. Cati, lembrando-se das conversas das mulheres, que a uma mulher grávida nada se nega para que a criança não saia cabeçuda, resolveu se valer desse argumento:

– Mãe, me dá... olha eu tô gravi...

Carmela, largando o que estava fazendo, caminhou para Cati e espalmou a mão repetidas vezes na carinha bochechuda da filha.

– Sai daqui, peste. Vai brincar qui nem os outros. Vai. E deu-lhe um empurrão. Cati saiu chorando.

A filha mais velha de Amarilis, Clélia, desde os quinze anos, tomara conta da direção da casa. Na cozinha, era perita em fazer pratos gostosos. No dia em que matavam capado, Clélia ficava horas dando ordens e ajudando no serviço de derreter toucinho. Aproveitava o sangue e fazia chouriço. Depois era encher lingui-

ças. E tudo isto debaixo de risadas e cantorias. Às vezes, Amarilis aparecia na cozinha e chamava a filha para dentro. “Deixasse aquele serviço para as criadas”. Mas eu gosto disso, mãe, retrucava Clélia e não saía da cozinha senão depois de tudo arrumado.

Ao completar dezoito anos, Clélia, um dia, disse a mãe que iria se casar com Vitor, filho de Carmela e de Giussepe.

– Você não está louca, não? Casar com filhos de imigrantes? Você está é doida.

– Ora, mãe. Eu gosto dele e ele de mim. Casamos de qualquer jeito. Ele é filho de imigrantes, mas é um rapaz muito bom.

– Filho de calabrês!

– É, mas tem casa boa e lá há tanta fartura! Gosto dele. E acabou. Amanhã o velho virá falar com a senhora.

E Clélia afastou-se cantarolando. Amarilis chorou. Doeu-lhe o modo da filha. Chamou um dos filhos:

– Olha, Sérgio, veja que absurdo! A Clélia quer se casar com Vitor! Disse que amanhã o Giussepe virá aqui pedi-la em casamento.

– Absurdo por que, mãe?

– Ora, um filho de imigrante. Um gringo à toa...

– Ah! Mas ele tem dinheiro. Isto é o que vale. É o essencial na vida. Veja a espingarda que tem o Vitor. Uma beleza! Tem um terreno com mais de mil pés de café, só dele.

– Mas, meu filho, não falo quanto à riqueza. Eu falo sobre a família. Quem é o pai de Vitor? Um calabrês que chegou aqui remendando tachos. Nem terei coragem de escrever para meus parentes no Rio de Janeiro. Que dirão?

– Ora, mãe. Para nós o que valem esses parentes graúdos? É só para quando a gente ler os nomes deles nos jornais poder falar. “Essa baronesa é minha prima, é riquíssima,

só vive em Paris”. Ora, bolas para esses parentes.

– E o calabrês? Só se poderá falar nele para contar roubos e mesmo mortes. Sair da Itália e dar com os costados aqui... só corrido pelo crime, falou com aspereza Amarilis.

– Bom, mãe. Mas só por causa dos parentes Clélia não deve deixar de se casar com Vitor. Há tanto tempo que eles são namorados. Só mesmo a senhora é que ignorava.

Sérgio saiu. Amarilis encostou-se na mesa e chorou muito. Seus ombros estreitos eram sacudidos pelos soluços.

Escurecia. Uma acauã cantou na boca da mata.

Damásia entrou arrastando os pés e colocou a candeia sobre a mesa.

– Cruis! Canto de acauã nessa hora é agouro.

– Sinhá, hoje num tem açúcar pru café. Também o engenho tá parado tanto tempo!

Amarilis gritou pelo Jeremias, este apareceu. Estava muito velho com os cabelos grisalhos assanhados.

– Mas, Sinhá, cumo nois há de moê cana, sem carro, sem boi. Os meninos viajou. Eu num tenho culpa não. Vou arranjar cum seu Vito. E saiu resmungando: qualque dia faço cumo Rufino mais o Luiz. Sentou pé nesse ôco de mundo e ninguém mais viu eles. Tombém não sô iscravo mais não... Treze de maio já chegô.

A manhã estava límpida e fresca. Amarilis chegou à janela e estendeu a vista pelo horizonte longínquo. Olhou os campos verdes, veludosos, que cercavam a fazenda. De espaço em espaço, árvores copadas faziam sombra onde se abrigavam os animais. A manhã estava semelhante aquela em que soube-

ra da morte de Silvio. Desde então não mais tivera gosto para nada. Não vivera, vegetara.

Avistou Giuseppe, que vagarosamente subia ladeira. Vinha com a roupa domingueira, calças xadrez, paletó escuro e raquítico e chapéu de abas largas. O rosto vermelho como um tomate. Amarilis não pôde reprimir um movimento de contrariedade. Giuseppe, chegando ao alpendre, bateu palmas ruidosas. Repetiu as palmas. Amarilis abriu a porta com lentidão.

– Bom dia, signora... – e, com a franqueza de estrangeiro, franqueza que os torna infantis: Ih! Signora, como estare acabada! Estare doente? Coitada! mas é troppo lida para uma mulher só, falou gritado.

Amarilis mordeu os lábios, gaguejou qualquer coisa, passando a mão pelos cabelos grisalhos, na esperança de melhorar seu aspecto físico.

Entrando na sala grande, Giuseppe colocou o chapéu sobre a mesa.

– Signora, eu venho cá a mando do meu Vitor, meu bambino. Ele quer casar com sua Clélia.

Amarilis permaneceu calada. Giuseppe continuou a falar, mas em tom mais baixo:

– Vitor é bom rapaz, signora, trabalhador, já tem uns cobres ajuntados. Que diz signora?

– Olha, Giuseppe, Clélia me falou nisso. É ela quem vai se casar. Mas quero que fiquem sabendo que não é do meu gosto, não. Nunca.

– Bem, Carmela me dizer que a gente de signora era gente de barone. Mas é piu melhor sua filha casar com rapaz trabalhador como meu Vitor. A mulher dele não sofrerá. Viverá sempre na fartura. Per la madonna! Nada faltará a sua Clélia.

– Basta, Giuseppe. Já conversei muito com Clélia,

mas moça quando quer casar não enxerga nada. Concordo com ela, mas não aprecio em absoluto esse casamento. E nunca hei de apreciar, ouviu? Nunca.

Amarilis levantou-se dando por finda a visita.

Giussepe foi à mesa, apanhou o chapéu e da porta virou-se:

– Meu Vitor pode vir hoje ver a noiva?

Os preparativos para o casamento foram rápidos.

Amarilis escrevera a alguns parentes, ocultando, porém, a origem de Vitor. Contara que o noivo era fazendeiro abastado. Parava às vezes de escrever e resmungava:

– Carcamano, calabrês... trem.

Havia muitos anos que não se correspondia com os parentes, agora com o noivado da filha romperia o silêncio.

Algum tempo depois vieram presentes e cartas.

Clélia recebia tudo com alegria.

Vitor construiu uma casa nos terrenos do pai.

Ficava mais perto da fazenda Breves. Era só descer o córrego que servia de divisa e logo se avistava a fazendola, que já estava bem plantada.

Nas vésperas do casamento, Amarilis chamou Clélia e entregou-lhe o estojo do broche de brilhantes.

– É seu, mas não pode ser vendido. Passa sempre de mãe para filha. Não deve sair da família. Sempre a filha mais velha é quem fica com o broche.

Clélia riu alto só de ouvir a mãe falar em filhos.

– Vitor quer doze filhos, mãe...

– Cala a boca, Clélia. No meu tempo as moças não tinham coragem de falar nessas coisas com os noivos.

– Por isso é que havia tanto casamento infeliz.

– Por isso é que havia tanto casamento de igual para igual.

Clélia ficou séria e saiu do quarto com o estojo na mão.

Na tarde do casamento apareceram alguns vizinhos e os italianos. A velha casa estava caiada de novo com as janelas e portas pintadas de azul.

Clélia ficara bonita apesar de vestida modestamente. Alegre, desembaraçada, muito parecida com o pai.

– Você não quer pôr o broche de brilhantes? perguntou Amarilis à filha, quando esta se vestia.

– Qual. Aquilo é um trambolho. Broche de marquesa, na roça.

– É, para esses italianos não paga a pena... mas o padre é de Sorocaba, terra de nossa gente.

Após o casamento, já de noite, os italianos começaram a cantar. Giuseppe era o mais entusiasmado. Quanto mais bebia, mais cantava. Clélia e Vitor, de mãos dadas, riam felizes. Logo depois Clélia procurou a mãe para se despedir.

Um preto velho atravessara o terreiro, por duas vezes, carregando um par de canastras de couro com as iniciais de Clélia gravadas a tachas douradas.

Os noivos subiram para a carrocinha que os levaria à nova residência. Debaixo de vivas, palmas e gritos seguiram pela estrada tortuosa.

Amarilis acabrunhada, retirou-se para o interior da casa, que agora lhe parecia maior. Apanhou um vestido da filha que ficara jogado no chão e com ele no rosto debruçou-se sobre a cama. Chorou alto. Ninguém a escutava. No terreiro os filhos, entre vizinhos e italianos, riam.

Os escravos forros olhavam aquela noite tão diferente das outras e que vinha quebrar o ramerrão em que viviam.

O céu arqueado, pontilhado de estrelas tremelu-

zindo, permanecia indiferente à dor e à alegria.

O tempo continuou sua marcha.

Na fazenda a vida era a mesma. Amarilis não ia à casa do genro. Clélia, porém, sempre visitava a mãe. Estava satisfeita com a vida, com o marido, com a fazendinha.

Quando mandou avisar Amarilis que ela já era avó, foi um alegrão na fazenda. Os dois rapazes, que estavam de partida para Sorocaba, foram os primeiros a conhecer a recém nascida. Depois foi a vez da irmã caçula, a Silvinha. Ficou encantada com a menina. Muito vermelha, de olhos verdes e bastos cabelos pretos, era um pinguinho de gente, a Mônica.

Amarilis não foi à fazenda da filha. Indagava, porém, com minúcias, como era a neta.

Passados alguns dias, Clélia surgiu, toda risonha, com a filha nos braços. Amarilis, com emoção, beijou a primeira neta.

Pouco tempo depois, os seus dois filhos rapazes seguiram para Sorocaba, onde iriam se dedicar ao comércio com uns parentes. Amarilis chorou muito, andando pela casa, sem destino.

Silvinha, já meninota, mal amanhecia, corria para a casa de Clélia e aí ficava entretida com a sobrinha.

Às vezes, Silvinha trazia a pequena para Breves. Nesses dias, Amarilis não fazia outra coisa senão carregar a menina e, quando Clélia teve o segundo filho, Mônica ficou mais de mês com a avó. No dia em que mandaram buscar a menina foi um escarcéu, tanto chorava a velha como a pequena.

Com a partida de Silvinha para o colégio, Mônica voltou e, desta vez, ficou por muitos meses.

Clélia aparecia sempre, alegre, corada, feliz. Sentia saudades da filha, mas compreendia que a menina era um bálsamo para Amarilis, que, desde que a teve perto de si, mudara de gênio.

Estando Mônica crescidinha, Amarilis ensinou-lhe as primeiras letras, depois solfejo e música. Então Mônica já morava definitivamente na fazenda Breves. Algumas vezes ia à casa dos pais, mas retornava logo, pois era uma lufalufa de empregados, plantações, tratamentos de criação, ao passo que na casa da avó havia calma, silêncio. Só as duas. A velha sentada na cadeira de vime, ora lhe ensinava a ler, ora a solfejar.

Certa vez, retirando de um armário um violino antigo, Amarilis resolveu ensinar Mônica a tocar. A menina aprendeu depressa e passados alguns meses já executava valsas chorosas. Amarilis, emocionada, limpava os olhos; às vezes, deitava-se no sofá, com os olhos fechados, cantarolando baixinho.

Um dia, contou à Mônica a história do Broche.

– Ele está com Clélia, mas é seu. Desde que nasce uma filha, o broche já não é mais da mãe. De você passará à sua filha. Em nossa família não há mulheres maninhas, se alguma que ficar com o broche não se casar, terá de, em cartório, com testemunhas, doá-lo a alguma mulher da família, descendente em linha reta.

Mônica achava curiosa a história daquele broche, que passará por diversas gerações, que pertencera a muitas mulheres, que ouvira as palpitações de tantos corações. Ah! se ele pudesse falar, se pudesse contar o que presenciara!...

Por ocasião de uma forte geada, Vitor sentira-se mal. Eram dormências nas mãos, nos pés. Manchas esbranquiçadas apareceram-lhe pelo corpo todo.

– Pode beliscar aqui, Clélia, que não dói. Não sinto nada. Com mais força, Clélia. Mais... não sinto nada.

Clélia ficava vermelha com o esforço que fazia. Sua unha deixava marcas na pele do marido, que nada sentia.

– Vitor envelhecera rapidamente. Sua fazenda, no entanto, prosperava de dia para dia. Era trabalhador como ele só. Seus filhos apreciavam a vida do campo e desde pequenos o ajudavam na lida.

Clélia cuidava da horta e do pomar, onde havia grande variedade de frutas. E ainda cultivava flores. Amava a terra, para ela nada havia de melhor do que sua fazenda.

Vitor, alguns dias depois, queixou-se novamente das dormências e de forte coriza. Achou que seus lábios estavam crescidos. Clélia aconselhou-o a ir à cidade mais próxima e consultar um médico.

– Qual, não vou não. São uns exploradores, sabendo que tenho fazenda hão de querer me furtar.

– Mas, se você não melhorar com remédios caseiros, tem que procurar um médico. A saúde vale tudo.

Após essa conversa, Vitor achou mesmo que deveria ir a um médico e tratou de se preparar para a pequena viagem. Clélia iria com ele.

Ao abrir o baú onde guardava as roupas de pouco uso, Clélia deparou com o estojo do broche de brilhantes.

– Oh! Há quanto tempo não vejo este broche. Até havia me esquecido dele. Nunca o usei. Também pudera! Usar

isto, onde? De quem seria o retrato? exclamou. É antigo mas é bonito pra burro.

– Deixa ver, pediu Vitor tomando nas mãos grosseras o estojo. Reparou no retrato, depois virou o broche, examinando-o, comprimiu a molinha que fez correr a placa lisa, onde ainda eram visíveis os sinais das unhas da mulher do doutor Cunha. Inesperadamente a placa se afastou surgindo escrito, em letras finas e legíveis: “Je suis la mort”. Foi como um relâmpago. Logo voltou a placa lisa ao lugar.

Vitor, horrorizado, gritou pela mulher. Esta tomou o broche e só viu a placa lisa, arranhada. O marido teimava que havia lido uma frase dentro do broche, da qual só compreendera a palavra “Mort”. Clélia duvidou e, retomando o broche virou-o, comprimiu a molinha... nada.

– É impressão sua, Vitor. Onde viu você a palavra morte?

Reparava no broche com olhar atento, quando Mônica, entrando no quarto, viu o estojo na mão da mãe.

– Este broche é meu, não é?

– É... mas quem lhe falou nisso?

– Foi a avó. Ela me contou a história do broche, que não deve ser vendido. Já é muito antigo na família.

– Pois é isso mesmo. Não poderá ser vendido. É para seguir a cadeia determinada. De mãe para filha.

Vitor passou mal a noite, a toda hora falava no broche.

– Bobagem sua, Vitor. Não pense mais nisso, não.

No outro dia, bem cedo, saíram a cavalo. Vitor tristonho, calado. Clélia procurando distraí-lo chamava sua atenção para as árvores, para o canto dos pássaros. Depois de algumas horas, avistaram Sorocaba, que se estendia pela encosta.

– Você quer parar em casa de algum parente seu?
Perguntou Vitor.

– Qual... Parentes que mal conhecemos! só quando viermos passear. Vamos direto ao médico. É à rua Brigadeiro Aguiar.

Depois de muitas perguntas e exames, o doutor declarou ser um caso típico de mal de Hansen e que era necessário isolar o doente. Indagou se havia casos idênticos na família. Vitor, meio abobado, nada respondia. Clélia, porém, desembaraçadamente, pedia-lhe explicações.

– Olha, doutor, nós vivemos na fazenda de modo que não sabemos muita coisa. O senhor poderia falar bem claro o que ele tem e o que devemos fazer.

O médico explicou-lhes qual a doença e esclareceu que seria preciso Vitor seguir para São Paulo e se internar numa Casa de Saúde. Isolar-se o mais depressa das crianças. Atordoados e desesperados, Vitor e Clélia trataram de retornar à fazenda. Tão logo alcançaram a estrada, Vitor clamou em altas vozes:

– Não vou para São Paulo nenhum. Pra quê? Isolamento? Separar-me de você e de meus filhos. Não. Não vou.

– Eu vou com você e até podemos levar Mônica. Amanhã mesmo escreverei para sua prima Ítala e, logo que chegue a resposta, partiremos.

Quando Ítala respondeu, já Clélia estava com tudo preparado para seguirem. No dia da viagem, todos choravam, mesmo Clélia, sempre animada, estava abatida.

Chegando em São Paulo, encontraram Ítala na estação. Depois de instalados em casa da prima, seguindo conselho desta, foram procurar um especialista. Vitor, desajeitado, mal vestido, recriminando tudo.

Do médico indicado por Ítala, Clélia e Vitor fo-

ram a outros, designados pelo primeiro, e, depois de muitos dias de exames e pesquisas, foi Vitor internado num sanatório.

Clélia, triste e amargurada, voltando do sanatório, deitou-se na cama, olhos fitos no teto, a pensar. Não quis jantar.

No outro dia, bem cedo, tomou o bonde indo passar umas horas com o marido. No sanatório havia dias e horas marcadas para visitas e, devido a esse fato, Clélia permaneceu mais tempo em São Paulo, para fazer um pouco de companhia a Vitor.

Ítala andava encantada com Mônica.

– Mas que menina bonita. Será o contraste dos olhos verdes e cabelos negros? Chama atenção, comentou um dia para Clélia.

Mônica, que estava arrumando os vestidos no guarda roupa, fingiu não ter ouvido a conversa da prima. Porém, quando passou em frente ao espelho, atrasou o passo e olhou encantada sua figura ali refletida.

Uma noite, Ítala disse à Mônica:

– Você quer ficar conosco? Poderá aperfeiçoar-se no violino. Se você quiser, nós falaremos com Clélia e faremos todas as despesas com seus estudos.

– Para mim seria um sonho. Sempre desejei sair da fazenda. Que felicidade!

Foram ao quarto de Clélia e contaram-lhe a conversa que haviam tido.

– Penso que Mônica não quererá nos deixar, agora que Vitor está doente. E dirigindo-se à filha: Você quer ficar, Mônica?

– Quero sim. Não gosto da fazenda.

Clélia, meio desapontada, deu consentimento. Uma semana depois, Clélia foi ao sanatório para se despedir

de Vitor. Este abraçou-a chorando.

– Vou morrer, Clélia, bem o broche mostrou.

– Besteira sua, Vitor. Eu vou à fazenda ver o nosso pessoal. Mônica fica com Ítala. Ela está aproveitando para estudar violino e já está tocando bem, só vendo! Puxou pelos italianos, não é? Até a volta. Fique com Deus. Logo que puder virei ver você.

Já havia muito tempo que Clélia deixara Vitor em São Paulo. Naquele fim de ano, a saudade apertara e Clélia resolveu visitar o marido. Levaria consigo o Rafael. Escrevera à Mônica avisando-a. Ao chegarem à estação da estrada de ferro, lá se encontrava a filha muito bem vestida, muito pintada. Após o encontro seguiram para o sanatório. Tiveram de esperar um pouco na sala, depois o enfermeiro as conduziu ao quarto de Vitor.

Ao avistar o marido, Clélia recuou sem querer. Seus olhos encheram-se de lágrimas, não havia mais ilusão quanto à doença. Vitor, sentado em frente à janela aberta para o pátio, estava pálido, as feições crescidas.

Mônica, da porta, mal falara com o pai, demonstrando visível repugnância. Retirou-se apressada para o pátio. A um sinal de Clélia, o irmão a acompanhou.

Mônica, muito afetada, ria alto quando o irmão empregava termos da roça e para o embasbacar usava palavras estrangeiras.

Clélia passava os dias no sanatório. Conseguira isso do médico assistente. À tarde dirigia-se para casa de Ítala. Ocupava um quarto nos fundos da casa. Aí trocava de roupa e só então aparecia na copa. Conservava com Mônica, com Ítala e outras primas, mas sentia um vazio em torno.

Um dia Clélia recebera carta da fazenda, chamou Mônica e começou a ler, em voz alta. No meio da leitura, a filha interrompeu-a:

– Oh! Mãe, por que a senhora não compra umas luvas?... Está com as mãos tão estragadas...

Clélia parou de ler. Reparou então nas mãos da filha, brancas de dedos longos e unhas ovaladas. Mãos de artista na verdade.

Vitor piorava visivelmente. Clélia, emagrecida, quase não se afastava do sanatório. Via a doença do marido se agravando e se tornava mais carinhosa. Vitor explicava-lhe os negócios, o que deveria fazer com a família, com a fazenda, mandava recomendações aos conhecidos. Numa rosada madrugada de maio, prenúncio de manhã triunfante, Vitor, após ligeira agonia, faleceu. Clélia avisou os parentes. Os enfermeiros levaram o cadáver para o necrotério. Quando Clélia ali chegou, já estava o Vitor deitado na mesa, enfiado no terno escuro e usado.

Clélia permaneceu um pouco junto do marido, depois foi sentar-se perto da porta. Tomou o terço e começou a rezar. Seu pensamento, porém, fugia para a fazenda, os filhos, a conta do médico, as despesas do hospital. Continuava a rezar, logo, porém, lembrava-se dos parentes que ainda não haviam aparecido. Nem Mônica. Como mudara? Parecia uma estranha. Por isso muita gente não gosta de mandar os filhos para outra cidade, para longe. O certo é que perdem o amor aos seus, à terra. Mudam tanto! Voltava o pensamento para a reza, remexia o terço nos dedos. Fixava os olhos no rosto do marido, amarelo, intumescido, lábios grossos, mãos inchadas. Enfermeiros passavam indiferentes, num passo leve e faceiro. Como poderia viver sem Vitor? Tão bom, tão seu amigo. Pensou nos filhos. Era preciso viver.

Ao avistar o caixão chegando no ombro de um mulato forte, sentiu um baque. Aproximando-se da mesa, viu os

enfermeiros colocarem o corpo dentro do caixão, depois a tampa descendo. Nem uma flor sequer. Levado pelos enfermeiros, o caixão pareceu-lhe enorme no corredor longo e escuro.

Ao sair à rua, Clélia avistou dois tálburis, um do médico que a convidou para ir em sua companhia e outro de Mônica e das primas de Vitor.

De volta à casa, já de noite, Clélia avisou Ítala que seguiria pelo noturno. Ítala não insistiu para que ficasse.

– Olha, Clélia, queríamos que você deixasse Mônica conosco, mas com a condição de nunca mais ela nos deixar. Nós gostamos muito dela e ela está estudando com brilhantismo.

Clélia olhou para a filha, que limpava as unhas com modo afetado.

– Mônica é quem sabe se quer ficar ou ir. Já tem idade para isso.

– Fazer o que naquele sertão bravo? Gosto é de lugar adiantado, todos sabem disto.

Clélia, com os olhos cheios de lágrimas, despediu-se de todos. Seguida pelo filho que levava a mala, atravessou o jardim e atingiu a calçada. Não voltou o rosto para as pessoas que a acompanharam até ao portão. De seus olhos lágrimas corriam em abundância. Ao chegar à estação, parou para esperar o filho, que vinha um pouco atrás, arcado sob o peso da mala. O menino olhou curioso para o rosto da mãe.

– A senhora tá chorando por causa de Mônica? Ela não gosta da fazenda, não é?

– Esquisito. Ela não sentiu a morte do pai, não sentiu separar-se de nós para toda vida. Nem falou nos irmãos pequenos, nem no Xandóca, tão engraçadinho, coitado. Será que Mônica não tem alma?

O trem apitou. Estava na hora da partida. Entraram e tomaram o assento no banco do fundo. Clélia passou o braço pelos ombros do filho e pôs-se a falar:

– Olha, Rafael, agora que seu pai já não existe, nós precisamos fazer economias. Vocês são muitos, podem tratar da lavoura, da criação. É só repartir bem o serviço. Temos muita terra. Não a venderemos nunca. Nossa terra! Agora é tratar de ir para adiante. A vida é assim mesmo. É como uma roda e a gente dependurada nela, ora está por terra, é a hora do sofrimento, logo depois começa a subir, é então a da felicidade. É preciso aguentar firme na hora do sofrimento, pois logo começa a subida.

Daí a pouco Rafael cochilava. Clélia, com olhos brilhantes, acompanhava a paisagem que se desenrolava na noite enluarada.

Amanhecia quando desceram na estação, perto de Breves. Daí à fazenda era um bom pedaço de terra. Mas assim mesmo, Clélia e o filho seguiram a pé. Avistando a casa, Clélia suspirou. Os cães ladraram e depois, em carreira desabalada, foram ao encontro dos chegantes.

Na porta apareceram os filhos de Clélia, que os abraçou soluçando. Choraram muito tempo abraçados.

– Vitor recomendou que vocês fossem sempre unidos e que não deixassem a nossa terra, a nossa fazenda, tão boa. Agora vamos cuidar da vida, no duro.

– E Mônica não veio?

– Não. Ela não virá nunca mais.

Envolvida pelos trabalhos da fazenda, agora sob sua direção, Clélia raramente escrevia à filha, que, por sua vez,

demorava a lhe responder e, quando o fazia, era para contar grandezas, elogios recebidos, demonstrando que somente sua pessoa a interessava.

Quando havia portador seguro para Breves, Mônica remetia grandes embrulhos, presentes para os seus. Mas eram coisas inúteis para a roça: meias de seda desfiadas, sapatos de saltos altos, colares, pechisbeques. Junto com o embrulho vinha a explicação de como deveriam ser usados os enfeites. Clélia percebia bem claro que a intenção de Mônica era passar aos olhos dos outros como filha afetuosa.

Um dia, o compadre Joca chegou sobraçando um embrulho enorme.

– Ô comadre, uns “trens” pra senhora. Foi Mônica que mandou. Que filha boa tem, mesmo de longe não esquece dos seus. Mas este pacote me deu um trabalho danado na viagem, tão grande.

Clélia agradeceu. Os meninos correram curiosos. Saindo o compadre, Clélia abriu o embrulho: duas fantasias, uma de baiana, saia rodada cheia de enfeites e babados, colares; outra, de holandesa, tamancos de pontas reviradas, touca armada, ainda tubos vazios de lança-perfume e sacolas de confete.

Clélia, enrubescida, sentiu-se desapontada. Juntou tudo e lançou na fofalha onde fervia um tacho de sabão.

– Vai, porcaria, vai acender fogo. Tá caçoando de nós. Não precisa mandar nada.

As chamas cresceram vivamente. A saia de baiana estufou, encheu-se de ar mostrando os aramados. Os meninos gritavam dando vivas.

– Olha, mãe, ficou um papelzinho na sua cabeça, gritou o Xandóca.

Rafael, que já estava da altura da mãe, passou-lhe a mão pelos cabelos e retirou um confete verde.

– Este sobrou, mãe. Dá para o Xandóca.

Algum tempo depois veio carta de Ítala contando que um moço distinto, engenheiro, estava gostando de Mônica e que já havia falado em casamento. Esperava que Clélia aprovasse. Antes de Clélia responder, porém, recebeu carta da filha contando que ficara noiva do engenheiro. Ela não gostava dele, mas isto de amor é coisa secundária na vida. Clélia lembrou-se da ambição da filha. Escreveu-lhe nessa noite mesmo e, depois de alguns conselhos, disse-lhe que, se não estimasse o rapaz, era preferível não se casar, pois só o amor alimenta a vida. Clélia era prova disto e, ainda agora, sem o marido, era ainda o amor dele que a guiava, que a ajudava a viver.

Mônica riu alto quando leu esse trecho da carta e comentou:

– Ora, amor... O essencial é o dinheiro, di-nhei-ro.

Na fazenda, à noite, em torno da mesa grande, os filhos de Clélia faziam projetos para o futuro. Clélia escutava a prosa, tomava parte nas discussões e ria quando eles riam. Leonardo, o mais sabido, pegava do lápis e fazia contas, cálculos. Clélia reparava nas mãos do filho, grossas e calejadas, nos cabelos alourados, mas sem trato. Como eram diferentes dos moços que vira em São Paulo; rapazes de pulso fino, unhas brilhantes, cabelos cheirando a óleo caro. No entanto, seus filhos eram felizes, amavam a terra, o trabalho. Somente Mônica tirara “sangue azul” dos parentes de sua mãe.

Clélia escrevera à filha manifestando desejo de assistir ao casamento e pedira que a avisasse com tempo. Co-

municara também que Amarilis havia afinal passado para sua casa, pois se achava bem doente. Mas, assim mesmo, ela iria ao casamento. Aproveitava o portador, o compadre Joca, para lhe remeter o broche de brilhantes.

Mônica ficara contrariada com a notícia da vinda da mãe. Não queria que o noivo conhecesse a família dela. Mentira tanto sobre seus, tanta mentira, que era preciso que eles não viessem. Mas como impedir a vinda de sua mãe? De seus irmãos? Que roceiros, falando alto, sem terminar as palavras! Que diriam suas amigas? Seu noivo? Muitos dias depois respondeu à carta de Clélia, mas não precisou a data do casamento, dizendo mais que sabia das dificuldades que traria a viagem. Não era preciso fazer esse sacrifício. Ela, após o matrimônio, iria passar uma semana com os seus.

Para Clélia foi um verdadeiro susto a promessa da viagem de Mônica. Hospedar o genro, um engenheiro importante, acostumado ao luxo, às coisas caras! Mentalmente examinava sua casa, paredes encardidas, mobília tosca, já quase sem verniz. Perdeu o sono essa noite, ora ia a São Paulo, ora recebia o genro em casa. Acordou aborrecida. Iria a São Paulo. E falou nisso aos filhos.

— Pra que, mãe? Mônica nunca se importou conosco.

— É... mas é filha, fica ruim não ir.

Remexeu o baú das roupas de pouco uso, retirou o vestido de seda preta. Achou-o feio.

— Qual! Não vou.

Mas, ao se lembrar da vinda da filha e do genro, resolveu ir de qualquer jeito.

Clélia acordara com um gemido abafado vindo do quarto de Amarilis.

– Que é mãe?

Não obtendo resposta, levantou-se rápida e dirigiu-se ao quarto, onde encontrou Amarilis sentada na cama, muito pálida, com as mãos espalmadas sobre o peito. Não podia falar, somente com gestos indicava dor no peito. Estava muito velha, o rosto enrugado, a cabeça alva. Clélia chamou os filhos e, enquanto preparavam chás e remédios caseiros, Rafael selou o Bainho e partiu à procura do médico. Ainda estava escuro. Amarilis aos poucos foi deixando de gemer. Clélia percebeu que ela entrava em agonia. Quando chegou Rafael acompanhado do médico, Amarilis, porém, já havia falecido.

No dia seguinte, Clélia mandou Rafael à estação telegrafar à Mônica. Por certo o casamento seria adiado, pensou. Pôs assim fim à indecisão que a atormentava nos últimos dias.

Mônica, ao receber o telegrama, assustou-se. Supôs que fosse aviso da chegada de Clélia. Suspirou aliviada quando leu.

– Ah! Que susto! Agora a mãe não virá.

Ítala propôs à Mônica que, estando tudo já preparado para o casamento, seria preferível esconderem o telegrama e, logo após a festa, dariam notícia do fato. Mônica aprovou a ideia e não se falou mais na avó.

Na manhã do casamento, Mônica lembrou-se ligeiramente de Amarilis e ficou um tanto tristonha enquanto prendia o broche de brilhantes no rico vestido de noiva. Fora sua avó quem lhe despertara o gosto artístico, quem lhe ensinara música, enfim quem a afastara daquele ambiente da roça. Devia pois a avó seu êxito na vida. Sentiu que Amarilis, tão bem educada, tão fina, viesse finar no sertão depois de uma vida de

revoltas e desajustamentos. Logo, porém, com a chegada do noivo e dos convidados, Mônica não mais se lembrou da avó.

O doutor Soares era gaúcho. No mesmo dia das bodas, embarcaram para o sul. A viagem por mar foi muito apreciada por Mônica. No navio ela chamava a atenção de todos pela sua beleza original. Clara, olhos verdes e cabelos negros. O marido, enciumado, não consentiu que ela conversasse com ninguém. Por fim, a viagem se tornou monótona.

Chegando a Porto Alegre, foram para o palacete do doutor Soares. Mônica, encantada, sentia-se feliz. Era dona daquele sobrado, e mais ainda, pois o marido possuía terras e uma estância com criação de cavalos.

Doutor Soares escolheu um belo alazão para Mônica montar nos seus passeios matutinos pelos arredores da cidade.

Já estava casada há dois meses quando Mônica escreveu à mãe contando do casamento, a viagem, a riqueza da casa que possuía. Clélia ficara desapontada. Nem a mais leve referência à avó e a não ida dela para assistir ao casamento. Qual. A vida já as separara definitivamente. E, quando Clélia pensava em Mônica, fazia esforços para se lembrar dela quando criança, antes de seguir para São Paulo; porque a outra, a “moça da cidade”, não era sua filha.

Nos primeiros tempos de casados, Mônica e o marido viveram em harmonia. O doutor Soares, muito impertinente e ciumento, escolhia as amizades para a mulher, que só saía com ele. No princípio, Mônica tolerava tudo, depois foi se entediando. Já não tocava mais violino. Quando lhe nasceu a primeira filha, uma menina feia e fraca, Mônica deixou de frequentar a sociedade, para só cuidar da filha, sob a orientação do marido, que possuía uma biblioteca sobre higiene e pueri-

cultura. Logo de manhãzinha, o doutor Soares dirigia-se ao pomar onde fazia ginástica. Depois levava a filha para o banho de sol. Na hora marcada, Mônica chegava com a refeição, preparada por ela mesma. “Nada de empregadas. São veículos de micróbios. Somente a mãe tem o dom da paciência para zelar pelo filho”, repetia doutrinário o doutor Soares.

– E eu não estou zelando, não? perguntava Mônica enraivecida.

Decorridos alguns anos, Clélia recebera uma carta da filha comunicando-lhe que esperava o quarto filho. Pela primeira vez falou da saudade que sentia da mãe e dos irmãos. Contou sua vida: só pajear os filhos, que eram muito fracos, diferentes dela e dos irmãos, criados sem ginástica, higiene, horário rígido e sempre tão sadios.

Na casa do doutor Soares o horário era rigorosamente matemático. Mal saía o sol, ele, acompanhado dos três filhos mais velhos, ia para o pomar, onde balanços pendiam das árvores frondosas. As crianças brincavam e tomavam banho de sol, tendo antes feito vários movimentos de ginástica para fortalecer os músculos. Depois tinham de correr, todos de calção, perninhas finas em arco para trás. Corriam uma corrida frouxa, peito arfando.

Um dia Mônica comentou com uma empregada antiga, que fora da mãe do doutor Soares:

– Esses meninos catam doenças no ar. Nunca vi coisa igual. Lá em casa fomos criados quase sem remédios, sem esse trato e éramos todos fortes.

– Ah! Sá dona é pru mode de sê fio de véio. É ansim mêmo. Num vali cumida boa, nem sóli, nem nada. As-

sunta os fio da Ursa. É cada tôco de minino, mas o Tomé é caboclo sarado.

Mônica fechou o rosto e, sem dizer palavra, levou as crianças para dentro. Estava na hora das refeições. Mas tarde chegou o marido a cavalo. Mônica, da janela, avistou-o, achou-o envelhecido, curvado. Como não se apercebera disto senão agora depois que a criada lhe falara em filhos de velho?

O doutor Soares periodicamente ia a São Paulo. De uma dessas viagens voltara muito nervoso e calado. Ali soubera que Mônica era filha de morfético. Mal chegara em casa, interpelou Mônica sobre o que lhe haviam contado e insistiu por saber qual a causa de haver ela ocultado dele semelhante fato. Como tivera coragem de se casar sabendo-se condenada?

– Você é uma leprosa moral. Uma insensível. É uma ambiciosa. Queria ser rica, mais nada. Que horror! Nem posso tolerar a ideia de que meus filhos foram gerados por uma mulher descendente de morfético. Que horror! Amanhã mesmo vamos ao médico.

Mônica ouviu calada para depois retrucar com altivez e assim bateram boca por muito tempo.

Logo no dia seguinte, sem esperar o resultado dos exames médicos, o doutor Soares contratou alguns pedreiros e fez levantar paredes internas, isolando os quartos de Mônica do resto da casa. Por fora o palacete era o mesmo, mas dentro havia duas residências; na primeira, Mônica só com uma empregada velha, na outra, o doutor Soares com os filhos e uma irmã, a quem ele pedira viesse morar em sua casa para zelar dos meninos. Somente o pátio permanecera comum, mas as crian-

ças foram proibidas de se aproximarem da mãe, apenas poderiam lhe falar de certa distância. Mônica, desesperada, indagou do marido o resultado dos exames. Negativos, respondeu-lhe, porém, não mais poderei ter confiança em você depois de ter me causado tal decepção.

Nos primeiros dias, ao avistar os filhos, Mônica, chorando, chamava-os, mas a cunhada logo se opunha e os mandava para dentro.

– Se você quiser ver seus filhos, têm de se contentar em ficar de longe.

Uma manhã, o menor escapou das mãos da tia e correu para Mônica, que soluçando o abraçou. As duas mulheres lutaram pela posse do menino, que gritava. Os outros vendo a cena também choravam e gritavam. Logo apareceu o doutor Soares, que, percebendo a situação, retirou com força o filho das mãos de Mônica. Esta gritou ainda mais, acompanhada pelos filhos. Os criados correram para ver o que havia. O doutor Soares, muito contrariado com a irmã, que se desculpava, recriminou-a:

– Era preciso guardar as conveniências. Era preciso que o pessoal da vizinhança nada desconfiasse. Se você, Ester, não puder olhar as crianças, que seja franca.

Ester, que era viúva pobre e vivia às expensas do irmão, prometeu ser mais cuidadosa.

Mônica levou dias sem sair no pátio. Depois de muito chorar resolvera escrever à mãe dizendo que iria para a fazenda. Mandou a velha empregada entregar a carta ao marido. Logo depois surgiu o doutor Soares. Estava magro, de olheiras e mais velho.

– Que novo escândalo quer você fazer? Ir para casa de sua mãe? Aqui você tem seus filhos debaixo dos olhos,

só não os poderá abraçar. Que quer mais? Olhe o destino de sua carta. E rasgou-a em pedacinhos atirando-os sobre um canteiro de flocos vermelhos. Mônica ficou olhando aqueles pedacinhos de papel, cada um procurando seu destino. Assim é a vida, cada um toma um rumo e não mais volta ao que fora.

Após muitos dias de chuva, naquela manhã coberta de nuvens, aparecera um sol desbotado. Emília atravessou o pátio e, sentando-se debaixo de uma pereira, abriu um livro. Emília, já bem crescida, continuava feia e desengonçada. Vivia lendo e não ajudava a tia Ester nos serviços da casa. Só queria ler romances. O pai reclamava e ela, fingindo obedecer, ocultava o livro, mas era só o pai se afastar ela mergulhava outra vez na leitura.

Mônica, do seu quarto, avistando-a, chamou-a. Emília não ouviu. Mônica chamou novamente e então Emília, levantando os olhos, fez sinal com a mão que não poderia ir até lá. Saindo no pátio, Mônica falou:

– Olhe, Emília, este broche é seu. Vou entregá-lo à Ester para que o guarde. Você sabe sua história, que vem de longe. Da mãe passa para a primeira filha. Não pode ser vendido.

Ester, ouvindo a conversa de Mônica, saiu apresada para o pátio, carregando o caçula.

– Querido, olha a mamãe! Mas ele está magrinho! Está doente?

O menino amarelo, sorrindo para a mãe, estendeu-lhe os bracinhos. Mônica caminhou para ele, mas Ester recuou.

– Olhe, Ester, quero entregar-lhe este estojo que é de Emília. Veja o broche como é lindo.

– Outra hora eu o recebo.

E Ester, chamando Emília, se encaminhou para a casa.

Mônica, que tirava o broche do estojo para mostrar à Ester, ante aquela fria recusa, apertou-o com raiva. Percebeu, então, que havia comprimido a molinha detrás do broche, abrindo-o. Virou-o e divisou a placa lisa, arranhada. Tentou fechá-lo quando viu a placa deslizar rapidamente, aparecendo ante seus olhos atônitos, como um relâmpago: “Je suis la mort”. Horrorizada soltou um grito e, instintivamente, atirou longe o broche.

Ester e Emília, ao ouvirem o grito de terror de Mônica, retornaram apressadas.

– Que houve, mãe?

– Li uma coisa horrível, ali, no broche. Não o toque, Emília. Ele é a morte. A morte.

– Bobagem, mãe. Ele é lindo e acima de tudo é meu.

E Emília ergueu o broche, cujos brilhantes chispavam diabolicamente.

– É ma-ra-vi-lho-so.

Ester, a resmungar, afastou-se, e Emília a acompanhou.

– Dona Mônica está custando a levantar, comentou a velha Iria para Ester.

– Vá lá e bata na porta, de certo custou a pegar no sono.

A velha, em frente ao quarto, chamou a princípio baixo, depois alto: “Dona Mônica, dona Mônica”. Nada. Silêncio absoluto. Iria, já meio aflita, continuou a chamar. Como não obtivesse resposta, voltou a falar com Ester.

Esta atravessou ligeiro o pátio e se dirigiu ao quarto da cunhada, rufando a mão com força na porta. Dentro, silêncio completo. Espiou pela fechadura, o quarto em ordem e a janela que dava para o jardim meio aberta. Nisto chegou o doutor Soares, que, sabendo do ocorrido, também chamou a mulher. Nada. Com o susto estampado nos rostos, saíram para o pátio e contornaram a casa. No jardim foram direto à janela. Doutor Soares empurrou-a com força. Não pôde deixar de dar um grito. Avistou Mônica deitada na cama com o braço estendido para fora e o pulso cortado. No chão, o sangue coalhara formando uma poça. O engenheiro saltou dentro do quarto, e, sem conseguir afastar os olhos daquele quadro doloroso, abriu a porta que os filhos do lado de fora esmurravam freneticamente. Entraram e correram para a mãe. Todos gritavam. Junto de Mônica, uma carta dirigida a Clélia, despedindo-se e pedindo-lhe que acabasse de criar seus filhos menores.

O doutor Soares começou a sentir remorsos depois da morte da mulher.

– Por que fizera aquilo com ela? Por que a separara dos filhos? repetia sempre.

– Você não tem culpa, não... ela era muito geniosa.

– Ah! Mas a afastei dos filhos, que ela tanto queria. Vivia só para eles. Deve ter sofrido muito. Sou um infeliz.

O ambiente da casa tornou-se insuportável. Os rapazinhos não atendiam às ordens da tia. Emília vivia pelos cantos a ler, o pai, tristonho, a se lamentar. Não tinham amigos. Viviam isolados.

Nas horas das refeições a conversa caía sempre sobre Mônica, ora recordavam uma frase dela, ora um carinho. O doutor Soares sentia um nó na garganta ao ouvir a conversa dos filhos, que cada dia mais se afastavam dele.

– Mas ela não teve culpa de ser filha de pessoa doente, teve? perguntou atrevidamente um dos filhos.

– Fez mal foi não ter avisado seu pai, respondeu Ester.

– E na família dela há outros casos semelhantes?

– Eu... gaguejou o velho. Eu não conheço o pessoal dela. Casamos em São Paulo e viemos para cá. Nunca fomos à fazenda de sua gente.

– Coitada! exclamou Emília. Será que ela não tinha vontade de rever a mãe?

– Penso que não, pois foi criada por uma parenta em São Paulo. Saíra da fazenda ainda menina. Como é o nome da fazenda, Ester?

– Breves, fazenda antiga, que foi do bisavô dela.

Depois destas conversas, sempre pairava uma onda de mal-estar. Às vezes, Emília se debruçava na mesa e soluçava alto. E, assim, viveram alguns anos.

– Vamos sair a cavalo, Emília? convidou o pai.

– Qual! Não gosto de sair à rua.

– Você quer é ficar pelos cantos a ler romances.

Chega disso.

– Chega nada. O que eu quero é viver fora da vida.

O doutor Soares saía sozinho. Montado num cavalo castanho, ele percorria os mesmos lugares em que, logo após o casamento, costumava passear com Mônica. E se recordava dela alegre, risonha. Tão bonita! Mas como fora infeliz! Seus olhos enchiam de lágrimas. Não se habituara à ideia do fim trágico da mulher. Nunca esperara por aquilo.

Naquela tarde de agosto em que seus pensamentos eram tão tristes, uma menina de bicicleta passou muito perto do cavalo, que se assustou e saiu em disparada. Apanhado de surpresa, o doutor Soares não teve a necessária calma para domar o animal. Mais adiante foi lançado ao solo.

Transportado para casa, vieram os médicos, que resmungaram um diagnóstico qualquer. Espichado na cama, com meio tijolo dependurado no pé, o engenheiro gemia e se lamentava. Os filhos fugiam de atender aos seus chamados, pois era só para xingar e exigir que o virassem, que afastassem o lençol da cama, que afugentassem as moscas.

Os dias foram passando. Ester também não o suportava mais:

– Velho descadeirado custa mesmo a sarar. Ninguém tem culpa. Precisa ter paciência.

O doutor Soares respondia-lhe e batiam boca como duas crianças.

Estava perto de um ano que o engenheiro se achava preso na cama. muito emagrecido e tristonho, já não reclamava tanto. Conformara-se com o sofrimento. Naquele inverno um nevoeiro cerrado envolvera a cidade. As janelas foram fechadas cuidadosamente apesar das recriminações do doutor Soares. “Ele está muito fraco e se apanhar qualquer doença pulmonar estará perdido. Toda cautela é pouco”, recomendou o médico.

Alguns dias depois apareceu-lhe uma febre forte com dores no peito. Era pneumonia, não havia dúvida.

Nem uma semana mais e o doutor Soares falecia. Ainda em presença do cadáver foi aberto o testamento. Os filhos

ficaram com a estância, os animais, o gado, e Emília, com o palacete, mobília, louças, prataria e algum dinheiro nos bancos.

Ester, após a leitura do testamento, aproximou-se de Emília e entregou-lhe o estojo do broche.

– Este broche é seu. É jóia de família, muito antiga.

Como já é de seu conhecimento, sua mãe deixou para você.

Abrindo o estojo, mostrou a todos o broche de brilhantes.

– Que lindo! Não sabia da existência dele, comentou um dos irmãos de Emília. Que é que Emília vai fazer com este broche?

– Não sei, mas é dela. Tome.

Emília, calada, recebeu o estojo roxo.

Emília ficou morando no velho sobrado com Carolina, uma negra idosa mas ainda forte. Os irmãos tomaram rumo. Um foi para a estância e raramente aparecia na cidade. Outro seguiu para Breves e de lá escreveu avisando que não mais voltaria ao Sul e mandou vender seu gado e a parte que tinha em imóveis. Na cidade ficou apenas o Francisco, que tinha muitos filhos e vivia constantemente doente.

Emília, muito alta, desengonçada, feia, de uma feiúra sem concerto, muito tímida, ainda mais se embiocava em meio de pessoas estranhas. Um exagerado acanhamento a tolhia e muitos julgavam-na meio tola, quando era viva e mordaz. Por mais que os irmãos a convidassem para ir morar em casa deles, ela não o quis.

– Qual, o melhor é assim! Cada um em sua casa. Só assim viveremos com amizade até o fim da vida. Olhe o que sucedeu aos Maias. Era a irmandade mais unida. Causava até inveja. Contava-se que eles eram assim unidos

porque a mãe havia enterrado os umbigos deles todos juntos. Só sei que viveram bem até aparecer a cunhada. Aí foi aquele tempo quente. A cunhada foi mais forte que a “simpatia” dos oito umbigos enterrados juntos. Não é à toa que cunhada começa com “cunha”. Cunha separa até aroeira. O melhor é como estamos vivendo.

Emília, muito retraída, quase não tinha amizades. Era de pouca fala com pessoas de fora, mas em casa conversava muito, ora recordando o passado, ora se queixando dos sobrinhos. Gostava muito de gatos. Criava uma ternada deles. Uns graúdos e brigões. Emília ficava horas ralhando com estes e acocorando os menores. Quem chegasse de repente e escutasse suporia haver muita gente em prosa.

A velha Carolina sacudia a cabeça:

– Moça qui num casa fica fraca da bola.

Às vezes, apareciam os sobrinhos e varavam a casa toda. Na sala de jantar muito grande, havia um relógio antigo do formato de armário, meio desmantelado. Era aí que os sobrinhos gostavam de brincar, abrindo a portinha, mexiam com pesos, movimentavam o pêndulo. Emília os acompanhava pela casa toda numa manifestação visível de contrariedade.

Eles não davam atenção às tímidas reclamações da tia e somente quando se enfastiavam é que saíam da casa e se dirigiam ao quintal, onde no telheiro havia um banguê velho que fora da mãe do doutor Soares. Entravam no banguê, escorraçando as pombas que aí se aninhavam.

Um desses sobrinhos, o Sotero, era afilhado de Emília. Fora o único afilhado que tivera. Para Emília, porém, Sotero era o pior deles, sem educação, atrevido e interesseiro.

Um dia em que Emília arrumava uma de suas canastras, os sobrinhos chegaram de surpresa. Ela nem tivera

tempo de fechar a canastra. O bando achou um prazer novo em remexer naquelas coisas que a tia guardava tão ciumentamente.

– Quem é esse moço de bigodes retorcidos? perguntou uma menina retirando um retrato de um envelope.

– É de um parente. Deixa guardar.

Mas a menina achou graça no retrato:

– Que gozado, gente... espia... que bigodes! Era seu namorado, tia?

Já outro sobrinho abriu o estojo roxo do broche de brilhantes.

– Que beleza, tia. Por que a senhora não usa?

– Porque isso só fica bem em gente bonita.

– Então vende, madrinha, retrucou o afilhado, já rapazinho.

– Não posso nem devo. É jóia de família.

– Bobagem, madrinha. Isto é ser antiga. Para quem vai ficar? insistiu Sotero.

Emília, com dificuldade, retomou o estojo e o embrulhou no papel desbotado ficando com ele na mão. Os sobrinhos, depois de remexerem bastante nos objetos da canastra, saíram em bando para o pátio a escaureir os gatos.

Decorridos muitos anos, Emília achava-se adoentada. Alta e magra, começava a se curvar. A preta Carolina andava com dificuldades em consequência de um reumatismo danado.

– Carú?

– Que é, Iaiá.

– Você já ouviu falar que há objeto que traz consigo um azar, uma espécie de maldição?

— Já, muito, isso é despacho bem feito. É coisa da pajelança.

— Mas você acredita que esse broche que foi da tal avó Blandina possa ter azar?

— Ora se acredito! Quantas dona já pissuiram esse broche e muitas foi caipora. Minha defunta avó, a véia Gene-rosa, qui veio da fazenda Breves, é qui sabia da história.

— Então é preciso dar um jeito nele para que não haja outras pessoas infelizes na família. Basta!

— Sá avó dona Clélia foi filiz.

— Foi um tanto porque era mulher de espírito forte, mas a tal doença de meu avô estragou nossa vida.

— E vancê tombém é ditosa.

— Eu?! Só o fato de ter esta cara desenxabida, este corpo, esta altura, é azar no duro. Qual! Feiura também tem limite. Só para mim é que não teve. Jamais achei um namorado, um rapaz que gostasse de mim. Vivi sempre só com as minhas ideias. Já era maldição do broche que me esperava.

— Ora, num tê casado inté foi bom, home é bicho à toa, só serve pra amolá.

— É... mas você, quando podia, bem que arranjou seus homens, agora, depois de velha é que vem com essa conversa “de que homem é bicho à toa”, e Emília riu, um risinho fino.

Carolina calou-se e continuou a grosar palhas que Emília ia recortando e colocando numa caixa para mais tarde fazer cigarros. Vendia cigarros que eram afamados como bem feitos.

Emília sentiu uma zonzeira logo depois do jantar. Falou com Carolina e foi se deitar. Mais tarde gritou pela ne-

gra. Esta acudiu ao chamado da patroa e a encontrou falando arrastado com a boca torta.

– Curuis, Iaiá. Isto é mal de istupô. Vô ali na botica e volto já. E correu em casa de Francisco, lá estava Clemente chegando da estância. Vieram os dois irmãos acompanhados dos sobrinhos. A casa ficou cheia. Sotero, muito solícito, permaneceu com a madrinha depois que todos se retiraram. No outro dia bem cedo chegou todo amável:

– A madrinha está melhorzinha? Estive pensando naquele broche. A senhora poderia me vender. Ficaria assim na família e eu lhe pagaria o que quisesse.

Emília, com a língua arrastada, falou:

– Olha, Sotero, você é o único afilhado que tenho. Poderia deixar o broche para você, como falei uma vez. Mas pensando bem, não deixo, ele tem maldição. Não quero que você sofra com a posse dele, ele tem azar e muito.

– Ora, tia, isto é tolice em que a senhora não pode acreditar.

– Mas acredito. E não lhe deixo o broche. Não.

Emília ficara agitada com a conversa. Carolina, chegando, notou e ríspida recriminou:

– Ih! Qui tanto cunversa cum ela. Num vê qui tá doente? Condi tava boa passava um lote de dia sem tê cum quem cunversá... cunversava cuns gato. Agora vem cum esta cunversa fiada.

Dias depois Sotero voltou ao assunto:

– A tia está melhorzinha, não é? Olha, madrinha, eu estive pensando sobre o broche. É justo que não fique para mim... a senhora tem tantos irmãos. Mas eles estão bem de fortuna e a tia já está passando alguma precisão. Eu compro o broche. É só a senhora assinar este papel para que não duvidem de mim.

– Não, Sotero, não.

Sotero insistia maneiroso e, quando Carolina retirou-se, indo à cozinha buscar um mingau, Sotero aproveitou a oportunidade e, segurando a mão magra e ossuda da tia, fez com que ela assinasse o nome e a data. Ouvindo os passos arrastados da Carolina, Sotero guardou o papel no bolso.

– Não, não, ainda resmungava a velha, a boca torta, as feições alteradas. Carolina entrou no quarto trazendo um pires de mingau de maisena coberto de canela.

– Que cheiroso está este quitute! e, tomando o pires da mão de Carolina, Sotero tirou uma colherada e a levou à boca da tia, que fechou os lábios numa repulsa visível.

– Deixa, minino, eu dô prela, eu entendo ela.

Dias depois, Emília piorou. Vieram novamente os irmãos, cunhadas e sobrinhos, porém ela permaneceu na mesma por muitas horas.

– Será que desta vez vai mesmo?

– É velha, mas é dura.

– Sei que esta história de chamar a gente todo dia é só para atrapalhar. Tenho tanto que fazer!

– Ela não está tão ruim assim. Nada, mais é alar-me da preta.

– Carolina tem é medo.

– Qual! É porque falaram para ela chamar os parentes quando a tia piorasse e ela obedeceu.

– Sabe? Tem muita gente aqui, eu vou em casa um pouco, depois volto.

E assim, de um a um, foram saindo todos os parentes. Na cama, a Emília, de boca aberta, respirava com dificuldade.

No dia seguinte a velha Carolina mandou avisar “que a dona Emília tinha descansado” antes do sol sair. A casa encheu-se de parentes e curiosos. Emília já estava espichada no sofá de palhinhas. Vieram os comentários:

- Coitada da tia Emília... tão boa!
- Descansou. Deixou de sofrer.
- Inofensiva. Que vida triste teve. Só sofrimentos.
- Coitada!

– Mas nunca lhe faltou nada, disse um dos irmãos querendo, com esta frase, atenuar o remorso que começava a sentir.

– Pois eu acho que para ela faltou tudo. Só não ter sido amada... retrucou uma sobrinha, moça moderna, de ideias adiantadas.

- Era destino dela, resmungou uma parenta velha.

Daí a pouco o Sotero, alegando que havia socorrido a tia, para que ela não passasse privações nos últimos dias, exibiu o recibo da compra do broche, acrescentando que o adquirira há tempos. E, como prova, chamou a atenção de todos para a assinatura da velha e a data. Os irmãos, olhando a letra trêmula de Emília, trocaram olhares desconfiados. Houve um descontentamento geral.

- Como fez você a compra sem testemunhas?
- Ora, ela era capaz. Sabia o que estava fazendo.
- Mas esse broche não pode ser vendido.
- É mesmo, era para passar de uma geração para outra, sempre pelo ramo feminino.

- Ou ser doado publicamente e conscientemente.

Não negócio entre duas pessoas.

– Nós, os irmãos, poderemos reclamar, temos direito de reclamar, de protestar.

Formaram grupos discutindo a venda do broche, completamente esquecidos da defunta. Apenas a velha Caroli-

na chorava e não saía de perto do cadáver.

– Óia, gente, eu vieti ela cum esse vistido preto pruruê ela pidiu... ela era moça... divia i vistida de virge, mas num quis. Tombém me pidiu qui amarrasse esse lenço na cara dela, pois num quiria qui ninguém ficasse oiando a cara dela dispois de morta, e limpava os olhos fungando.

– Foi bom, Carolina. Foi bom fazer a vontade dela.

Enquanto isso, o afilhado remexia a canastra. Remexeu tudo e não encontrou o broche.

– Esquisito! Ele estava aqui no baú há poucos dias... Carolina, você não viu o broche? Você não viu onde ficou o broche?

O enterro de Emília foi bem concorrido. Ironia da sorte. Ela, que passara a vida isolada, sem amizades, na hora de entrar para a sepultura, teve muita gente em seu derredor.

Na velha casa ficara somente Carolina chorando. Sotero acompanhou o féretro até a primeira esquina e depois retornou.

– Olha, Carú, você não sabe onde a madrinha guardou o broche? E, contrariado com a negativa de Carolina, remexeu a canastra diversas vezes, xingando baixinho. Atirou pelo assoalho cartas antigas, retratos, amostras de crochê. Onde aquela diaba meteu o broche! Foi até a cama, revirou o colchão velho e esburacado. Meteu a mão nos rasgados e retirou capim, esfarelando-o por todo quarto.

– Ispia, minino, onde vancê tá pisando! Se Iaiá Emília visse isso...

Sotero percebeu que estava pisando o retrato do moço de bigodes retorcidos e esfregou, com raiva, o pé.

– Ela não falou no broche para você, Carú?
– Óia, minino, pode deixá. Se ele tivé aqui na casa, eu incontro ele.

Os sobrinhos de Emília brigaram entre si, mas foram os irmãos dela que herdaram o velho palacete. Francisco, o mais fraco dos filhos de Mônica, foi o que mais viveu. E viveu muito. Todos seus irmãos já haviam desaparecido quando Francisco veio a falecer. Seus filhos resolveram enterrá-lo na mesma sepultura de Emília. Quantos anos havia que ela morrera?! Já nem sabiam a conta. Tiveram dificuldades em localizar a sepultura. A cruz que fora colocada ali não tinha mais os braços. A tabuleta com o nome, torta e dependurada, nela mal apareciam algumas letras. O ajudante do coveiro arrancou o resto da cruz e o atirou sobre o túmulo vizinho. A tabuleta caiu em pé.

– Que nome gozado! Ília Soar... comentou, rindo, o rapazola.

O coveiro metia a enxada na terra fofa e vermelha. Os sobrinhos de Emília assistiram à abertura da cova. Era setembro, as cigarras cantavam no coqueiros que formavam alas até a capela do cemitério. Sol escaldante, céu limpo e azul. Aparecendo o carneiro, o coveiro parou um pouco, limpando com a costa da mão a testa suarenta. Raspou a terra que havia sobre a laje. O atrito da enxada na pedra dava arrepios. Depois atirou a enxada longe e pegou da alavanca.

Meteu-a entre duas lajes e as levantou ao mesmo tempo. O ajudante segurou uma e o coveiro puxou a outra, ficando descoberta a metade da sepultura. Apareceram lá no fundo pedaços de ossos, as tibias finas e as solas dos sapatos retorcidos.

– Agora é o final, explicou o coveiro.

Com a alavanca afastou as lajes restantes que ao serem erguidas descobriram toda a sepultura. O coveiro endireitou o corpo e, de olhos fixos no fundo da cova, exclamou assustado:

– Cruzes, que é isso?

O ajudante, perturbado, deu um passo para trás derrubando um monte de terra vermelha e fofa dentro da cova. Os sobrinhos de Emília debruçaram-se curiosos.

Na caveira, através das falhas de dente, aparecia brilhando, luzindo sinistramente, o broche de brilhantes da mulher do doutor Cunha.

—o o—
o

VIDA

I

Nita Fleury Curado

Fôra uma praça terrível que surgira, sem que ninguém soubesse de onde e como — aranhas grandes, peludas, cõr de barro.

Apareciam sempre às caladas da noite e, misteriosas, sorradeiras, penetravam nos ranchos alinhados e a frente à mata.

Nesses ranchos moravam operários que trabalhavam no leito da estrada de ferro. Homens rústicos e por isto mesmo bastante explorados, que mal falavam o português, com exceção dos xingatórios.

— : o : —

A aranha peluda, cautelosamente, aproximava-se do jirau, onde dormia o operário um sono pesado e abrutalhado de gente que lida com a terra.

Deslizando sôbre o jirau, a aranha procurava alcançar o rosto do paciente e aí se aninhava num olho, de preferencia o esquerdo, e à medida que deixava um liquido anestesiante, ia dilatando as queliceras até conseguir envolver o globo ocular e lentamente extraí-lo. Após alguns minutos a vítima sentia dôr e despertava assustada, levando rapidamente a mão à órbita vazia e ensanguentada. Aproveitando o pânico, a confusão dos primeiros instantes, a aranha, aos saltos, fugia.

Raras vezes foram vistas. Grandes, peludas, cõr de barro.

Seria a floresta próxima o seu "habitat"?

— : o : —

O caboco Josino gostava, depois do trabalho extenuante do dia, de ficar sentado embaixo da frondosa mangueira, em frente ao rancho.

Sentava-se com a filha no colo. Aí permanecia o caboco até aparecerem as primeiras estrélas no céu arqueado e longínquo. Ficava brincando com a menina, que já falava. Era bonita a filha do Josino. Clara, olhos ora azuis, ora verdes, mistura do céu e da mata.

Passavam conhecidos e sempre a mesma conversa:

— Engraçado, a menina tem olho azul que nem conta...

— E'... — respondia com voz arrastada o Jo-

(conclui na 10.ª página)

VIDA

(Conclusão)

sino, mostrando os dentes alvos, pontiagudos. —
Fuzo gente da Rosinha.

Certa noite a menina choraminga. Josino balançou o jacá, que servia de berço. Passados instantes, vibra no rancho pobre, um grito aflitivo. Assustado, põe-se de pé o caboclo e, debruçando-se sobre o leito da filha, vê, horrorizado, na meia-obscuridade, a sombra no rostinho claro. A aranha! De um repeião pega e grita à mulher para trazer a candeia. Numa contração nervosa, vai esmagando a aranha na mão.

A luz fraca e vacilante da candeia de azeite, vê, com pavor, o rostinho ensanguentado, cuja órbita vazia dá-lhe arrepto.

Aproxima-se da Rosinha que, trêmula, segura a candeia. Josino abre a mão calosa, onde entre pernas peludas e sangue, está o olho azul da filha.

Mãe, como mudara a expressão do olho! e como nunca se apercebera da presença!

Um clarão ilumina por dentro o Josino. Um clarão, depois um desmoronamento. E, atirando no rosto pasmado da Rosinha o olho azul, de envolta com sangue e cerdas:

— Fica, também, cachorra, com o olho do seu Aluízio.

Abrindo a porta do rancho Josino desaparece na noite.

Crônica "Vida", de Nita Fleury Curado, publicada no jornal O Popular de 31 de janeiro de 1965 e incluída como o texto de abertura da obra homônima da autora de 1969

POSFÁCIO
**VIDA: A LITERATURA DE
VILA BOA DE GOYAZ DE
NITA FLEURY CURADO**

Mariana Augusta Fleury Curado, conhecida no meio literário como Nita, nasceu em 1897, vindo a falecer em Goiânia, em 1986, aos 89 anos. Viveu parte de sua vida na linda chácara Baumann, no alto de um outeiro, onde se descortinavam os horizontes da velha cidade e a Serra Dourada era como uma sombra ao longe. Casou-se com um primo, conhecido farmacêutico, chamado Agnelo Arlington Fleury Curado. Sobre seus filhos, encontram-se notícias de Ewerton Fleury Curado e Sebastião Herculano Fleury Curado.

Começou sua produção literária ainda na Cidade de Goiás, na revista *Noel*, nos jornais vilaboenses, juntamente com sua irmã Maria Paula Fleury de Godoy, também escritora. Em 1938, mudou-se para Goiânia e atuou como colunista do jornal *O Popular* até 1952. Assinando com o pseudônimo de “Dorita”, sua coluna recebeu o nome de “Do meu cantinho”, espaço onde relatou a vida social da sociedade goiana, como os passeios possíveis na recente capital. “Dorita” valeu-se, é claro, de toda sensibilidade e inteligência para comentar e trazer para as mulheres de seu tempo assuntos muitas vezes controversos. Publicou, ainda, nos jornais *Cinco de março*, *O Social*, *Diário da Manhã* e *Quarto Poder*, além de biografias e do livro de crônicas intitulado *Rua do Carmo*.

Nita Fleury Curado teve marcante presença na vida literária goiana desde o princípio do século XX. Destacou-se pelo ecletismo de sua produção: contista, cronista, pesquisadora, genealogista, romancista, romancista, novelista, historiadora e biógrafa. Deixou um estilo marcado pela ideia de síntese narrativa e pelo tom trágico de muitas de suas obras, característica bem notória que se nota na composição de muitos de seus personagens. O conjunto de sua obra traduz a produção literária feminina nascida ainda na velha capital goiana e a tentativa da mulher de romper os preconceitos arcaicos.

A escritora foi membro fundador da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, onde ocupou a cadeira de n. 22, sendo hoje a sua patrona, vaga que foi ocupada pela pesquisadora Esther Barbosa Oriente, também falecida; foi membro da União Brasileira de Escritores, seção de Goiás; é patrona da cadeira n. 22, da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, que tem por titular o acadêmico e poeta Dr. Floriano Freitas Filho; é nome da sala de recepção da Casa Rosarita Fleury, em Goiânia; e tem uma placa, em sua homenagem, na Casa da Rua Joaquim Rodrigues, na Cidade de Goiás, onde ela residiu vários anos, depois de casada.

Vida, sua principal obra literária, foi publicada em 1969, quando a autora tinha 72 anos. Impressa nas oficinas gráficas da Escola Técnica Federal de Goiás, a capa de Rubens Fleury destaca, em azul e negro, o outeiro e o jatobazeiro da Chácara Baumann. A obra propicia a compreensão do espaço vilaboense e goiano no início do século XX, época de profundas modificações sociais, culturais, políticas e econômicas nos duros tempos do fim do regime dos coronéis. Pelo viés literário, será possível também constatar o quanto essas mudanças geraram conflitos de ordem espacial e estrutural dos territórios

goianos, numa época de perseguições políticas e duros regimes de convivência, inclusive familiar. O livro reúne 21 textos, caracterizados pela própria autora como contos, crônicas e novelas, divididos da seguinte forma:

- Contos: “Vida”, “Amor materno”, “Dita”, “Olho de defunto”, “O expedicionário que ficou em Pistoia”, “Noé”, “O último São João”, “Natal distante”, “Frustração”, “Justiça de Antanho”, “Libertação”, “Verde...tão verde”, “Cai-xão de São Vicente”, “Zé Claudino”, “Beira do rio Turvo”.

- Crônicas: “Chácara Baumann”, “Vaidade”, “Retorno do pracinha” e “Fonte da carioca”.

- Novelas: “Destino truncado” e “O broche de brilhantes da mulher do Dr. Cunha”.

Em seu livro, Nita faz com que seus leitores questionem o sentido da vida, o destino de cada um, os percalços vividos. Reflexão é a palavra exata. A vida não é um “mar de rosas”, como também não foi para a autora. Ao publicar seu primeiro livro literário, ela já tinha vivido uma “vida” e sabia com segurança e maturidade sobre cada um dos temas de suas histórias. Nita analisa a sociedade e a alma humana carregadas de recalques e de conflitos que normalmente geram a violência, o ódio, a desesperança e o ciúme doentio.

No conto sintético que oferece título à obra, a autora analisa o desequilíbrio emocional do rústico personagem Josino, adoecido de ciúmes de sua esposa Rosinha. A narrativa propicia um clímax inesperado, quando a aranha arranca os olhos azuis da filhinha do casal em um noite escura, e o protagonista tem a certeza, em sua mente, da provável traição da esposa com um suposto Aluísio. Deixando imagens nas entrelinhas, em um jogo elocucional misterioso, o narrador leva o leitor a supor um adultério ou, também, a confirmar

uma paranoia do esposo em relação ao comportamento da mulher. Em sua síntese, a contista opta por mostrar apenas algumas nuances de seus personagens, mantendo um clima de mistério, até mesmo na origem das temidas aranhas. O leitor mais atento percebe que o título do conto nos oferece uma síntese de que a “vida” é, deveras, repleta de múltiplas surpresas nem sempre agradáveis.

Em geral, ao pensarmos sobre a vida, automaticamente o lado positivo da existência emerge. No entanto, o livro de Nita, não sendo pessimista, está carregado de desgraças, frustrações, sonhos não realizados, mesmo aqueles mais simples, como o da personagem Martinha, de “Caixão de São Vicente”. Nessa narrativa, o único desejo da protagonista é não ser enterrada no caixão de São Vicente, que, segundo a história, é usado para velar pessoas pobres ou indigentes, cujos corpos são jogados na vala e o caixão reaproveitado para outros mortos. Martinha teve um destino trágico e foi enterrada da forma que não queria.

A vida e a morte estão entrelaçadas em *Vida*, muitas vezes podendo ser chamada de uma desdita vida, marcada pela miséria humana, pela loucura, pelo egoísmo, pelo aproveitamento de situações que beneficiam uns em detrimento de outros. A dor e o rancor parecem permear as histórias de Nita, uma senhora vivida que, rememorando o seu passado e as muitas situações de sua vida, vistos como inúmeras tragédias, tenta aprender a viver com a mágoa e as ausências.

Alguns fatos pessoais da vida de Nita são importantes para entender os contos do livro, um deles é a participação de seu filho Sebastião na guerra. O sentimento vivido pela autora e compartilhado por outras mães em uma época em que seus filhos queridos poderiam voltar ou não da disputa parece

estar expresso na crônica “Retorno do pracinha”, dedicada às pobres mães de expedicionários que voltaram.

A narrativa se passa no dia 18 de julho de 1945, e o narrador, de forma crítica, faz as seguintes perguntas: “Qual o apoio dado aos jovens que, interrompendo seus estudos, torcendo seus destinos, suas vidas, tudo deixaram ao toque de reunir?”, com as seguintes respostas: “O inúmero de desajustados, de suicidas, de doentes nos sanatórios” (CURADO, 1969, p. 82). O trabalho das mães com a chegada dos expedicionários é narrado com desespero:

Vosso coração, que parecia estalar de dor, nos tétricos dias de Monte Castelo e Montese, ainda terá de penas a muito presentindo o descontrole que se apoderou de vosso pracinha o qual sofre a maior decepção de sua juventude: a ingratidão da Pátria, representada por seus dirigentes. (CURADO, 1969, p. 82).

Nita também aborda o tema em “O expedicionário que ficou em Pistoia”, mostrando como a influência pode determinar a ida ou não de um jovem para a guerra. A autora provavelmente conheceu na época pessoas que utilizaram essas estratégias para que seus filhos não cumprissem o dever de lutar na guerra. Fica claro, nesse conto, o quanto a vida humana foi banalizada naquele triste período da história.

Alguns anos antes da publicação do livro, os falecimentos de Agnelo e de Ewerton abalam a vida da autora. Na dedicatória de *Vida* ao marido, Nita esclarece o que se passa em seu coração naquele momento e, com um belo arranjo, compara-o a uma nota musical, sendo o “mi” substituído pela “dor”. É a saudade dorida da mãe misturada à

revolta do crime que jamais esqueceu ao longo de sua vida, o que é compreensível.

Ewerton era delegado de polícia na cidade de Marília, interior do estado de São Paulo. Segundo o jornal *Correio da manhã*, foi assassinado em dezembro de 1964, por meliantes, comandados por um ladrão famoso na região (ASSASSINATO..., 1964). A quadrilha, além de balear o delegado, também atingiu um investigador e um soldado que o acompanhavam. Os fatos indicam que tudo foi planejado para matar os policiais. Provavelmente, a morte de Ewerton impacta diretamente a vida de Nita e a sua escrita, pois suas narrativas relatam, muitas vezes, crimes que não são punidos, armações e mortes planejadas por vingança e ódio.

Alguns contos são entremeados de violência, como “Dita”, personagem assassinada com um “punhal” no “coração leviano”. Ela era feliz e namoradeira, mas, um dia, um poeta foi capaz de acabar com os sonhos de uma das moças mais bonitas da cidade. Depois do ocorrido, os rapazes que disputavam o amor dela seguem suas vidas como se nada tivesse acontecido, não se lembrando mais da bela Dita.

A personagem Noé, do conto homônimo, vive uma sina, a primeira frase do conto já evidencia isso, “era um revoltado o Noé. Mas, quem nasce pobre e luta sem tréguas e sem melhorar de sorte, torna-se revoltado mesmo” (CURADO, 1969, p. 28). A autora conta a trágica trajetória da personagem: quando menino, Noé pensa “que roubar era feio, coisa de negro” (CURADO, 1969, p. 28), mas percebe que até os ricos roubam, não poupam ninguém.

Em “Amor materno”, a mãe que é rejeitada pela nora, sem atenção dos netos – que não seguem as tradições, como pedir a benção –, vive de lembranças e aprende a “amar

a saudade, viver só e feliz” (CURADO, 1969). Não é fácil para a personagem assumir essa postura em meio a uma família que construiu durante anos, mas, ante a ausência do esposo e a frieza dos seus parentes, a melhor opção foi a solidão.

Ainda sobre as relações familiares, é evidente nos textos como estas nem sempre são pacíficas. Em “Olho de defunto”, Osório não se conforma com o apelido dado por sua avó. Mesmo morando na casa dela e vivendo às custas da senhora, guarda um remorso e exige que todos o chamem pelo seu nome. Tudo em vão, pois fica conhecido pelo apelido. Somente no desfecho do conto, o leitor é surpreendido pela razão de a avó sempre o olhar de forma diferente da dedicada aos outros netos. A avó primava pela beleza física, e Osório era filho de um vizinho, “um velho feio, que usava óculos escuros para esconder os ‘olhos de lobisomem’”. Osório segue sua vida, levando consigo o “defeito” apontado pela matriarca, sempre escondendo os olhos.

A autora também rememora sua juventude, em uma das narrativas mais tocantes do livro, “A chácara Baumann”. A crônica não foi escrita exclusivamente para ser publicada em *Vida*, sendo possível supor que outros textos também já tivessem sido publicados. “Chácara Baumann” é citado no jornal *A Cidade de Goiás*, no dia 1º de novembro de 1959 – ou seja, dez anos antes da publicação em livro –, no texto escrito por Nair Perilo Richter, que, intitulado “Era uma vez um castelo...”, é livremente dedicado ao “culto espírito de Nita Fleury Curado”. Richter rememora a vida de Nita, destacando uma época quando as pessoas frequentavam a famosa chácara na cidade de Goiás. A crônica em *Vida* começa com a narradora se perguntando por que tinha ido no final da tarde visitar a sua antiga casa, comentário que é reiterado por Nair, que lera o texto:

foi mesmo a sua saudade, a sua infinita saudade a causa que levou você a rever a velha chácara da colina, precisamente na hora do crepúsculo, quando a maquilagem da terra se desmancha e as venezianas do céu se fecham com cortinas de sombras. (RICHTER, 1959).

Nair ainda mostra que a chácara é muito diferente daqueles tempos em que Nita viveu ali, afirmando poeticamente “tão diferente, porque o seu velho cenário tem a sombra e o silêncio de um jazigo que guarda os restos de todos os sonhos e de todas as ternuras que por ali passaram, ao compasso das horas felizes” (RICHTER, 1959).

Nita, ao escrever o texto, relembra de sua mocidade, revelando e apontando com nostalgia sua casa:

“A minha casa”. Por muito longe que a vida me leve, será sempre “a minha casa”, a chácara Baumann. Que importa a distância? Os melhores anos da mocidade, os sonhos de jovem, a amizade sem interesse, a união de seres ternamente amados, tudo isso eu vivi na “minha casa”, não conhecendo ainda a Dor nem a Saudade. (CURADO, 1969, p. 73-74).

Grafando as palavras dor e saudade com letra maiúscula, a escritora dá ênfase a esses sentimentos, que estão envoltos tanto em sua vida como no próprio livro *Vida*. Nesse processo, usa mais uma palavra, agora com todas as letras maiúsculas, ao rever em sua memória os irmãos “antes da VIDA nos absorver” (CURADO, 1969, p. 74). Nita destaca sua saudade, revelando que contemplar a chácara ao entardecer era o seu momento predileto, podendo ser relacionado como o momento de sua vida. Dessa forma, é possível olhar para a capa do

livro, feita por Rubens Fleury, deixando em negro, a sombra do jatobazeiro em cima da colina. A figura dessa árvore é importante, porque é através de sua imagem que Nita revela toda a essência de *Vida* e da vida: “Somente o jatobazeiro continuara o mesmo com seu porte altaneiro. Este não desertara, não fugira. Sentinela de Baumann, permanece ereto, imponente, guardando em suas frondes a história dos que aí viveram.” (CURADO, 1969, p. 74). Nita é como essa árvore que conta histórias, permanecendo firme. Histórias que podem ser lidas em qualquer época, porque seu tema principal é a vida. Esta que absorve a saudade, a dor, a ausência.

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME
FLEURY CURADO**

Professor titular do Instituto Aphoniano de Ensino Superior, efetivo da Prefeitura Municipal de Trindade, efetivo da Secretaria de Estado da Educação de Goiás e concursado da Prefeitura Municipal de Goiânia com atuação no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

MARCELA FERREIRA MATOS

Professora do Instituto Federal de Goiás / Câmpus Uruaçu.

REFERÊNCIAS

ASSASSINADO o delegado [...]. Correio da manhã, São Paulo, 10 dez. 1964.

BANDEIRA, BENTO. Fleurys e Curados. Agnelo Arlington Fleury Curado. 1956. A gazeta da farmácia, São Paulo, jan. 1963.

CONSELHO Federal de [...]. A Gazeta da Farmácia, São Paulo, fev. 1962.

CURADO, Nita Fleury. Vida: contos, crônicas e novelas. Goiânia: ETG, 1969.

FARMÁCIA de luto. A Gazeta da Farmácia, São Paulo, jun. 1966.

MAUSOLÉU. Diário da Noite, São Paulo, 23 abr. 1971.

O FARMACÊUTICO do mês. A Gazeta da Farmácia, São Paulo, jan. 1966.

O LIVRO da [...]. Correio Braziliense, Brasília, 6 abr. 1969.

RIBEIRO, Rafaella Sudário. Fora da vida: as mulheres da família Fleury (1896-1960). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RICHTER, Nair Perilo. Era um vez um castelo... A cidade de Goiás, Cidade de Goiás, 1º nov. 1959.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

Reitor

Jerônimo Rodrigues da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Paulo Francinete Silva Júnior

Coordenadora da Editora

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Conselho editorial

Carlos de Melo e Silva Neto

Fábio Teixeira Kuhn

Fernando dos Reis de Carvalho

Lucas Nonato de Oliveira

Maria Aparecida de Castro

Maria de Jesus Gomides

Rita Rodrigues de Souza

Tânia Mara Vieira Sampaio

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Coordenação da Coleção Artífices

Olliver Mariano Rosa

Marcela Ferreira Matos

GoianDIRA Ortiz

Digitação da obra original

Isabel Luísa Sampaio

Jéssica Aparecida de Amorin

Mariane Silva Lopes

Mateus de Paula Alves Fidélis

Revisão

Anapaula de Almeida

Francielle Rocha

Ivanillian Ferreira Paislandim

Rita Rodrigues de Souza

Rubia de Abreu Cavalcante

Projeto gráfico e capa

Pedro Henrique Pereira de Carvalho

Diagramação

Larissa Silva Costa (Editora IFSP)

Nathalia Rafaella M. Camargo (Editora IFSP)

Rubens Lacerda de Sá (Editora IFSP)

Renata Rosa Franco

Formato 150 x 210mm

Tipografia Helvetica Neue Bold 12/14 (títulos)
Mrs Eaves OT Roman 11/16 (texto)

Papel Pólen 80g/m² (miolo)
Cartão Supremo 300g/m² (capa)

Tiragem 500 exemplares

Conselho científico

Adelino Cândido Pimenta (IFG)

Albertina Vicentini Assumpção (PUC/GO)

Alice Maria de Araújo Ferreira (UNB)

André Luiz Silva Pereira (IFG)

Angel José Vieira Blanco (IFG)

Antônio Borges Júnior (IFG)

Camila Silveira de Melo (IFG)

Cândido Vieira Borges Júnior (UFG)

Carlos Leão (PUC/GO)

Celso José de Moura (UFG)

Clarinda Aparecida da Silva (IFG)

Cláudia Azevedo Pereira (IFG)

Dilamar Candida Martins (UFG)

Douglas Queiroz Santos (UFU)

Gláucia Maria Cavasin (UFG)

Jullyana Borges de Freitas (IFG)

Jussanã Milograna (IFG)

Kellen Christina Malheiros Borges (IFG)

Kenia Alves Pereira Lacerda (IFG)

Liana de Lucca Jardim Borges (IFG)

Lidia Lobato Leal (IFG)

Lillian Pascoa Alves (IFG)

Manoel Napoleão Alves de Oliveira (IFG)

Marcelo Costa de Paula (IFG)

Marcelo Firmino de Oliveira (USP)

Maria Sebastiana Silva (UFG)

Marshal Gaioso Pinto (IFG)

Marta Rovey de Souza (UFG)

Mathias Roberto Loch (UEL)

Maurício José Nardini (MP/GO)

Pabline Rafaella Mello Bueno (IFG)

Paulo César da Silva Júnior (IFG)

Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Paulo Rosa da Mota (IFG)

Rachel Benta Messias Bastos (IFG)

Ronney Fernandes Chagas (IFG)

Rosana Gonçalves Barros (IFG)

Simone Souza Ramalho (IFG)

Waldir Pereira Modotti (UNESP)

Walmir Barbosa (IFG)

*Sempre, após grande sofrimento,
há no coração humano uma
vontade imensa de fazer o bem.*

A COLEÇÃO ARTÍFICES

COMO OS ESTREANTES NA POESIA, eram também aprendizes muitos dos que trabalharam na artefania dos tipos para compor a mancha gráfica dos poemas e das narrativas impressas na gráfica da ETG/ETFG dos anos 1940 aos anos 1970. Cá e acolá catam-se gralhas e pastéis, comuns ao ofício na linotipo, mas os erros tipográficos não nos impedem de ler e de apreciar as palavras reveladas pela mãos dos artífices da prensa. A eles temos de prestar uma justa homenagem, porque nos legaram a possibilidade de conhecer livros que poderiam ter restado no silêncio.

Numa ou noutra das obras desta coleção, alguns poderão acusar fragilidades poéticas ou mesmo ideias anacrônicas, contudo ninguém poderá retirar-lhes o mérito de ter contribuído para edificar e fortalecer a literatura goiana e, assim, para promover a leitura literária em Goiás – movimentos imprescindíveis para a valorização intelectual de nosso povo. Não vacilamos em convidar os prezados leitores, sobretudo os estudantes, a, com os olhos no futuro, folhearem cada uma das obras, sorvendo, sondando, desnudando a memória, a cultura, a história que nestas páginas existem.



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
São Paulo



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás

